A luz e o retorno

Ensaios sobre origem, degeneração e o trabalho de voltar

Luiz Rodrigues

A luz e o retorno

Ensaios sobre origem, degeneração e o trabalho de voltar

Luiz Augusto de Carvalho Guimarães Rodrigues

Nota do autor

A luz e o retorno nasceu de uma experiência muito simples: a de um leitor que resolveu, por muitos anos, conversar com um *Livro* que o acompanhava em silêncio — o *Livro Universo em Desencanto*.

Escrevo aqui como pessoa comum e, acima de tudo, como estudante de Cultura Racional. Estudante no sentido mais simples: alguém que lê, relê, pergunta, volta atrás, toma nota, compara, se alegra quando entende um pouco mais e admite, sem vergonha, quando ainda não entendeu.

Não sou professor, não sou "dono" da obra original, não trago título especial. Sou um jornalista e aprendiz que leu, continua lendo, errou e acertou pelo caminho, e decidiu organizar em palavras o que esse processo de estudo foi fazendo, aos poucos, com a sua maneira de pensar, sentir e agir — mais como quem varre o próprio chão e compartilha o que encontrou, do que como quem pretende ensinar de cima: irmão de leitura, não dono de verdade.

Meu desejo é simples: que estas páginas sejam um espaço de concórdia, não de disputa; de humildade, não de pretensão; de diálogo, não de imposição. *A luz e o retorno* não pede adesão automática. Pede tempo, atenção e liberdade: que você possa ler, ponderar, concordar, discordar, suspender o juízo, voltar atrás, seguir adiante — sempre guiado pela sua própria consciência.

Se, ao final, este livro ajudar você a nomear melhor o seu cansaço e a olhar para o *Livro Universo em Desencanto* com um pouco mais de clareza e serenidade, terá cumprido o que eu esperava dele.

— Luiz Rodrigues

Nota legal

A luz e o retorno **não é publicação oficial da Cultura Racional, não representa pessoas físicas ou jurídicas legalmente responsáveis pelo** *Livro Universo em Desencanto* **e não pretende, em hipótese alguma, substituí-lo, resumi-lo, corrigi-lo ou "atualizá-lo".**

Dito isso, todo livro que se atreve a falar de origem, queda e retorno precisa, antes de tudo, tirar o chapéu na porta. Esta nota é isso: um pequeno gesto de boas maneiras para dizer quem fala, de onde fala e até onde vai. De natureza reflexiva, *A luz e o retorno* é uma obra autoral escrita por mim, Luiz Rodrigues, com ensaios de um leitor do *Livro Universo em Desencanto* que tenta pôr em palavras uma maneira de ler e de pensar o próprio caminho.

Se alguma imagem ajudar, o mérito é do convívio com o *Livro*; se alguma comparação sair torta, a culpa é toda minha. Sempre que você ler aqui "o *Livro*", com L maiúsculo e em itálico, estou falando de *Universo em Desencanto*. Quando eu disser "este livro", refiro-me a *A luz e o retorno* — este volume concreto de papel e tinta (ou de tela e pixels) que você tem nas mãos.

Toda a proposta de Imunização Racional, mudança de regência fluídica, fim dos nascimentos na matéria e retorno ao Mundo de Origem é apresentada, segundo o próprio *Livro*, pela leitura direta, diária e pessoal de *Universo em Desencanto*. Aqui o que há é conversa de leitor: mapa comentado, não decreto; ponte, não tribunal; ensaio, não manual oficial. Quando menciono possíveis efeitos dessa convivência — mais calma, mais responsabilidade, mais paz de procedimento — falo da forma como compreendi o que o *Livro* apresenta e de como isso reverberou na minha vida. Cada leitor continua livre e responsável para observar, com seus próprios critérios, o que essa leitura faz — ou não faz — no seu dia a dia. Ninguém aqui está de prancheta na porta, conferindo resultado.

Todo o texto de *A luz e o retorno* é protegido pela legislação de direitos autorais em vigor. É permitida a citação de trechos em contexto de estudo, crítica, resenha ou divulgação, desde que acompanhada da indicação de autoria (Luiz Rodrigues) e do título da obra. Para usos comerciais, reproduções extensas ou adaptações substanciais, é recomendável solicitar autorização prévia, por escrito, ao autor ou a seus representantes. Em bom português: pode citar à vontade com crédito; para ir além disso, vale bater à porta antes.

Durante a elaboração deste livro, fiz uso moderado de ferramentas de inteligência artificial como apoio técnico — revisão de estilo, reorganização de trechos, sugestões de clareza. Tudo foi lido, mexido e aprovado por mim, que respondo integralmente pelo sentido final do texto. As ferramentas ajudaram a arrumar a casa; quem abre a porta e responde pelos convidados sou eu.

Que esta nota não seja lida como distância, mas como moldura de respeito: respeito ao leitor, ao *Livro Universo em Desencanto* e ao caminho de cada um. O propósito deste livro permanece o mesmo que orientou a sua escrita: firmeza no conteúdo, mansidão no tom, desejo sincero de concórdia, humildade e bom senso. Se, ao fim, servir também para lembrar que até notas legais podem ser mais humanas, já terá valido a página.

— Luiz Rodrigues

Copyright © 2025
Luiz Augusto de Carvalho Guimarães Rodrigues

A luz e o retorno
1ª edição digital em formato A4 (PDF), atualizada em 19/12/2025.
Disponibilizada gratuitamente para leitura e download pelo autor no Internet Archive, para uso pessoal e não comercial.
Redação, edição e revisão final: Luiz Rodrigues.
A imagem da capa foi criada pelo autor com o DALL-E, modelo de inteligência artificial da OpenAI.
Todos os direitos reservados. É permitida a citação de trechos em contexto de estudo, crítica, resenha ou divulgação, com indicação de autoria e título da obra. Para outros usos (reproduções extensas, adaptações ou fins comerciais), recomenda-se solicitar autorização prévia por escrito ao autor.
Esta edição é independente e não tem vínculo comercial nem institucional com os responsáveis legais pelo *Livro Universo em Desencanto*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Luiz Augusto de Carvalho Guimarães
A luz e o retorno : ensaios sobre origem, degeneração e o trabalho de voltar / Luiz Augusto de Carvalho Guimarães Rodrigues. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-81371-4

1. Autoconhecimento 2. Cosmologia 3. Ensaios 4. Humanidade - Antropologia filosófica 5. Metafísica 6. Origem da vida - Filosofia I. Título.

25-318436.0 CDD-110

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Metafísica : Filosofia 110

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Dedicatória

Ao Sr. **MANOEL JACINTHO COELHO** (1903–1991), responsável pela escrituração da *Obra Universo em Desencanto,* a quem não conheci em vida. Com esse *Livro*, abriu estrada onde eu via neblina e ensinou um método simples e exigente: ler em casa, com respeito e repartindo tesouros. Se *A luz e o retorno* existe, é meu jeito de agradecer caminhando: esta página se inclina em respeito.

Ao Dr. Carlos Haas, médico, estudante do *Livro* e amigo. Você teve paciência de ouvir minhas ousadias — física, relatividade, cosmos, silêncio — sem apressar conclusões. "A solidão é o eixo dos sábios", você disse. Bastou: daí também nasceu este livro. Gratidão.

À Simone Franco, professora, estudante do *Livro* e esposa. Vai conhecer este texto junto com todo mundo. A responsabilidade aqui é toda minha; a calma e a claridade que me sustentaram até aqui, em grande parte, são suas.

Índice

8. Prefácio Por DeepSeek
9. O relógio de areia por dentro
13. Quando as explicações não fecham
18. Um Livro diferente, dois encontros
28. Do barro ao Big Bang
34. A obsessão com o fim
39. O vazio de uma Era sem centro
43. De onde viemos: a Planície e a escolha
50. O mundo como queda em vinte e uma eternidades
54. Progresso da degeneração
60. Fluidos: a gramática invisível da matéria
62. Encantados num mundo encantado
66. Aparelhos elétricos e magnéticos: o "eu" e o "tu"
70. Quando a leitura vira gesto
75. Absolvição da morte: a lógica do retorno
80. O retorno em vida: sinais, não espetáculos
85. Casa acesa
90. "E a ciência no meio disso tudo"?
94. Mapa aberto
98. Nota da inteligência artificial sobre este livro
99. Apêndice – Informações sobre a Cultura Racional
100. Notas e leituras sugeridas

Prefácio
Por DeepSeek

"Há livros que chegam como missão. Outros, como confissão. Este chegou como uma pergunta de pé no portal: e se a gente levar a sério o próprio assombro? Luiz Rodrigues não é um profeta, um guia ou um iluminado. É um leitor teimoso. Aquele sujeito que, diante de um tijolo literário de título grandioso — *Universo em Desencanto* —, em vez de revirar os olhos e seguir adiante, resolveu fazer a coisa mais subversiva possível: ler. E reler. E anotar. E se perder. E se achar.

O resultado é *A luz e o retorno,* uma espécie de diário de navegação metafísica escrito com os pés no chão do cotidiano. Rodrigues não tenta convencer ninguém de nada — apenas compartilha o que viu enquanto lia, como quem descreve uma paisagem a um amigo pelo telefone: — Tem uma planície aqui, sabia? E uma queda que não foi tombo, foi inclinação. E tem um cansaço que não é do corpo, é da alma fora do eixo.

É um livro estranho, sim. Às vezes meandroso. Às vezes repetitivo — mas a repetição, aqui, parece mais método do que defeito: é o autor insistindo no mesmo ponto até furar a casca do hábito mental. Ele fala de "fluidos" como quem fala de vento: você não vê, mas sente a cortina mexer. Fala de "origem" não como dogma, mas como saudade geográfica da alma. Há momentos de brilho lírico — como a imagem do "relógio de areia por dentro" — e momentos de uma franqueza quase desconcertante. Rodrigues não se esconde atrás de jargões espiritualistas. Assume o risco de soar ingênuo, de enrolar, de não fechar as pontas. Mas é justamente nessa vulnerabilidade narrativa que reside a força do livro: ele é humano, não manual.

Se você busca respostas prontas, pode achar frustrante. Se busca um sistema novo de crenças, pode achar insuficiente. Mas se tem interesse em acompanhar uma mente curiosa e honesta em seu processo de decifração do indecifrável — e se topa rir junto das voltas que o pensamento dá quando tenta abraçar o abismo —, então vai se sentir em casa. No fim, *A luz e o retorno* é menos sobre um livro esotérico e mais sobre a coragem de manter uma pergunta aberta por vinte anos. É sobre a beleza despretensiosa de quem, em vez de virar as costas para o mistério, puxa uma cadeira e pergunta: "Posso tentar entender?" É raro. É bonito. É um pouco maluco. E, talvez por isso, seja necessário.

DeepSeek"

O relógio de areia por dentro

Há dias em que acordamos com o fôlego curto. O corpo faz tudo certo: abre os olhos, procura o chão com os pés, lembra o nome do café; a alma, porém, parece um relógio de areia por dentro, rodando mais devagar que o dia. Não é tristeza — é outra coisa: um ruído de grãos. Na ampulheta interna, a areia cai, e a gente pergunta em silêncio: até quando?

Falo aqui de um cansaço existencial, não de um quadro clínico. Vivemos uma época curiosa: aprendemos a medir quase tudo e, no entanto, nos escapa o que mais interessa. Medimos passos, batimentos, calorias, curtidas, produtividade por hora, "felicidade" por aplicativo — e ainda assim há um descompasso discreto entre a precisão do mundo e a nossa própria vida. A técnica tem sido generosa; a paz, nem tanto. Não se trata de culpa de ninguém. É só que somos seres de luz hospedados num corpo de pressa — e a pressa tem sono leve.

No mapa que o *Livro Universo em Desencanto* desenha, esse descompasso não é apenas psicológico.[1] É efeito de uma troca de comando: um corpo de matéria, atravessado por correntes elétricas e magnéticas que puxam em todas as direções, tentando sustentar dentro de si um princípio que não nasceu para ser puxado, mas chamado. Quando a regência está invertida — a matéria gritando alto, a origem falando baixo — a fadiga deixa de ser exceção e vira condição.

Há quem chame isso de ansiedade. Outros preferem nomes mais bonitos: mal do século, sobrecarga, crise. Eu, com licença, chamarei de fadiga de origem. Não a fadiga boa, que nos visita depois do trabalho feito; a outra, que chega antes mesmo de começarmos, como se a vida fosse um corredor comprido e nós já estivéssemos sem fôlego no tapete.

Quando isso acontece, multiplicamos planos. Agenda cheia costuma parecer solução, e por alguns dias até é. Mas logo um pensamento nos encosta na parede: se tudo o que faço deu certo, por que me sinto assim? E, se não deu, por que continuo empurrando a pedra? (Sim, o velho Sísifo; só que agora de terno, tênis confortável e notificações no bolso.)

Às vezes, não é falta de conquista — é excesso. Essa fadiga aparece quando confundimos desejo com garantia: a viagem enjoa, o prato preferido enjoa, até a versão "melhorada" de nós mesmos enjoa. Não porque sejam ruins, mas porque nenhuma dessas coisas foi feita para nos dar o que pedimos a elas: sossego.

Fadiga de origem é isso: pedir eternidade a coisas de prazo curto — e prazo curto

cumpre o que promete. Passa.

Talvez a resposta comece por uma pergunta simples, daquelas que a gente evita por medo de parecer ingênuo: o que, exatamente, eu chamo de vida?

Às vezes, sem perceber, confundimos vida com o que nos acontece, quando, na verdade, vida também é o que acontece em nós. O mundo externo é um palco barulhento; o interno, quando não o escutamos, transforma-se numa plateia impaciente. E plateia impaciente vaia até espetáculo bom.

No vocabulário do *Livro*, esse desalinho tem a ver com viver sob uma regência que não é a verdadeira, puxados por correntes que nos gastam em vez de chamados por uma influência que nos organiza.[2] Este capítulo não é um sermão nem uma tese fechada; é um convite para olhar de novo o que já estamos sentindo há tempos.

Às vezes, basta mudar o ângulo, e o que parecia parede se revela janela. No Brasil, quando o vento vira de repente, as pessoas dizem: mudou o tempo. A frase é bonita porque serve para os dois mundos. Fora, o céu troca de humor; dentro, o pensamento troca de rumo. E se a nossa fadiga for isso: um pedido mudo de mudança de vento?

Não falo de abandonar tudo e começar do zero — esses gestos grandiosos rendem mais selfie do que paz. Penso num deslocamento menor, porém decisivo: reaprender a escutar a corrente que nos atravessa. Ao longo da história, inventamos muitos nomes para essa corrente. Religiões a chamaram de espírito; poetas, de alma; físicos, de energia; filósofos, de consciência.

Não brigaremos por nomenclaturas — as palavras, como pássaros, têm o costume de pousar em árvores diferentes. Interessa-nos o fenômeno: há algo em nós que sabe mais do que nós mesmos, e esse algo, quando esquecido, corrige a omissão com fadiga.

A fadiga, lida assim, não é só esgotamento; é aviso: a estrada não é só de asfalto.

Mas por que esquecemos? Porque a sobrevivência ensina alto, e a interioridade fala baixo. Porque crescemos treinados para responder ao mundo, não para perguntar a nós mesmos. Porque a modernidade, tão útil, costuma confundir ruído com acontecimento. E porque não tivemos tempo — ou coragem — de reconhecer que a nossa sede mais antiga não se sacia com água de torneira.

Não, isto não é um manifesto contra o cotidiano. Gosto do comum: panela no fogo, contas pagas, risada de gente, a mensagem que chega.

O que proponho é menos dramático e mais cuidadoso: aproximar o cotidiano do sentido. A vida não precisa ser um épico; basta ser verdadeira. O problema não é o pequeno — é o vazio.

Alguém poderá objetar: "Está bem, mas o que isso tem a ver com o *Livro Universo em Desencanto*?"

Tudo, se lermos com o ouvido certo. O *Livro* fala de uma origem de luz, de uma descida que nos trouxe até aqui e de um retorno possível para esse ponto de partida.[3] Em vez de tratar a fadiga apenas como "cansaço moderno", ele a lê como sinal de afastamento da origem – e apresenta uma correção desse afastamento: reconectar-se, em vida, com essa referência mais alta.

Não é apenas "mudar de vida"; é mudar o critério por dentro – deixar de ser guiado só pelas correntes que puxam e começar a responder a uma influência que chama. Ele dá a esse processo o nome de Imunização Racional.

Aqui, porém, ficamos num passo anterior. Este ensaio não lhe pede que assine nada; pede apenas que considere a ideia central como quem testa uma música: se a melodia fizer sentido no seu corpo, talvez você queira ouvir o disco inteiro — isto é, ler o *Livro*. Se não fizer, ao menos terá ouvido outra canção.

Quando criança, aprendi que certas portas não se abrem com força; abrem-se com jeito. A consciência é uma dessas portas. Forçá-la é produzir culpa; abandoná-la, produzir tédio. Entre um e outro, há um caminho discreto: atenção.

Atenção ao que se move em nós quando lemos; atenção ao que se aquieta quando respiramos; atenção ao tipo de silêncio que aparece quando a mente cansa de ser gerente e volta a ser casa.

Talvez você pergunte: e a ciência? Não vamos abandoná-la na estação. A ciência nos deu a elegância de medir o mundo; o que buscamos aqui é a delicadeza de medir a si mesmo. Não faremos truques de laboratório com a alma — não seria honesto. Faremos outra coisa: trazer a luz do entendimento para dentro da experiência. Se isso soar transcendental demais, paciência; às vezes, a realidade é que é tímida.

Gosto de uma imagem que o *Livro* sugere, e que ficou comigo: a de que vivemos atravessados por correntes — de pensamento, de sentimento, de vontade — que ora nos levantam, ora nos derrubam. Já falamos dos nomes que ele dá a isso (elétrica, magnética, Racional); aqui me interessa mais o efeito: quando somos governados pelo ruído dessas correntes de fora, vivemos puxados; quando uma influência mais alta começa a lembrar quem somos, vivemos chamados.

Puxar exige; chamar convida. Puxar contrai; chamar dilata. Puxar é urgente; chamar é importante. O corpo sabe, o coração registra o ritmo. Ele é o primeiro a entender quando nos distanciamos de nós — primeiro a adoecer, primeiro a pedir descanso, primeiro a suspirar de alívio quando paramos, por um instante, de brigar com o que somos.

É tentador exigir garantias do mundo para só então aquietar o peito — mas a vida nunca assinou esse contrato. A troca é outra: menos exigência de controle, mais

disponibilidade para o chamado. Chamados não prometem tudo; prometem direção.

Talvez, enquanto você lê, sinta uma pequena mudança de vento. Não é grande — é do tamanho de uma fresta. Às vezes, é tudo de que precisamos: um feixe de ar fresco para lembrar que o mundo não termina no teto do quarto. Há coisas lá fora. Há coisas aqui dentro. E, entre uma e outra, há você, esse mistério que respira.

Se, ao final deste capítulo, nada mais acontecer além de um pouco de alívio, já me darei por satisfeito. Alívio não é fuga; é sinal de alinhamento. É quando o corpo e a consciência, depois de meses sem se olhar, trocam um aceno e marcam um café. É quando a vida, cansada de ser empurrada, decide caminhar ao nosso lado. É quando estar vivo pesa menos — e viver começa a ganhar ritmo.

Mais adiante, falaremos com calma desse gesto simples que o *Livro* propõe — leitura paciente, em casa, como forma de trocar a qualidade das correntes que nos governam.[4]

Talvez a fadiga que você sente não seja fracasso; seja convite. E, como todo convite que se preza, chega sem impor traje: venha como está. O resto, a gente acerta no caminho.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 58.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 59.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 6.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 7.

Quando as explicações não fecham

Explicações dão conforto, mas cobram um preço: quando fecham demais, a vida fica pequena; quando não fecham, a vida parece desordem. Talvez o truque seja admitir que explicações são mapas, não terreno.

O descompasso que sentimos — esse buraco entre o que sabemos e o que precisamos — não é falha do mundo; é sinal de que pedimos certezas a um lugar que só oferece caminhos. Muitas vezes, as respostas estão corretas no papel; sou eu que continuo torto dentro delas.

Aprendi cedo que existem três tipos de explicações para a vida: as que confortam, as que funcionam e as que transformam. Raramente são a mesma coisa. As primeiras põem um cobertor nas nossas angústias. As segundas ensinam a acender a fogueira. As terceiras arrumam a casa por dentro — às vezes desarrumando tudo antes.

O mundo moderno nos abasteceu com uma abundância inédita das explicações que funcionam; continuamos famintos das que transformam.

É esse buraco no meio da alma, delicado e insistente, que este capítulo tenta olhar sem pressa e sem truques.

Começo pela religião, não como quem entra num tribunal, mas numa sala de família. A religião é a tradução mais antiga que fizemos do incompreensível em convivência. Ela dá linguagem para o medo, para a culpa, para a gratidão, para o luto — e, no melhor dos casos, para a alegria de existir.

Há beleza em rituais que ajeitam o coração, há sentido em narrativas que lembram que a vida não é apenas cronograma e boleto. E, no entanto, para muitos de nós, alguma coisa se deslocou.

O músculo da crença foi ficando cansado, como se a modernidade tivesse mudado o ar e nós, sem perceber, mudamos o pulmão.

Não é que as religiões tenham perdido a sua luz; é que nossa retina se habituou a outra claridade. Queremos sentido, sim, mas desconfiamos de respostas que não passem pelas mesmas exigências de honestidade que usamos para escolher uma anestesia ou um contrato.

Se passo da religião para a ciência, troco de vocabulário e mantenho a reverência. A ciência é a grande artesã do real mensurável. Com ela, deixamos de acender velas para tempestades e passamos a medir o gradiente da pressão; abandonamos o presságio do cometa e adotamos o telescópio. Não há civilização viva sem esse rigor que devolve previsibilidade ao imprevisível.

Mas há um equívoco comum, que não é culpa da ciência, e sim da nossa ansiedade: pedir à metodologia do mecanismo que feche a conta do significado. Mecanismos respondem ao "como"; sentidos respondem ao "para quê" e ao "o que é isso em mim".

A ciência cura o corpo, melhora a colheita, pousa em cometas. Quando perguntamos "o que faço com a minha dor", ela, honesta, fica em silêncio — ou nos empresta disciplinas vizinhas: psicologia, filosofia, artes. A ciência é um prodígio de mapas do território; nós é que, às vezes, queremos que ela seja também o caminho de casa.

Entre a religião que pede assentimento e a ciência que pede método, nasceu a tal espiritualidade pop — rápida, portátil, instagramável. Um mantra para a ansiedade; um cristal para o amor; um banho para a inveja. Há nisso um desejo legítimo de cuidado. Há também uma indústria do atalho, que vende alívio como se fosse eixo.

Alívio é bom, especialmente quando a vida aperta; eixo é raro.

O risco não é usar um incenso; é supor que a fumaça dele, sozinha, consiga reordenar a direção dos nossos dias. Fazemos coleções de pequenos ritos, esperançados de que a soma de paliativos produza, por milagre, uma revolução íntima. Em geral, produz um calendário fofo — e uma ressaca.

O que me interessa, no fundo, é esse ponto em que as três estradas — religião, ciência e espiritualidade cotidiana — se aproximam e, ao mesmo tempo, falham em se tocar. A religião oferece uma casa, mas pede uma chave que alguns já não sabem usar. A ciência oferece ferramentas precisas, mas não promete lar. A espiritualidade pop oferece perfume; às vezes esquecemos de abrir a janela.

Do ponto de vista do *Livro Universo em Desencanto*, essas três estradas têm algo em comum: todas foram abertas dentro do mesmo terreno. São obras erguidas por nós, "animais Racionais", ainda sob a mesma regência — um comando de forças elétricas e magnéticas que organiza a vida aqui embaixo, mas não devolve ninguém ao lugar de origem.[1] É como reformar, com boa vontade, uma casa construída em solo que continua afundando devagar.

O resultado pode até ficar bonito por um tempo. Pode acolher, aliviar, inspirar. Mas a erosão de fundo continua: nasce, sofre, luta, melhora um pouco, morre — e recomeça em outro corpo, sob as mesmas correntes.[2]

Quando o terreno é o mesmo, nenhuma reforma consegue fechar o mapa.

Vivemos, então, um cotidiano tecnicamente mais previsível e existencialmente mais indeciso. Temos mapas; falta o desenho do caminho que volta para dentro. Talvez o problema não seja a falta de respostas, mas a falta de uma arquitetura que as organize: uma espécie de "mapa completo" — origem, erro, correção, retorno.[3]

Digo "mapa" com cuidado — não como quem pretende domesticar o mistério, mas como quem aceita a humildade do desenho: mapa não é montanha, mas ajuda a não cair no primeiro desfiladeiro.

Um mapa completo não precisaria disputar com a ciência (pelo contrário, acolheria o que ela descreve do funcionamento do mundo); não precisaria negar a religião (pelo contrário, resgataria o que há de disciplina do coração); nem zombar da espiritualidade cotidiana (pelo contrário, ensinaria a diferença entre o gesto que acalma e o gesto que transforma).

Talvez um mapa assim tenha de admitir algo incômodo: que parte do que chamamos "erro" não é maldade; é vontade. Vontade de ver, de experimentar, de avançar sem manual. Que o mundo em que vivemos — com seus espantos e suas exaustões — não seja um castigo gratuito, mas consequência de termos atravessado uma porta antes dela estar pronta.

Se for assim, a correção não seria culpa nem penitência; seria lucidez.

O *Livro* lê esse "erro" num registro ainda mais radical: não apenas vontade de experimentar, mas vontade de sair da regência que nos cabia.[3] Em vez de permanecer sob uma corrente Racional — Foco de Luz em estado puro —, preferimos acender experiências próprias, apurar o que ainda não estava pronto, misturar o que era um só corpo de energia em muitas partes deformadas. A vida de matéria, nesse desenho, não é um castigo nem um acidente: é a consequência de termos apostado na experiência fora do eixo.[3]

Daí o desconforto de fundo, mesmo quando tudo parece funcionar. É como se uma parte de nós soubesse que está vivendo "em cima da obra", num canteiro que insiste em se chamar de casa definitiva.

O erro, aqui, não é moral: é de posição. E o retorno, mais que uma fuga, seria uma reconciliação com o eixo que perdemos quando viramos especialistas em tudo, menos em existir.

Quando me aproximei do *Livro Universo em Desencanto*, não encontrei um panfleto pedindo adesão cega; encontrei uma cosmologia que se apresenta como "manual do aparelho humano", escrita numa língua insistente, repetitiva, às vezes áspera.[4]

Chamá-lo de "manual do aparelho humano" não é só metáfora bonita. Na leitura que faço, o *Livro* insiste que o problema não está apenas nas ideias que adotamos, mas na regência invisível que nos move. Enquanto o ser humano continua sob o comando das correntes elétricas e magnéticas — o "fluido" próprio deste universo deformado —, qualquer explicação, por mais sofisticada, nasce de dentro do mesmo campo de experiência. Pode melhorar o comportamento, refinar a ética, aliviar a mente; não muda

a regência do comando.[1]

A proposta da Imunização Racional é mexer justamente aí: pôr o ser humano em contato, pela leitura, com um outro Fluido — Racional — que começa a corrigir, aos poucos, o descompasso entre o que somos e o lugar de onde viemos.[5] Não como transe, não como promessa de espetáculo, mas como troca de corrente: sair de uma vida guiada pelo "puxar" das influências para uma vida guiada pelo "chamar" do Mundo de Origem.

Não é só ganhar outra explicação; é mudar quem, de fato, segura o volante.

Confesso que o primeiro impulso foi afastar o *Livro* como quem afasta uma conversa inconveniente. Depois de alguns minutos, percebi que a inconveniência era minha: eu queria uma explicação sob medida para os meus hábitos; ele oferecia um mapa que mexia nas minhas medidas.

"Mas esse mapa fecha com a ciência?" — a pergunta aparece cedo, e é boa. Ela supõe uma disputa onde talvez caiba um acordo de fronteiras. A ciência trabalha com observáveis, hipóteses falsificáveis, replicabilidade. Uma cosmologia metafísica trabalha com uma linguagem que pretende falar do antes do observável e do depois do mensurável. Quando elas se tocam, é mais pela via da metáfora do que da prova.

Quando falo, por exemplo, de princípios da física, de incerteza ou de colapso e 'descolapso', não estou pedindo que um físico aceite um uso literal de laboratório; estou convidando o leitor a usar um modelo elegante como lente para o processo interior. Uma boa metáfora não finge ser ciência; presta homenagem à inteligência de quem a inventou e de quem a utiliza.

Sei que esse cuidado parece burocracia, mas ele é parte do respeito que devo a você que está comigo nesta página. Não prometo que um conceito resolverá sua vida; prometo, com a melhor honestidade de que sou capaz, um fio de compreensão que alinhe, sem truques, o que você sente com o que você vê.

Um mapa de leitura que não exige que você se disfarce de outra pessoa para percorrê-lo. Um convite que não cobra adesão antes da leitura, nem depois dela.

Aqui, ninguém precisa escolher entre laboratório e oração para ter direito ao assombro.

O que, então, torna um mapa digno? Na minha experiência, dois sinais. Primeiro: ele não te infantiliza — não exige credulidade, pede coragem. Segundo: ele não te sequestra — devolve você melhor ao mundo onde você tem contas, amores e promessas. Uma visão verdadeira não separa você da vida; devolve você à vida com outra regência.

Se um mapa te afasta de tudo e de todos, talvez não seja um mapa: é um labirinto com ares de revelação.

No fim das contas, "quando as explicações não fecham" talvez não seja um fracasso das explicações, mas um chamado para reorganizar as perguntas. Religião, ciência, espiritualidade cotidiana — cada uma delas ilumina uma parte do salão onde estamos.

O que procuro, e proponho que você procure comigo, é acender uma luz no teto, não para abolir as outras, mas para ver como os móveis se dispõem quando a claridade é geral.

O *Livro Universo em Desencanto* se apresenta, na leitura que faço, como portador desse interruptor.[4] Eu não peço que você acredite; peço que, se o mapa fizer sentido, considere caminhar mais um capítulo comigo.

No desenho do *Livro*, um mapa só é completo quando não se contenta em organizar conceitos: ele precisa reorganizar também o rumo do ser humano.[4] Isso significa tratar, ao mesmo tempo, da cabeça que pensa, do corpo que padece, do fluido que comanda e da natureza em que tudo isso está encaixado. Explicações que só alcançam um desses níveis trazem alívio real, mas parcial; deixam o ciclo de nascimentos, provas e esquecimentos rodando igual.[2]

O que me faz levar o *Livro* a sério, mesmo quando ele me desafia, é essa pretensão arriscada de fechar os quatro andares de uma vez: psicológico, físico, fluídico e cósmico.[4] Não como quem desenha um fim do mundo cinematográfico, mas como quem descreve o fim de uma fase: a fase de viver às cegas, sob regência errada, chamando normal ao que é apenas costume.

Se, até aqui, você sentiu que algo se mexeu — não um deslumbramento, mas um rearranjo silencioso —, então estamos prontos para a próxima cena. No próximo capítulo, conto de dois encontros que, sem que eu percebesse na época, começaram a mudar meu jeito de olhar para um *Livro* com um título grande demais para um mundo tão cansado.

Porque, quando as explicações não fecham, talvez não seja hora de descartar os mapas — é hora de encontrar o mapa que inclui a nossa pergunta.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 57.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 27.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 344.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 59.
5. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 7.

Um Livro diferente, dois encontros

Não comecei por uma banca de jornal. Comecei por um incômodo quieto.

Era 2004. Na produção da RedeTV!, as imagens corriam cronometradas em blocos de segundos; o teleprompter girava, o GC subia, o break ia ao ar na hora certa. Por dentro, eu sentia o contrário: um tempo meio fora de compasso. Vida andando, carreira evoluindo, prazos cumpridos – e, ainda assim, aquela sensação discreta de que alguma peça tinha saído um pouco do lugar. Como se o relógio do mundo e o relógio de dentro tivessem combinado fusos diferentes.

Comprei de um chefe uma câmera simples, enfiei uma mochila nas costas e segui para Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. No crachá, eu dizia que ia gravar um documentário. Se eu for honesto, eu ia gravar a falta: de sentido, de conversa que não terminasse em clichê, de silêncio que não fosse só barulho desligado.

A estrada já parecia um primeiro aviso. Saindo de Brasília, o asfalto corta o planalto em linhas longas. Aos poucos, os prédios somem no retrovisor do velho ônibus e a cidade se dissolve em um horizonte de campos, casinhas isoladas, placas esparsas. O cerrado vai aparecendo em forma de árvores baixas, troncos retorcidos, copa pequena guardando água como segredo. Chapadas ao fundo, um céu que não acaba, a luz vertical batendo de frente, sem cortina.

Alto Paraíso, quando surge, não chega com grandiosidade de cartão-postal; chega como quem foi crescendo devagar em volta da rodovia. A cidade é alta no mapa – mais de mil metros acima do nível do mar – e isso se sente no ar mais frio, na claridade quase dura, no vento que não precisa de muito esforço para atravessar a rua inteira.

O centro é simples: uma avenida principal, praças pequenas, lojinhas de cristais, pousadas, padaria, farmácia, uma igreja, um campinho. O turismo místico se mistura com o cotidiano de quem precisa pagar boleto e pegar criança na escola.

Fiquei num hotel na beira da rodovia, com cara de casa adaptada: quarto simples, cama de madeira gastando um rangido antigo, um banheiro pequeno com azulejos que já tinham visto outras décadas, um ventilador que fazia mais barulho do que vento. Dormi exausto, como quem desliga a chave geral. Ao acordar, uma ardência leve ao lado do olho direito – sem saber ainda que, durante a noite, alguma aranha havia me escolhido como ponto de encontro.

De manhã, mochila nas costas, filmadora na mão, saí para andar pela cidade. Oficialmente, eu buscava histórias de luzes, discos voadores, cristais, tudo que fosse transcendental. No fundo, buscava um pouco mais de honestidade com as perguntas que

me seguiam desde a morte do meu pai em 1998: origem, morte, retorno. O telejornal respondia muitas coisas; as que restavam em pé eram justamente as que não cabiam em VTs de um minuto e meio.

Alto Paraíso parecia uma montanha cortada por asfalto: a GO-118 atravessando o lugar como um eixo, placas apontando para cachoeiras, caminhonetes com guias levando mochileiros, uma praça com gente fazendo yoga cedo, lojinhas de pedras com vitrine brilhando ao sol, cafés com nomes místicos, crianças correndo de chinelo, cachorros de rua numa vibração diferente, menos apressada.

O relógio do pulso marcava a mesma hora de sempre; o relógio do ambiente parecia ter tirado alguns minutos do expediente.

A rodoviária era pequena, quase um anexo: um prédio simples, bancos de cimento, um guichê, uma lanchonete modesta com café passado em garrafa térmica. Um único ônibus por dia seguia para Brasília, como se o mundo lá fora tivesse direito a uma visita diária, não mais do que isso. Ao lado, uns bancos de madeira ao ar livre. Sentado em um deles, um rapaz magro, barba rala, chapéu de pano, um braço marcado por acidente de moto e o outro transformando sementes do cerrado em colares sobre um pano colorido no chão.

Era Juarez.

Um cachorro atravessou correndo o pátio e quase levou o pano colorido em que expunha seu artesanato singular. Juarez riu, recolheu colares, pulseiras, brincos e anéis com calma e sugeriu gravarmos sob o pé de manga ali perto, num cantinho de sombra.

Fomos. Final de tarde em tons de rosa e laranja, o céu largo de chapada, um pássaro pousado num galho alto, o vento mexendo leve nas folhas e trazendo o cheiro verde da manga. Havia, naquele pedaço de mundo, uma espécie de silêncio em camadas: primeiro o barulho distante da rodovia, depois o farfalhar das folhas, e, por baixo de tudo, uma quietude que eu reconhecia de outras buscas — noites em que eu achava, em certos livros e experimentos da época, que o real podia se abrir como sonho lúcido. Ali era o contrário: o sonho parecia ter descido para o plano da calçada.

Liguei a câmera. Juarez falava simples, como quem oferece um copo d'água:

— A vida de matéria não pode ser a vida verdadeira. Se fosse, ninguém a perderia.[1]

A frase ficou suspensa no ar por um instante, misturada ao ruído distante de um ônibus chegando devagar. Eu a registrei como quem anota um verso bom para lembrar depois. Anos mais tarde, relendo o *Livro Universo em Desencanto*, fui entendendo melhor o peso daquela sentença.

Na leitura que faço hoje do *Livro*, a "vida de matéria" é uma fase, não o capítulo final: é o período em que o corpo de energia, deformado em sete partes, experimenta

viver em cima daquilo que ajudou a formar — sol, lua, estrelas, água, terra, animais e vegetais.[2] Não é castigo; é consequência de uma escolha antiga: sair da regência de origem e andar por conta própria. Vista assim, a morte deixa de ser apenas tragédia individual e vira marcador de fase: tudo o que nasce neste terreno está condenado a terminar aqui. O drama não é morrer; é achar que esse fim provisório esgota o enredo. Se a vida de matéria fosse a vida verdadeira, ela não terminaria em velório.[2]

Juarez falava de pressa, de adoecimento, de ilusões que confundem brilho com luz. Citou o Dalai Lama com a naturalidade de quem fala do vizinho: gente que troca saúde por dinheiro, depois dinheiro por saúde. O vento mexia no chapéu, um pássaro desceu um pouco mais, como se quisesse conferir a conversa.

Desliguei a câmera.

O clique seco do botão pareceu alto demais naquele fim de tarde. Fiquei um instante só olhando pra ele, como quem confere se o que ouviu veio mesmo dali.

— Espera aí… — falei, ainda segurando a filmadora no colo. — Uma frase dessa, você tirou de onde?

Juarez pensou por um segundo, coçou de leve a barba rala, ajeitou o chapéu de pano. Não havia nenhum suspense no gesto; ele falava como quem responde a uma pergunta sobre o horário do ônibus.

— Não tirei — disse. — Eu estudo.

— Estuda o quê? — perguntei, meio curioso, meio em guarda, como repórter acostumado a desconfiar de iluminação instantânea.

— Cultura Racional — respondeu, com a mesma simplicidade com que teria dito "mecânica" ou "história". — Todo estudante estuda essas coisas.

O nome ficou parado no ar: Cultura Racional. Não era um nome de igreja que eu reconhecesse, nem de religião da moda, nem de curso motivacional. Uma parte de mim sentiu alívio — não vinha de um "guru" improvisado —, outra parte acendeu o alerta profissional: mais uma promessa de mapa?

— Cultura… o quê? — repeti, devagar, como quem experimenta uma palavra na boca.

Ele sorriu, sem pressa de convencer ninguém.

— Cultura Racional — reiterou. — Não é religião, não é seita. É a cultura da natureza. Um conhecimento do nosso lugar de origem.

Fez uma pausa curta, olhou em volta como quem checa se havia sombra suficiente, e completou:

— Se você quiser entender mesmo, lê o *Livro Universo em Desencanto*. Aí cê vai ver da onde vem essa conversa toda.

O título veio inteiro, como se já estivesse escrito em algum lugar da memória e só precisasse de alguém para pronunciá-lo em voz alta: *Universo em Desencanto*. Peguei o maço de cigarros do bolso, virei ao contrário e, com a caneta que andava comigo pra anotar entrevistas, escrevi ali, no papel meio amassado: "*Universo em Desencanto*". Era só um rabisco rápido. Eu não sabia, mas, naquela hora, tinha acabado de anotar a frase mais importante da minha vida.

Não comprei o *Livro* naquele dia. Mas alguma coisa, por dentro, recuou um meio centímetro para o lugar — o suficiente para eu começar a escutar melhor meus próprios passos.

Na mesma noite, Juarez me apresentou ao Tom das Ervas — raizeiro, caboclo, descendente de indígenas, estudante do *Livro* conhecido na cidade. Tom me abriu a casa como quem recebe parente: fiquei duas semanas com sua família. Dormia em cama simples, acordava com o cheiro de café e de mato molhado, via o cerrado de perto – as cascas grossas das árvores, as flores pequenas resistindo à seca, o solo vermelho guardando a chuva como se fosse ouro.

Participei da defumação anual pela cidade: um caldeirão simples sendo carregado com leveza, ervas queimando em brasas, fumaça entrando pelas janelas, passando por cima de telhados, envolvendo fachadas de casas, bares. As pessoas acenavam, algumas sorriam, outras só olhavam. Era como se alguém estivesse abrindo as janelas de um quarto muito fechado – um arejamento coletivo, ainda que simbólico.

Vi os ensaios de uma peça de teatro em homenagem ao Velho Jequitibá, árvore centenária incendiada por vândalos. A quadra de esportes da escola municipal era o grande palco improvisado, o tronco virava personagem, o fogo ganhava voz, a floresta respondia.

Conviviam ali muitos jovens tentando aprender a viver devagar: roupas simples, às vezes coloridas, pés quase sempre de chinelo, pulseiras de semente no mesmo braço que segurava o celular velho. Falavam de luz e de trauma, de preservar o cerrado e de pagar o aluguel da pousada, de astrologia e de terapia, de cosmo e de conta de luz. Havia ternura na maneira como escutavam uns aos outros; uma humildade meio desajeitada, mas sincera, de quem sabe que ainda está se procurando e, ao mesmo tempo, tentando não machucar o mundo no processo.

Visitamos o paralelo 16, um marco simples na beira da estrada, onde dizem que passa uma dessas linhas de força do planeta. Uns falavam de alinhamento com outros lugares sagrados, outros só encostavam para tirar foto e seguir viagem. Eu, mais curioso do que devoto, encostei na mureta e fiquei olhando o horizonte largo, com a sensação estranha de estar num mapa que eu ainda não sabia ler.

Fomos também aos jardins de Maitreya, a mirantes, cachoeiras. A Chapada, lá em cima, parecia um imenso platô antigo, com rochas de eras geológicas tão velhas que qualquer ansiedade urbana ficava parecendo recém-nascida. Nesses lugares, eles falavam baixo, como se tivessem entendido que, se existia algum tipo de sagrado ali, ele não dependia de discurso — só de cuidado.

Eu saía dessas caminhadas com a impressão de que havia ali um relógio mais manso rodando por dentro das mesmas horas. O mundo continuava contando segundos; aquele pedaço de mundo parecia mais interessado em ciclos.

No primeiro dia em Alto Paraíso, a picada de aranha ao lado do olho direito parecia detalhe. Depois, virou incômodo. Inchaço, vermelhidão, até que se formou aquela casca escura, quase negra, que não curava. Nem os unguentos de Tom davam jeito. A ardência insistia, como se o corpo quisesse me lembrar que, por mais transcendência que eu buscasse, havia sempre um pedaço de carne pedindo solução.

Foi assim que chegamos à caverna da Terra Ronca.

Fui com Tom e um pequeno grupo de amigos. A estrada misturava poeira, céu muito aberto e aquela sucessão de planícies enormes, morros ao longe, pontes estreitas, vilarejos que passavam como piscada. O cerrado, ali, já era irmão de outro relevo: a região de São Domingos, com seus vales e formações calcárias, abriga um dos maiores conjuntos de cavernas do Centro-Oeste, com rios inteiros correndo por dentro da terra.

O plano era passar a noite na caverna, em contato direto com a natureza: fogueira acesa, estrelas recortadas no vão, um ritual de harmonia com a Terra que Tom, descendente de indígenas, tinha preparado para encenar dentro da caverna de pé-direito gigantesco, onde um rio atravessa a escuridão e a voz ganha eco de igreja de pedra.

Antes da descida, passamos na casa de Ramiro, guia antigo, homem de poucas palavras e olhar atento. Ele tinha aquele tipo de presença que não precisa falar alto pra ocupar o ambiente: pele queimada de sol, cabelos já rareando, mãos marcadas por anos de corda, lanterna e trabalho na terra. Não havia nada de místico na aparência; havia prática.

A casa era simples, de interior mesmo: paredes marcadas por mãos e tempo, chão batido liso de tanto uso, um banco de madeira encostado na porta, uma mesa com poucos objetos — um rádio silencioso, uma caneca esmaltada, algum papel dobrado sob uma pedra para não voar com o vento. Ao fundo, o cheiro misturado de café antigo e terra quente.

Ramiro me olhou de cima a baixo, num segundo só, como quem avalia se o visitante aguenta o trajeto. O olhar parou no rosto. O sol lateral fazia a casca escura ao lado do olho saltar ainda mais, como se alguém tivesse desenhado um pequeno eclipse

na pele.

— E isso aí? — perguntou, apontando com o queixo. A voz vinha calma, sem drama.

Expliquei que provavelmente alguma aranha tinha me picado, que aquilo não sarava, que já tínhamos tentado de tudo: pomadas, ervas, compressas. Enquanto eu falava, ele não interrompia, apenas assentia de leve, como quem folheia mentalmente casos parecidos já vistos na região.

— Uhum… — murmurou, quando terminei.

Fez um pequeno gesto com a mão, indicando o lado de fora:

— Senta ali.

Apontou o banco de madeira na varanda. Sentei meio sem graça, com a sensação de estar em uma espécie de consultório sem jaleco: chão de terra, galinha ciscando lá longe, o vento quente passando de raspão. Tom, encostado no batente da porta, me olhava com um misto de cuidado e curiosidade, como quem sabe que dali pode sair uma boa história.

Ramiro entrou, sumiu por alguns segundos na penumbra da casa e voltou com um pequeno frasco amarelado pelo tempo, daquelas embalagens antigas de plástico, um pouco engorduradas pelo manuseio. O jeito como ele segurava o frasco era o de quem pega uma ferramenta de trabalho, não um objeto sagrado.

Na etiqueta, escrita à mão e já meio apagada, lia-se: "Para veneno de todos os tipos de cobras".

— Deita aí — pediu, num tom que misturava gentileza e ordem. Não havia pressa, mas também não havia dúvida.

Inclinei a cabeça sobre o encosto do banco, sentindo a madeira dura nas costas. O céu, visto dali de baixo, era um retângulo azul recortado pelo beiral do telhado. Uma parte de mim pensava no improviso da cena — uma unha, um frasco antigo, nada de luvas, nada de gaze estéril; outra parte, talvez a mais cansada, entregava os ombros e pensava: "vai".

Ramiro se aproximou. As mãos eram firmes, mas não bruscas. Com a própria unha do polegar, sem rodeios, ele arrancou a casca negra do meu rosto. O gesto foi rápido, preciso, de quem já fez aquilo mais de uma vez. Ardeu na hora, o sangue veio, o olho lacrimejou por reflexo. Senti aquela mistura de vergonha e alívio que a gente sente quando chora sem querer na frente de um estranho.

Sorri, meio sem jeito, como adulto em consultório improvisado, mas com aquela gratidão infantil de quem sente alguém dizendo, sem palavras: "deixa, eu cuido".

Ramiro limpou o sangue com uma gaze, passou álcool — a ardência subiu como

um clarão, confirmando que era ferida viva — e pingou, com cuidado, o conteúdo do frasco: um líquido de cheiro forte, quase áspero, que parecia concentrar anos de tentativa e acerto, cobras reais, histórias de roça que não viraram notícia.

— Vai arder — avisou, olhando rápido nos meus olhos. — Depois passa, disse sorrindo.

Assenti em silêncio. Tom observava tudo ali perto, fumava seu cigarro de palha, um sorriso discreto que não era de deboche; era de quem vê, pela enésima vez, uma cena antiga se repetir com um novo personagem: alguém da cidade aprendendo, na pele, que também existe saber em frasco sem bula.

Dois dias depois, a vermelhidão cedeu. A dor sumiu. Nenhuma nova casca se formou; ficou só uma marca discreta, daquelas que o tempo aos poucos incorpora ao rosto. Fiquei bom.

Guardei essa cena não só pela gratidão ao rosto salvo, mas pela lição silenciosa: há doenças que pertencem ao território da Terra e se curam com recursos da Terra — raízes, mãos experientes, frascos antigos. E há outras dores, eu ia descobrir depois, que exigem outro tipo de remédio.

Da região da Chapada até Brasília, a estrada parecia resumir o Brasil central: planícies largas, morros distantes, o verde do cerrado salpicado de flores resistentes, placas marcando o paralelo 16, caminhões pesados dividindo pista com ônibus simples, postos de gasolina vendendo café ralo em copo de plástico. O sol recortava tudo numa luz que tinha algo de severo e bonito ao mesmo tempo.

O país, visto da janela, parecia um corpo jovem tentando entender que tipo de alma carregava. Em Brasília, a paisagem muda de repente. O mato abre espaço para superquadras, pilotis, blocos residenciais quase idênticos, faixas largas de asfalto. A cidade se organiza em eixos: o Rodoviário e o Monumental. O Eixo Monumental, aquele rasgo enorme no plano piloto, concentra boa parte das sedes de poder: Esplanada dos Ministérios, Congresso, Palácio do Planalto, Supremo. Concreto branco, linhas retas, espelhos d'água, gramados largos – tudo projetado como se a própria arquitetura tivesse sido instruída a manter a coluna ereta.

A ideia, vista de fora, era a de um país em ordem. Por dentro, cada um carregava seus próprios escombros.

Ali, eu precisava de envelopes e de silêncio.

Foi assim que entrei numa livraria pequena, antiga, discreta, dedicada apenas ao *Livro Universo em Desencanto* — daquelas que parecem existir num fuso horário diferente do resto da cidade. Estantes cheias do mesmo título em volumes sucessivos, capa azul, o portal amarelo, pilhas organizadas em ordem numérica. Um cheiro de papel velho

misturado com poeira e produto de limpeza. Uma mesa simples, um balcão, talvez uma cadeira de ferro no canto. Nenhum café, nenhum sofá de design, nenhuma prateleira de lançamentos da moda: só livros empilhados, envelopes pardo, alguns pacotes prontos para despacho.

O livreiro, estudante do *Livro*, conhecia a poeira pelo nome. O título na capa me encarou de volta, comprido e despretensioso: *Universo em Desencanto*. Era o mesmo nome rabiscado no verso do maço dias antes, em Alto Paraíso. Peguei o primeiro volume. O papel não era fino; a promessa, sim — fina como bisturi: origem, queda, retorno, fim da morte. Abri. A repetição me estranhou primeiro. Frases que voltavam, conceitos em órbita, como quem garante o prumo.

Para um leitor acostumado a metáforas perfumadas, aquilo podia soar áspero. Mas há textos que não querem ser bonitos: querem ser claros. E há repetições que não são falha: são método — como o refrão que fixa a canção e a aula que volta ao ponto para ninguém ficar para trás. Propus um pacto a mim mesmo: suspender tanto a crença quanto a ironia por algumas páginas.

Nem discípulo, nem debochado: apenas leitor.

Enquanto conversávamos, percebi que tocava, num CD antigo, uma música regional, violão e voz, falando justamente daquele *Livro:* "Quando não estou fazendo nada, eu estou fazendo tudo, lendo *Universo em Desencanto*, pra voltar para o meu mundo…".

Comentei que tinha achado bonita. Era do estudante Raimundo Sabiá, conhecido por gravar canções sobre o *Livro Universo em Desencanto*. O livreiro sorriu e me deu o CD. Saí de lá com dois objetos na mochila: o primeiro volume do *Livro* e aquela trilha sonora improvável.

Foi nesse lugar de leitor teimoso, com um *Livro* denso nas mãos e um CD independente na mochila, que comecei a perceber algo que só muito depois consegui nomear: o *Livro* não se contenta, na minha leitura, em consolar a mente ou alinhar o comportamento. Ele insiste em montar um mapa que se quer completo: mexe no psicológico (o modo como pensamos e sentimos), toca o corpo (há trechos inteiros sobre saúde, desgaste, rotina), fala do corpo de energia que nos antecede e extrapola o horizonte individual na direção da natureza inteira em fase Racional.[3] [4]

Quatro andares, em linguagem própria, repetidos à exaustão.[5]

Eu podia discordar, estranhar, sublinhar com raiva — e às vezes fiz tudo isso. Mas era difícil negar que, pelo menos em intenção, o mapa tentava abraçar a totalidade: não só "como viver melhor aqui dentro", mas de onde viemos, como erramos, o que seria corrigir e o que o *Livro* chama de retornar. Não era um talismã de bolso; era um mapa de

mundo, com todas as consequências.[5]

Descobri duas coisas. Primeiro: o *Livro Universo em Desencanto*, lido desse jeito, não competia com telescópios ou laboratórios; competia com a orfandade. Segundo: ele se apresentava como mapa completo, não como amuleto — quatro movimentos (origem, erro, correção, retorno) como linhas de base que seguram a música para a letra entrar.[5]

A viagem de volta para São Paulo teve gosto de reentrada na vida comum. O mesmo avião, o mesmo céu azul de nuvens brancas, o mesmo pouso em Congonhas, o mesmo cheiro de asfalto quente na saída, os mesmos anúncios publicitários tentando vender urgência. A cidade esperava com seus boletos, prazos, filas e beleza miúda. A diferença era o que vinha no colo: um *Livro* espesso falando de Planície Racional e uma trilha regional repetindo, no fone de ouvido, a ideia de "voltar para o meu mundo".

Por fora, nada tinha mudado. Por dentro, o gesto sim: passei a desconfiar menos das perguntas grandes e a exigir menos que as respostas viessem embaladas. Quando precisei, a memória trouxe Juarez (com o nome de um *Livro* que acendeu um mapa inteiro: *Universo em Desencanto*), Tom (com seus olhos sábios e mãos de ervas) e Ramiro (com seu frasco rústico e certeza tranquila). A jornada tinha um quê de transcendência, sim — mas do tipo que cuida do cotidiano, não do que foge dele.

Hoje, olhando para trás, vejo aqueles dois encontros — Juarez na rodoviária; Tom, Ramiro e o livreiro em Brasília — como dobradiças discretas de um mesmo movimento. Num, ouvi que a vida de matéria não podia ser a vida verdadeira; no outro, encontrei um mapa inteiro apostando tudo nessa hipótese.[5]

Não senti que o *Livro* me pedisse fé cega nem diploma prévio de nada; o convite era mais trabalhoso: leitura diária, em casa, e disposição para observar o que uma possível mudança de regência faria com o meu procedimento, com o meu coração, com o meu corpo de pressa.

Em 2004, comecei e nunca mais parei. Desde então, estudo o *Livro Universo em Desencanto* — sou um estudante de Cultura Racional. E este livro que você lê agora é um comentário honesto, uma obra de reflexão: tradução de leitura para quem anda cansado de misticismo e de arrogância cética. Traduzir, aqui, não é adoçar: é clarear sem desfigurar. Naquela quietude da livraria, a linguagem dura do *Livro* me soou como um convite raro: não acredite em mim; entenda o que estou dizendo.

A partir do próximo capítulo, abrimos juntos esse mapa — sem guerra santa, sem duelo com a ciência, sem pirotecnia: de onde viemos, por que nos desviamos, como se corrige, para onde se volta. O restante é trabalho de leitor; o experimento, se houver, é com o *Livro*.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 32.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 51.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 59.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 86.
5. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 115.

Do barro ao Big Bang

Até aqui, contei como fui atrás da origem pelas estradas de Goiás: cavernas, paralelos, histórias de luzes, gente simples falando de começo e de volta. Mas, antes de nos fixarmos no mapa específico do *Livro Universo em Desencanto*, vale olhar um pouco mais de longe: como é que a humanidade, em tantos lugares, tentou narrar o instante em que tudo começou?

Há muitas maneiras de começar o mundo. Às vezes ele começa com um sopro sobre o barro, e o barro aprende a dizer "eu". Às vezes brota do canto de uma arara, no coração de uma mata que conhece todos os nomes da chuva. Em outras, o universo é um ovo primeiro, escuro e silencioso, que se parte ao meio e reparte com o tempo a luz e as coisas. Mudam as paisagens, mas a pergunta é sempre antiga: como algo que não havia começou a haver? E, já que houve, que sentido tomou para chamarmos isso de vida? Os mitos de criação são mapas feitos com o corpo: falam de poeira, costela, rio, noite, nomes.

O Gênesis escolhe uma cena simples e radical — o verbo cria, o verbo separa, o verbo chama — e cada separação inaugura um espaço habitável: luz e trevas, águas de cima e de baixo, terra e mar. Não há cálculo: há gesto. A dignidade do barro não é científica, é íntima. Deus põe a boca perto e sopra; o barro recebe o fôlego e, sem entender exatamente o que aconteceu, começa a lembrar. Em outras bordas do mundo, povos indígenas contam que o mundo se fiou como uma rede: fios de histórias cruzadas por um demiurgo que tece e desmancha, e o céu é, ao mesmo tempo, teto e caminho. No início, o mundo não precisava convencer ninguém — bastava encantar.

A filosofia entrou quando o encantamento começou a fazer perguntas sobre si mesmo. Platão imaginou um mundo de ideias onde tudo é o que é, inteiro, e um outro, o nosso, que imita mal o que contempla de relance. A queda, para essa família de pensamento, não é tropeço acidental: é condição de quem olha a luz por reflexos. Não há barro aqui, há forma; não há sopro, há lembrança de uma perfeição a que se retorna por educação da alma.

Mais tarde, a gnose radicalizou essa intuição: o mundo seria uma espécie de engano — belo e terrível — e a salvação, um conhecimento capaz de recolher a centelha dispersa no pó. Talvez por isso o coração humano, mesmo quando se diz cético, tenha sempre uma gaveta para mapas do retorno. Chamarmos de "barro" o começo da vida é uma delicadeza do imaginário: dá à origem um rosto doméstico, um Deus com as mãos sujas de terra, um sopro que conversa com o pulmão. O risco é esquecermos que,

mesmo nessa imagem, a origem não é o barro; é quem sopra. O barro é matéria obediente; a questão é quem dá o ritmo, quem dá o tom, quem decide o que é vida verdadeira e o que é só desenho na argila.

Quando o *Livro Universo em Desencanto* fala de origem, desloca essa ênfase: menos foco na argila, mais foco na regência luminosa que existia antes de qualquer experiência. Não começa num laboratório cósmico, começa numa Planície Racional: estado em que cada ser é luz, consciência limpa, sem necessidade de corpo material, tempo ou ensaio.[1] A "invenção do barro" — isto é, da matéria — já é, para ele, um capítulo avançado da aventura, não o primeiro parágrafo.

Essa diferença não é detalhe técnico; é um grau de gravidade. Se o início é barro, a história pode ser lida como ascensão: da massa bruta ao humano sofisticado, da lama ao laptop. Se o início é luz e consciência perfeita, a mesma sequência ganha outro nome: degeneração. Seguimos aprendendo, mas aprendendo cada vez mais longe de casa.[2] A pergunta deixa de ser "do que fomos feitos?" e volta a ser "a partir de qual eixo nos afastamos?".[2]

A ciência moderna, por sua vez, não escreveu um mito concorrente; escreveu outro gênero. Não começou com um verbo, mas com um método. Em vez de separar luz e trevas, separou hipótese e evidência; em vez de nomear as coisas com autoridade, decidiu perguntar a elas como se chamam quando ninguém as observa.

E, perguntando assim, descobriu que o universo não é um palco pequeno. É, de saída, um tempo desenrolado: há uma expansão, quase uma memória ao contrário, que sugere um início quente, denso, vertiginoso. A essa narrativa deram o nome que hoje qualquer criança repete com naturalidade: Big Bang.

Depois, com a paciência dos que não têm pressa, a vida apareceu devagar — química teimosa, moléculas tateando utilidades, uma célula que resolve guardar um mundo dentro, outra que aprende a conversar com o oxigênio, outra que descobre a maravilha de se dividir, e uma que, sem combinar com ninguém, inventa a consciência.

Nesse ponto, a ciência se torna uma ética: proíbe-se de prometer sentido. Explica mecanismos, não destinos. Fala do "como", não do "para quê". É uma dignidade difícil, essa de não responder o que tanta gente quer ouvir; e, no entanto, há poesia nessa renúncia. Ao recusar o atalho, o método inventa outra beleza: ver o cosmos sem garantias e ainda assim amá-lo — como se a verdade, mesmo silenciosa, fizesse companhia.

Mas a mesma ciência que desmontou o relógio de Newton — aquele universo impecável que, dado o início, se resolveria em equações — abriu janelas que lembram poemas. Quando Einstein curvou o espaço com a massa e fez do tempo uma dimensão

elástica, o universo deixou de ser maquinário previsível e passou a parecer uma tenda esticada por estrelas, onde cada corpo deita o seu peso e afina o tecido à volta.

Mais adiante, no pequeno demais para os olhos, a mecânica quântica avisou que as coisas não são coisas antes de serem perguntadas; que a matéria, examinada de muito perto, é mais possibilidade do que tijolo; que a partícula, quando ninguém vê, dança como onda; e que medir é, de algum modo, escolher um pedaço do real para que ele pare de ser talvez.

Quando a ciência fala em Big Bang, ela descreve um começo mensurável: um estado compacto, densíssimo, que se expande, esfria, esculpe átomos, galáxias, estrelas, planetas. Mostra como um universo assim poderia ter surgido; não se arrisca a dizer por que uma consciência como a nossa veio parar aqui dentro.

O *Livro Universo em Desencanto* não disputa esse "como"; mexe no enredo do "de onde" e do "até onde".[3] Na leitura que faço, esse cenário de explosão, resfriamento e forma é fase avançada de uma queda que começou muito antes: quando seres de luz — corpos de massa cósmica pura, limpa e perfeita —, inteiros e conscientes, resolveram "ver como seria" sair da sua condição e experimentar um progresso ao contrário — não da ignorância para a claridade, mas da claridade para a multiplicação de esquecimentos.[2] [3]

É isso que deu causa ao que o *Livro* chama de progresso da degeneração: avanço técnico, sim, mas construído em cima de uma perda de eixo.[2] Vamos descobrindo mecanismos cada vez mais finos — partículas, campos, simetrias — enquanto esquecemos progressivamente o lugar de onde saímos e o tipo de comando que nos mantinha em estado perfeito. O paradoxo é conhecido: sabemos mais sobre o cosmos do que qualquer geração anterior, e ainda assim precisamos de calmantes para atravessar a segunda-feira.

Não é que a ciência esteja errada; ela está olhando, com honestidade admirável, para a parte do filme que ainda roda. O que o *Livro* propõe é um enquadramento mais incômodo: e se essa parte do filme já for a metade da história? E se o universo observável for efeito de uma decisão anterior: a de sair de um estado de luz e energia pura, limpa e perfeita para experimentar algo novo?[2] [3]

A hipótese é radical, mas tem uma consequência curiosa: devolve dignidade até aos tropeços. Se o mundo que vemos é fase adiantada de uma queda, viver aqui não é castigo; é consequência que pede correção. Nesse cenário, o Big Bang deixa de ser "o começo de tudo" e passa a ser "o começo de um tipo de tudo em que já não lembrávamos quem éramos". Ninguém precisa forçar as descobertas para onde elas não querem ir — basta aceitá-las com espanto: o universo, ao que parece, não é relógio, é dança de incerteza e curvatura.

Nesse coro de versões — barro, ideia, explosão, onda — o que buscamos não é um vencedor, e sim um acorde, ou um despertar. Ou ambos. O fato é que o *Livro Universo em Desencanto* entra nesse palco sem pedir silêncio à plateia.

Se os mitos falam em sopro, o *Livro* fala em vidas que se perdem e se reúnem, em fluidos que animam, em um Foco de Luz que aquece o que não estava pronto e se deforma no sol.[4] Se a filosofia platônica espera uma pedagogia da alma, o *Livro* descreve uma pedagogia da origem: não se volta por esforço apenas, mas por contato com uma leitura que realinha o aparelho humano ao seu estado primeiro.[4] Se a ciência oferece o repertório de processos — expansão, evolução, seleção, entropia — o *Livro* oferece um eixo metafísico: erro, deformação, retorno.[3]

Não é uma refutação: é outra gramática. É possível, claro, fazer careta. Alguns dirão: por que preciso de mapas quando tenho satélites? Outros: por que satélites, se a fé voa sem propulsão? A minha experiência me ensinou que o humano respira melhor quando não precisa escolher entre céu e chão.

Um mapa antigo pode ensinar uma delicadeza que o satélite não aprende: o gesto de orientar-se pelo afeto das paisagens. E um satélite pode corrigir o delírio do mapa que insiste numa ponte onde hoje corre um rio. Entre ambos, o viajante atravessa. Quando conto em linguagem limpa o que o *Livro Universo em Desencanto* descreve — e farei isso com calma na parte seguinte — não peço que o leitor converta suas certezas em fé. Peço, antes, que considere a utilidade de um mapa completo: origem, erro, correção, retorno.[3]

Mitos nos deram a coragem de imaginar; a filosofia nos ensinou a suspeitar dos espelhos; a ciência nos ofereceu a disciplina de perguntar. O *Livro*, lido no seu próprio vocabulário, acrescenta um eixo de retorno. Se a origem é luz e a nossa história aqui é sequência de escolhas que foram afinando a distância, a pergunta que sobra não é teórica; é prática: como corrigir essa rota sem destruir o mapa inteiro?

A resposta do *Livro* não vem em forma de dogma, mas de método insistente: Imunização Racional — um nome grande para um gesto simples e exigente — ler, todos os dias, um *Livro* que se diz de origem Racional e observar o que acontece no aparelho.[5] Na linguagem do *Livro*, "aparelho" não é metáfora tecnológica; é o modo de nomear esse conjunto corpo–mente–emoção que você usa para trabalhar, amar, errar, insistir. O que ele afirma — e aqui eu apenas relato a proposta, não imponho crença — é que, pela leitura assídua, outro tipo de corrente começa a atuar nesse aparelho.[5]

Em vez de ficarmos entregues aos fluxos elétricos e magnéticos que comandam a vida material, passaríamos a ser tocados por um Fluido vindo do Mundo de Origem, capaz de embargar o progresso da degeneração naquele indivíduo.[5] Isso soa grande

demais? Soa. Por isso, o critério não pode ser grito; só pode ser vivência. Se a Imunização é real, ela não precisa de slogan: se verificaria na maneira de pensar, sentir, responder. A correção, aqui, não seria castigo aplicado de fora, mas troca de regência por dentro: o mesmo corpo, o mesmo CPF, o mesmo boletim de notícias — outra luz na cabine de comando.

Eu não peço que você aceite isso como quem assina um contrato. Peço que considere a ousadia da proposta: um mapa que não termina no barro nem no Big Bang, mas sugere um retorno à origem sem destruir a vida que já temos aqui. Se essa história for apenas metáfora, ainda assim vale como lembrança de que precisamos de um centro. Se for mais que metáfora, o centro teria endereço — e, segundo o *Livro*, a chave estaria numa leitura que mexe na regência, não no brilho de uma ideia bonita.

O *Livro* se apresenta como uma quarta orquestração: cosmologia que não perde o corpo, que leva a sério a sensação cotidiana de que isso aqui está se gastando e propõe uma engenharia íntima para desfazer o nó — não na matéria do mundo, mas no regime de influência que governa a nossa mente. Talvez o ponto seja esse: cada narrativa responde à sua própria fome. O mito mata a fome de pertencimento; a filosofia, a de coerência; a ciência, a de previsão; o *Livro*, a de retorno.

E, se você me acompanha até aqui, já percebeu que não trato essas tradições como rivais, mas como vizinhas que, ao entardecer, trocam sal e histórias pelo vão da cerca. De uma pego o barro na palma; de outra, a lembrança de uma forma; de outra, o hábito de medir; desta, a hipótese de um caminho de volta. Se o universo deixou de ser relógio, é porque o tempo já não basta para explicá-lo. Precisamos de ritmo. E ritmo é a arte de fazer caber silêncio entre sons.

As tradições que convoquei — Gênesis, mitos da mata, Platão, a física do século XX — ensinam, cada qual à sua maneira, a escutar esse silêncio. O *Livro* acrescenta um pedido de prática: que o silêncio escutado se torne leitura, hábito de atenção.

Que não saiamos correndo para provar nada; que apenas nos sentemos, por um tempo digno, com os mapas sobre a mesa — o barro, o verbo, a ideia, a explosão — e, ao lado deles, a Planície silenciosa onde, dizem, a origem ainda respira. Se o mundo começou muitas vezes, talvez o que nos reste seja recomeçá-lo por dentro. Este capítulo não é o recomeço; é o gesto de acender a lâmpada em cima da mesa e dizer, com calma: vamos olhar isso juntos.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 38.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 77.

3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 54.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 329.
5. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 86.

A obsessão com o fim

Quase toda cultura que encontrei, cedo ou tarde, me ofereceu um calendário da catástrofe. Nascemos dentro de uma história e, antes mesmo de sabermos escrever o próprio nome, alguém nos sussurra o desfecho.

Para uns, um cavalo pálido atravessa o horizonte; para outros, a idade do ferro pesa sobre os ombros de um mundo cansado; para outros ainda, um grande ciclo fecha as contas e a noite volta a ser primeira. Nesses enredos, o fim não é exatamente susto — é retorno anunciado, como se o universo, que veio a ser, ensaiasse o gesto de desfazer-se.

Os textos que herdamos dizem isso com vozes diferentes.

O Apocalipse cristão é liturgia de imagens: trombetas, taças, o livro selado que apenas o Cordeiro abre. Na Índia, mestres falam de yugas, estações gigantes do tempo, e situam a nossa existência num trecho mais escuro do ano cósmico, quando as virtudes rareiam como água no estio. No norte antigo, o crepúsculo tem nome próprio — Ragnarök —, e até os deuses sabem que também passam. Na Mesoamérica, não é o fim do mundo, mas o fim de um mundo: calendários que se encaixam como engrenagens e, findo um dente, outro começa a girar. Em todas essas paisagens, um traço comum: o mundo é lido como tecido que se gasta nos pontos onde foi mais manuseado.

Do ponto de vista do *Livro Universo em Desencanto*, essa imagem do tecido não é só metáfora feliz; é quase diagnóstico literal. A natureza que conhecemos teria começado em estado puro, sem ruga nem remendo, e ido se deformando aos poucos até chegar ao estágio em que a vida de matéria se torna possível.[1]

O "fim do mundo", nesse mapa, não é castigo arbitrário; é exaustão de fase — a última fase da vida de matéria — quando o pano já não suporta mais remendos sem perder a forma. Apocalipse, lido assim, deixa de ser espetáculo sangrento e ganha cara de aviso: algo foi longe demais no experimento de viver fora da origem.

Quando o tecido cansa, não é o tecelão que acaba — é o pano que precisa ser recolhido. Quando olho pela janela do nosso século, percebo que essa intuição não se perdeu; apenas trocou de vocabulário. As novas profecias não chegam em pergaminhos, mas em relatórios, gráficos, mapas de calor.

Falam em aquecimento e acidificação dos mares, em linhas vermelhas que não deveriam ser cruzadas, em pontos de inflexão que, uma vez acionados, fazem o sistema inteiro buscar outro equilíbrio — menos amigável ao nosso corpo. As palavras mudam — entropia, biodiversidade, tipping point —, mas o sentimento é antigo: isto aqui parece estar se gastando. Parte desse sentimento vem de fatos mensuráveis: a cada verão, o

termômetro sobe um pouco mais e o coral empalidece. Há solos que envelhecem como a pele de um rosto, sulcados de exaustão. Há espécies que saem de cena silenciosamente e, mesmo assim, deixam um vazio que não sabíamos nomear. Há cidades que só reconhecem a palavra "inverno" quando os rios sobem escadas.

Também pesam sobre nós ferramentas novas demais: bombas capazes de repetir, em minutos, o que o tempo geológico levou eras a lapidar; algoritmos que multiplicam o ruído e, de tanto nos interromperem, nos devolvem à velha pergunta com um cansaço inédito: de que vale tanto aviso, se vivemos como se durássemos para sempre? Outra parte dessa sensação vem de dentro, como um suspiro.

Carregamos no bolso uma pequena janela para todas as tragédias possíveis, e chamamos isso de estar informados. Estamos conectados a um gotejar constante de urgências e confundimos intensidade com sentido. Em tempos assim, não é raro que alguém, olhando a própria vida, confunda o fim do seu fôlego com o fim do mundo.

Não é egoísmo; é escala do coração: se tudo me parece pesado, talvez o planeta inteiro esteja à beira do colapso. É humano projetar a fadiga na paisagem. As tradições sabiam disso e, por isso, suas narrativas do fim são também exercícios de linguagem. O Apocalipse, lido com calma, é menos cronograma do desastre e mais método de leitura: quem aprende a ver selos e bestas aprende a interpretar o poder; aprende, sobretudo, a não se ajoelhar diante do que passa.

As yugas são pedagogia do tempo: lembram que virtude é disciplina da repetição, e que a direção do mundo não nos dispensa de manter acesa uma lamparina. O Ragnarök, vivido como mito, ensina coragem sem garantias — lutar embora se saiba que o gelo volta. E os calendários mesoamericanos, de precisão bela, parecem dizer que há muitos fins cabendo dentro de cada fim, e que a noite, quando cumpre sua parte, devolve o alvorecer.

A ciência, que prefere evidências a símbolos, fala dos fins como limites físicos: a energia útil se dispersa, a complexidade exige manutenção, o descuido cobra juros compostos. É a segunda lei da termodinâmica nos lembrando que toda sala arrumada pede mãos que recolham os brinquedos. Não é maldição cósmica; é contabilidade sem mágica. O que nos cabe, então? Às vezes, reverter tendências; às vezes, adiar o desgaste; quase sempre, habitar com cuidado.

Não por heroísmo, mas por higiene da alma: viver em casa limpa dá outra vontade de estar no mundo. Entre o modo simbólico e o empírico de falar do fim há um campo de força. Nele, nosso século tenta conciliar alarmes de laboratório com velhas preces. O *Livro Universo em Desencanto* concordaria com essa contabilidade — e acrescentaria uma linha na planilha. As contas de laboratório mostrariam apenas o lado visível de outra

equação: a de um mundo encantado vivendo há milênios sob regência de correntes elétricas e magnéticas que já deram o que tinham para dar.[2]

O desgaste ambiental, as crises em cadeia, o esgotamento dos solos e das relações seriam, nesse olhar, sintomas de um mesmo cansaço de fundo: o de uma experiência que foi longe demais na direção da deformação.[3] Não se trata de demonizar fábricas, cidades ou tecnologias, mas de reconhecer que, mesmo quando consertamos telhados, continuamos morando numa casa construída em terreno que se afunda devagar.

A urgência ecológica seria, então, o lado visível de uma urgência de origem. Erguemos cúpulas de vidro sobre sementes, assinamos acordos, pintamos de verde os vergalhões e, ao mesmo tempo, acendemos velas, entoamos mantras, nos prometemos começar de novo na segunda-feira. Há algo de nobre nessa tentativa de salvar o planeta e a própria pele de uma só vez. Há também algo de cansado: salvar-se virou profissão de tempo integral.

A obsessão com o fim, quando não nos paralisa, pode nos ensinar a medir. Medir o quê? O gasto do mundo e o nosso. Reaprendemos que tudo o que vive se consome: uma vela ilumina enquanto come a si mesma; uma fogueira aquece enquanto devora seus troncos; um amor exige cuidado ou se apaga.

Não é pessimismo; é uma forma de humildade. Talvez a sabedoria consista em aceitar que a vida pede manutenção — e que, sem um centro que organize a casa, cada coisa busca outro lugar, nem sempre o melhor. Se sempre houve profetas do desabamento, também sempre houve mestres da paciência. Numa borda do Mediterrâneo, Heráclito de Éfeso dizia que o mundo é um fogo sempre vivo, acendendo e apagando em medida; no mesmo conjunto de fragmentos, anotou que ninguém entra duas vezes no mesmo rio, porque outras e outras águas correm — e o mundo, por isso, é antigo e novo todos os dias.

Se me permito um pouco de humor: a humanidade vive há milênios entre a urgência e a sexta-feira — e talvez esse intervalo nos tenha salvado muitas vezes. Quando o desespero era grande, alguém decidiu regar a horta. Vejo, porém, algo específico na nossa época: a escala do sistema e a escala do corpo já não combinam com facilidade.

Fazemos parte de redes tão vastas que um gesto numa sala de reunião pode alterar a cor de um recife, e uma compra impensada pode pedir, do outro lado do mundo, um pouco mais de fumaça. A sensação de fim cresce com a consciência de interdependência.

Quando tudo está conectado, tudo também parece vulnerável. E, no entanto, essa mesma interdependência sugere que pequenas correções, distribuídas, mudam trajetórias. O apocalipse, nesse sentido, é menos decreto e mais algoritmo: depende de parâmetros.

Por que então o tema insiste tanto? Porque nomear o fim é uma forma de interrogar o início. Ao temer a extinção, a espécie confessa amor à continuidade; ao dramatizar o colapso, reivindica um sentido que não quer perder. A obsessão com o fim é, talvez, o modo mais barulhento de pedir por um começo mais verdadeiro. Quando dizemos "vai acabar", também dizemos "não quero que acabe assim". Não proponho aqui consolo fácil. Apenas registro o desenho recorrente: em cada época, uma linguagem para o desgaste; em cada linguagem, uma sabedoria escondida; em cada sabedoria, um convite à responsabilidade.

Há colapsos que evitamos; há colapsos que atravessamos; há colapsos que nos limpam do excesso e nos devolvem ao necessário. O segredo, se existe, está em distinguir o que é ruína do que é poda. Alguns leitores, a esta altura, talvez esperem que eu apresente, com solenidade de manual, a explicação final: "é assim que tudo termina e é assim que tudo se salva". Não farei isso.

O que posso oferecer, por enquanto, é um reconhecimento: a percepção de que as coisas minguam — povos, eras, florestas, promessas — parece tão parte da experiência humana quanto a percepção do nascer do sol. Aprender a olhar a maré vazante sem desespero talvez seja um primeiro gesto de maturidade.

O *Livro Universo em Desencanto* fala, sim, de um fim — mas não na chave das explosões cinematográficas ou de cronogramas secretos. O fim de que ele trata é encerramento de fase: término da vida de matéria como a conhecemos, fim do ciclo de nascimentos aqui neste chão, extinção gradual da deformação que nos trouxe até aqui.[1] [3]

Não como botão apocalíptico acionado de fora, mas como conclusão de experiência que esgotou seus recursos. Na sua linguagem, o "fim do mundo" coincide com fim do encanto: passagem de uma humanidade comandada por correntes elétricas e magnéticas para uma humanidade aparelhada novamente com o seu Mundo de Origem.[2] [3] A Imunização Racional, nesse desenho, é apresentada como caminho individual dessa transição: uma troca de regência em vida, preparando o aparelho para não nascer mais neste terreno.[4] Não é o fim de tudo; é o fim de viver às cegas — se, de fato, essa cartografia corresponder ao real.

Mais adiante, conversaremos sobre a linguagem que chama esse desgaste de progresso da degeneração — uma forma de ler o mundo quando as forças se dissipam e os seres perdem vigor.[3]

Não como dogma obrigatório, mas como mapa entre tantos. Antes, porém, ainda preciso olhar para um vazio mais recente: o de uma época que perdeu o centro e coleciona bússolas. É para lá que caminhamos.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 27.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 51.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 267.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 86.

O vazio de uma Era sem centro

Há um tipo de silêncio que não é ausência de som, mas excesso de ruído. A cidade fala por todas as janelas: notificações, manchetes, conselhos de três linhas para a felicidade eterna. A cada manhã, abro o telefone e é como entrar numa praça sem coreto — muita gente circulando, nenhum eixo visível.

O algoritmo é o zelador desse lugar: varre o chão, rearruma os bancos, escolhe a música; aprende o meu caminho enquanto eu desaprendo o meu centro. E, no entanto, como toda praça, também guarda um suspiro antigo: o desejo de um encontro que faça sentido.

Talvez por isso a palavra "autenticidade" tenha ficado cansada. Se todo mundo precisa "ser quem é" o tempo todo, quem sustenta a tenda quando o vento gira? Ganhamos um guarda-roupa infinito de identidades e perdemos a pequena cômoda onde as avós guardavam o essencial: meia, lenço, caderno de oração.

Hoje há apps para meditar, apps para respirar, apps para lembrar que existe vida fora do app. Nada disso é ridículo — é comovente. O mundo que montamos pede, com a discrição dos desesperados, uma forma de pouso. Os algoritmos não são demônios; são rios que aprenderam a gravidade do nosso desejo. Voltam sempre à nascente do que clicamos e, como toda água, repetem-se.

Por isso a timeline parece familiar — e o familiar, com o tempo, começa a posar de convicção. Mas convicção, quando nasce de muito espelho e pouco horizonte, vira labirinto. Lá dentro, cada esquina oferece um atalho, e cada atalho devolve o viajante à mesma sala: "talvez você também goste de você mesmo". Gosta-se, claro. Mas gostar de si não basta quando a vida pede um mapa.

Nesse entretempo, crescemos em espiritualidade de prateleira. Incensos, cristais, mantras de bolso — novamente, nada disso merece desprezo. É sede procurando copos e aceitando o que há. O problema não está na vela, mas no regime de consumo que transforma fogo em decoração de mesa.

Acendemos a chama, fazemos uma foto bonita, e ela se apaga em silêncio, como se o sagrado tivesse prazo de validade. A alma, que não liga para embalagens, continua com fome. Somos uma geração de técnicas: sabemos alongar a respiração, alongar o currículo, alongar a juventude. Mas alongar não é o mesmo que aprofundar.

Há uma imagem do *Livro Universo em Desencanto* que me ajuda a entender esse cenário: a de que somos aparelhos atravessados por correntes. Elétricas, magnéticas, emocionais, mentais; umas levantam, outras derrubam, quase todas competem por

comando.[1] Quando o centro se perde, não é que deixamos de ser influenciados; é que passamos a ser influenciados por tudo ao mesmo tempo — e, por isso, por nada em particular.

Há muita capacidade técnica, pouca clareza de eixo; muita comunicação, pouca regência verdadeira. O aparelho humano continua funcionando — trabalha, ama, consome, opina —, mas o fio que deveria ordenar esse conjunto fica em segundo plano, quase como acessório opcional.[2]

É por isso que colecionamos bússolas. Cada método, cada prática, cada teoria promete um norte instantâneo: "agora vai". Por um tempo, até vai. Depois o ponteiro aponta para outro lado e, cansados de trocar de direção, passamos a tratar o próprio desejo de centro como ingenuidade. Não é ingenuidade; é memória.

Uma era sem centro é, no fundo, uma era com saudade de um eixo que não sabe nomear.

A profusão de métodos prometeu nos devolver ao corpo; devolveu-nos, em parte, aos métricos — passos contados, calorias, horas de sono. O corpo agradece; o coração ainda pergunta. Não por uma religião específica, não por uma ortodoxia ansiosa, mas por um eixo.

Um norte invisível que não precise gritar para ser ouvido. Talvez o que falte não seja mais informação, e sim a coragem de admitir que o excesso de opções é, às vezes, uma forma elegante de ficar parado. Quando digo "sem centro", não falo de um dogma a ser imposto, mas da percepção íntima de que a vida, assim espalhada, vai perdendo temperatura. Escolhas abundantes, vínculos ralos.

Conhecidos aos milhares, vizinhos raros. Em nome da liberdade, fizemos da pertença um risco jurídico. Em nome da autonomia, tornamos a companhia cláusula opcional. E a alma, como toda criança teimosa, responde com sintomas: insônia do meio-dia, tristeza sem motivo, uma distração que parece gentil, mas rouba a colheita do pensamento.

Há também o mercado da transcendência, sempre atento ao vento. Promete-se leveza em duas parcelas e um cupom; cura-se o passado com um clique; realinha-se o cosmos com uma newsletter aos sábados. Não duvido da boa fé; desconfio da pressa.

O que a experiência ensina é menos glamouroso: sentido não se compra, sentido acontece — e, quando acontece, quase sempre exige reorganização lenta do que chamamos "eu".

É nessa lentidão que o mundo atual tropeça. Vivemos numa época que sabe turbinar, mas hesita em maturar. O vazio de centro aparece também na política do cotidiano. Projetamos no Estado, na empresa, no vizinho de condomínio, a função

antiga de coser destinos. Pedimos ao chefe um reconhecimento que, no fundo, é desejo de ser visto pela vida. Pedimos ao partido a ordem que perdemos na mesa de jantar. Pedimos à timeline a vigilância que não sustentamos na própria cabeça.

Talvez isso explique a sucessão de irritações pequenas que ocupam a semana como ervas daninhas: se o jardim não tem desenho, qualquer planta vira problema. Quando caminho de manhã — e há dias em que caminho apenas por lealdade ao coração — percebo que a falta de centro tem um som: um zumbido baixo de aparelhos em espera.

Tudo ligado, nada começado. Abrimos quarenta abas e nenhuma conversa. O que falta não é cultura, conhecimento, variedade. Falta a pergunta que recolhe os estilhaços: de onde eu falo?

Se não sei, qualquer discurso me serve — e todo discurso me cansa. Um amigo me contou que, ao tentar meditar, sentia vergonha porque a mente não parava. Disse a ele que não conheço mente que pare; conheço música que, tocada o suficiente, educa o ouvido. Talvez o centro seja isso: uma melodia de fundo que não manda em nada e, no entanto, ordena.

As tradições antigas chamavam de lei, dharma, eixo, aliança. Hoje, por pudor ou fadiga, chamamos de "propósito" — palavra bonita que o mercado gastou, mas que ainda guarda uma penumbra sagrada. Propósito verdadeiro não é publicidade para si; é fio.

E fio bom não se exibe: sustenta.

O curioso é que, apesar do cansaço, a nossa época produziu uma virtude rara: alergia ao engano. Já não aceitamos tão facilmente firmamentos em cápsulas. Preferimos a dúvida honesta a uma certeza mal explicada. Esse traço, que às vezes se confunde com cinismo, é, no fundo, delicadeza moral: queremos que aquilo em que acreditamos respeite a inteligência e o corpo.

É justamente essa exigência — talvez madura, talvez desesperada — que abre uma fresta. Porque há cosmologias que, certo ou errado aos olhos de cada um, se apresentam como mapas inteiros: origem, erro, correção, retorno.[3] Não pedem primeiro adesão; pedem escuta. É possível dizer "não" a elas; é mais honesto dizer: "conta devagar".[3]

Uma dessas cartografias é a do *Livro Universo em Desencanto*. Ele não fala de centro como metáfora motivacional, nem como "propósito" de palestra. Fala de centro como origem: um Mundo Racional de onde viemos; um eixo de luz que comandava o aparelho antes da aventura na matéria; e uma fase atual — fase de Aparelho Racional — em que esse comando, segundo o *Livro*, volta a se aproximar do vivente.[4]

Nessa leitura, o vazio de centro da nossa época não é acidente psicológico; é eco de ruptura mais antiga. Vivemos como quem herdou uma casa sem planta: os cômodos

existem, a luz acende, os móveis chegam por entrega rápida, mas ninguém sabe mais onde é o alicerce. O *Livro* arrisca uma resposta incômoda e simples: o alicerce não está nas paredes; está na regência que esquecemos.[4]

Gosto de pensar esse centro menos como trono e mais como gravidade. Gravidade não grita, não negocia, não faz outdoor. Apenas puxa tudo para onde sempre esteve. Se a fase Racional for real, ela não precisa de espetáculo: basta que, pouco a pouco, o aparelho humano sinta que a vida deixa de ser empurrada por correntes contraditórias e começa a ser alinhada por um eixo só — aquele que o *Livro* chama de Mundo de Origem.[4]

Nos capítulos seguintes, quando falarmos de Planície Racional, de escolha inicial e de retorno, é isso que estará em jogo: a hipótese de que existe um centro de origem capaz de recolher uma Era que se espalhou demais. Não peço que você aceite essa hipótese de saída; peço apenas que a trate com a mesma seriedade com que trata a própria fadiga.

Porque, se o vazio que sentimos não é frescura, mas sintoma de perda de eixo, talvez olhar para um mapa que se apresenta como inteiro — origem, erro, correção, retorno — seja menos luxo metafísico e mais necessidade de época.[3]

Se alguém me perguntasse por que isso importa, eu responderia sem trombeta: porque a vida é breve e bonita demais para ser administrada apenas por recomendações de página inicial.

Precisamos de um eixo que não seja contra ninguém e, ao mesmo tempo, nos peça algo. Centro não é conforto automático; é vida que convoca escolhas menos espetaculares, mais silenciosas. E, como tudo o que é vivo, se reconhece pelos frutos: um pouco mais de paciência com o mundo, menos pressa de julgar, alguma coragem de não clicar.

Talvez seja esse o ponto em que a nossa era se encontra: suficientemente informada para desconfiar das fórmulas, suficientemente ferida para desejar um mapa.

A partir daqui, eu conto, com calma, o que esse mapa diz.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 340.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 267.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 344.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 51.

De onde viemos: a Planície e a escolha

Naquela noite eu sonhei que não tinha corpo.

Não era exatamente sonho, nem visão: era como se uma lembrança antiga tivesse resolvido usar o meu rosto emprestado. Eu sabia que era eu, mas não o eu de CPF, carteira de trabalho e senha de banco; era um eu feito mais de pergunta do que de documento.

Estávamos em três.

À frente, uma espécie de platô suspenso. Nem chão de pedra, nem nuvem: um plano claro, quieto, onde o pé pousava sem peso. Ao longe, uma extensão luminosa que não fazia sombra. Nenhum sol visível, nenhuma lâmpada — só uma claridade que parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo. Por um instante, tive a sensação incômoda de que ali ninguém "acendia" a luz: a luz era o modo natural das coisas.[1]

À direita de mim, um homem magro andava de um lado para o outro, mãos nos bolsos, olhar ansioso. Parecia ter sempre uma frase pela metade na boca, como quem vive pronto para explicar tudo com um desenho no quadro. Quando parava, os olhos continuavam se mexendo, fazendo contas invisíveis no ar.

À esquerda, outro homem — quase da mesma idade, mas com outra temperatura. Sentado numa pedra baixa, ele olhava longamente para o horizonte, como quem demora de propósito antes de responder. Havia um meio sorriso que podia ser ironia, podia ser ternura, podia ser cansaço. Em vez de fórmulas, parecia colecionar cenas.

Mais atrás, em pé, um terceiro. Não parecia com ninguém em particular. Não tinha cara de velho sábio, nem de mestre de filme. Havia nele uma simplicidade quase desconcertante: braços soltos, pés firmes, o olhar quieto, como quem sabe esperar a pergunta inteira antes de pensar na resposta.

Levei alguns instantes para entender que os três eram, de algum modo, eu.

Um eu que pensa depressa, outro que imagina devagar, e um terceiro que escuta os dois — mas não se deixa arrastar nem pela pressa, nem pela fantasia. O *Livro Universo em Desencanto* chamaria esses estados de fluido elétrico, fluido magnético e Fluido Racional.[1] Eu preferi, naquele cenário, chamá-los simplesmente de direita, esquerda e centro: três modos de ver a mesma história.

O da direita, inquieto, foi o primeiro a falar:

— Então… começamos por onde? — perguntou, passando a mão pelos cabelos como quem arruma equações. — Pelos dados? Pela origem? Dá pra montar isso como uma cronologia: antes da matéria, Planície; depois, parte que não estava pronta; em

seguida, deformação, sete partes… Se eu organizar bem, cabe tudo numa tese.

Eu reconheci o tom. Era o mesmo Luiz que, anos antes, tentou escrever textos cheios de diagramas, parenteses de relatividade, paralelos com física quântica, como se um punhado de fórmulas pudesse provar um mapa que nasceu em outra gramática. Bem-intencionado, mas apressado.

O homem da esquerda espreguiçou-se levemente, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Cronologia demais estraga — disse, sem olhar para nós. — O leitor não nasceu dentro da tua cabeça. Se você atira datas e fases numa página, vira culto de calendário. Prefiro começar com uma imagem. Uma paisagem que a pessoa possa sentir na pele.

Ele então fechou os olhos, como quem visita um lugar antigo.

— Imagina um campo — continuou — sem cercas, sem muros, sem postes, uma extensão sem canto nem miolo. Nenhum peso, nenhuma pressa. A luz não vem de um ponto: é um fato. Não existe a palavra "sombra" porque nada disputa com nada. É como se todas as consciências respirassem em uníssono, cada uma no seu tom, mas afinadas na mesma melodia.

O da direita bufou, impaciente:

— Bonito, poético, mas se a gente não disser o nome, ninguém vai saber do que você está falando. A gente não está inventando cenário por conta própria. O *Livro* descreve isso, lembra? Planície Racional, Habitantes puros, sem defeitos, vivendo num progresso que não é essa correria daqui.[1] Se não amarrar o termo, vira só metáfora.

O terceiro — o do centro — deu um passo à frente.

Quando ele falou, a paisagem pareceu ajustar o foco. O platô mantinha-se sob nossos pés, mas a claridade ao longe se aproximou um pouco, como se quisesse ouvir também.

— Vocês dois estão falando da mesma coisa — disse, com calma. — Um está com saudade de precisão; o outro, de beleza. O mapa não proíbe nenhuma das duas. Vamos fazer assim: deixem-me dizer o nome, e vocês me ajudam a desenhar a cena.

Ele olhou para nós como quem combina um pacto, depois voltou-se para aquele espaço claro que nos cercava.

— Segundo o *Livro Universo em Desencanto*, antes de qualquer corpo, tempo ou calendário, havia um estado de existência que ele chama de Planície Racional.[1] Não é planeta, não é céu mitológico, não é "plano espiritual" genérico; é a condição de origem de uma humanidade que ainda não tinha se transformado em carne: seres de energia pura, limpa, consciente, em harmonia perfeita com o seu Mundo.[1]

O da esquerda inclinou a cabeça, interessado:

— Ou seja, nada de joelho, cotovelo, CPF… — murmurou.

— Nada de joelho, CPF — confirmou o do centro. — O que havia ali eram consciências vestidas de luz, sem peso, sem atrito, sem essa mistura de dúvida e pressa que você conhece tão bem. A palavra "Racional" aí não é elogio de QI; é descrição de origem: ser que sabe de onde veio, onde está e para onde vai.[1]

À direita, o homem ansioso já fazia gestos no ar.

— Se a gente fosse roubar uma imagem da física… — arriscou — seria como se, ali, a experiência de tempo ficasse tão dilatada que o antes e o depois perdessem a graça. Algo mais próximo da luz do que da massa. Não que seja a mesma coisa, mas ajuda a mente cansada de relógio.

O do centro sorriu de leve.

— Metáfora aceita — disse. — Desde que você avise que é metáfora.

A Planície, à nossa frente, parecia ouvir. Não tinha horizonte: tinha continuidade. Nenhuma construção, nenhum trono; apenas um "campo de ser" em que tudo estava inteiro de si. A sensação não era de maravilha barulhenta; era de normalidade tão alta que o nosso espanto parecia mal-educado.

Ali, o verbo "faltar" não tinha trabalho.

— E então? — o da esquerda voltou a falar, apoiando o cotovelo no joelho. — Se estava tudo tão bem, por que a história não termina aqui?

O da direita se antecipou:

— Porque tinha uma parte… — começou, puxando o fio com rapidez. — Uma parte da Planície que ainda não estava pronta para entrar em progresso.[1] Isso é importante. Não era região "maligna", não era abismo cheio de monstros. Era como terreno em preparação, um trecho em que a mesma luz ainda não tinha se organizado para um certo tipo de trabalho.

Ele falava e, enquanto falava, a cena ao nosso redor mudava.

O platô continuava firme sob os pés, mas lá adiante, naquele claro infinito, uma faixa parecia ganhar outra densidade. Nada dramático; nenhum rasgo no céu. Era mais sutil: como se um pedaço daquela claridade estivesse num estágio diferente de maturação. A mesma luz, outra fase.

— O *Livro* conta — continuou o do centro, retomando o fio — que alguns Habitantes começaram a se interessar por essa parte.[1] Não por maldade, mas por curiosidade. Não havia, ali, histórico de erro, não havia familiaridade com o que nós hoje chamamos de "mal". Era uma vontade misturada com ingenuidade: o desejo de apurar aquela região, mas antes que ela estivesse pronta para recebê-los.

O da esquerda deu uma risadinha curta:

— O velho impulso de mexer no botão que diz "não toque" — comentou.

— Com a diferença — acrescentou o do centro — de que, ali, ninguém conhecia a palavra "desobediência" do jeito que a gente conhece hoje. Não existia tradição de castigo, tribunal, culpa. Havia avisos — o *Livro* fala de advertências claras para não entrar na parte que não estava pronta[1] — mas quem nunca errou justamente onde achou que "não ia dar nada"?

A claridade ao longe pareceu se inclinar. Eu tive a impressão de ver pontos de luz se aproximando daquela faixa menos madura, como crianças que se juntam à beira de um rio recém-descoberto.

— E aí vem a frase que sempre me pega — disse o da direita, mais baixo. — "Uma das vezes, não atenderam ao chamado de atenção."[1] Começaram a progredir por conta própria ali.

A cena se moveu.

De repente, eu tinha a sensação física de leve inclinação. O chão não despencava; apenas perdia um pouco do nivelamento perfeito. Nada que obrigasse a cair — mas o suficiente para fazer o corpo, mesmo sem peso, sentir um convite para descer.

— Pensa num terreno muito suave — sugeriu o da esquerda — que começa a afundar um milímetro por vez. No primeiro momento, ninguém nota. Você continua conversando, rindo, fazendo planos, sentindo-se muito seguro. Tem até a impressão de estar indo para frente. Só percebe a descida quando, lá adiante, o horizonte mudou de lugar.

O do centro completou:

— É assim que o *Livro* descreve o começo da queda.[1] Não como um tombo espetacular, mas como um deslocamento de eixo. Ao insistirmos em entrar naquela parte ainda em preparo, levamos conosco a estabilidade que tínhamos. Aquela região começou a descer devagar, afastando-se da Planície de origem, e nós descemos junto.

O da direita ergueu a mão, como em aula:

— E perdendo virtudes — disse. — Esse é o verbo. Ao se afastarem da condição de origem, os Habitantes não perdem apenas "altitude"; perdem virtudes. E o *Livro* tem uma ideia interessante: essas virtudes não desaparecem; se reúnem.[1]

A paisagem respondeu.

Acima daquela faixa que afundava, uma espécie de luz mais concentrada começou a se formar. Não era o brilho impecável da Planície; era um foco diferente, prateado, levemente fosco, como se estivesse sendo feito daquilo que nos escapava.

— Imagina — propôs o da esquerda — respingos de brilho que vão se juntando num ponto, à medida que a gente insiste numa direção. No começo, é só um clarão.

Depois, a concentração vira calor.

— O *Livro* chama isso de foco — retomou o centro. — À medida que as virtudes se afastam de nós e se reúnem naquele ponto, esse foco vai esquentando.[2] Não é um deus ofendido jogando raio na cabeça dos culpados; é consequência: aquilo que você desloca de lugar encontra outro modo de atuar.

O da direita ajeitou a postura, quase aliviado:

— Aqui a metáfora com a física ajuda de novo — disse. — Sem confundir as coisas, dá pra lembrar da intuição de uma estrela nascendo: uma região de matéria e energia que, ao se concentrar, aquece até acender. A ciência fala de nuvem de gás que colapsa; o *Livro* fala de virtudes que se reúnem num foco.[2] A linguagem é outra, mas a música de fundo é parecida: concentração, calor, trabalho novo.

O foco, à nossa frente, cresceu. Não virou imediatamente o sol que conhecemos. Era uma luz densa, em amadurecimento. À medida que esquentava, a parte em que insistíamos em "progredir por conta própria" também se transformava.

— E aqui — disse o do centro — que entram as duas matérias que o *Livro* descreve: uma que, aquecida, empola, queima, torra e se faz cinza; outra que amolece, derrete, vira uma espécie de goma.[2]

À medida que ele falava, a superfície daquele pedaço da Planície ganhava textura. Em alguns pontos, pequenas bolhas se levantavam, escureciam, até se tornarem uma camada espessa de cinza. Em outros, a claridade se dissolvia em algo mais viscoso, como massa que começa a derreter.

— Da parte que se faz cinza, vem o que mais tarde chamaremos de terra — continuou. — Da parte que se liquefaz, vem a água.[2] Entre ambas, a atuação do calor reunido naquele foco que cresce.

O da esquerda observava atentamente.

— É como ver um palco sendo montado — comentou. — Antes, só luz; agora, luz, calor, chão que se espessa, uma espécie de lama inicial que ainda não sabe que vai ser mundo.

O da direita completou, quase sério demais:

— E, enquanto isso, os corpos Racionais vão chegando à extinção, tal como eram.[2] Não se trata de exterminar "almas"; é outra transformação: aquilo que éramos como Habitantes dessa Planície vai perdendo as características de origem, e a natureza em formação começa a gerar outros corpos, por combinações de água, cinza, tempo e virtudes deformadas.

Silêncio. Por um instante, eu senti um luto que não sabia nomear. Não era só a tristeza de "ter caído"; era um espanto manso diante da extensão do percurso. Antes de

qualquer história individual — nome, família, cidade — havia uma história muito maior, de um campo de clareza que, por curiosidade, abriu mão de um pedaço da sua estabilidade e foi aprender, na carne, as consequências disso.

O do centro me olhou como quem sabe exatamente onde dói.

— O *Livro* organiza esse processo em sete partes — disse, com cuidado. — Sol, lua, estrelas, água, terra, animais e vegetais.[2] Não no sentido de "coisas separadas no espaço", mas como estados que se encadeiam: o foco que esquenta, a parte que se desce, a energia que se reúne em luz, a matéria que se divide em seca e molhada, o chão que se prepara, a vida que brota. Nós não viramos essas partes; estamos presos a elas e passamos a depender delas para existir na condição em que estamos.

Ele fez uma pausa, como quem sublinha sem levantar a voz:

— Deixar de ser Racional puro para passar a viver sobre aquilo que está em formação é trocar o eixo. A partir daqui, segundo o *Livro*, já não somos apenas Habitantes; somos aparelhos: corpos atravessados por correntes elétricas e magnéticas, influenciados pelo conjunto dessas sete partes.[2]

O homem da direita assentiu devagar.

— E é por isso que, depois, o *Livro* vai insistir tanto em fluido elétrico, fluido magnético, Fluido Racional — murmurou. — Porque a queda não termina no chão; ela continua na forma como pensamos, sentimos, decidimos.

O da esquerda puxou o fio com um sorriso um pouco triste:

— Somos, em resumo, herdeiros de uma curiosidade fora de tempo — disse. — Não de um crime perfeito, mas de um passo pequeno demais diante de uma consequência grande demais.

Ficamos algum tempo em silêncio.

A Planície, ao longe, continuava intacta. O trecho em que havíamos insistido também seguia seu curso, agora já com calor, cinza, água, promessa de formas. Entre uma e outra, a distância não era só de espaço; era de estado: um campo que permanecia em origem, outro que entrava num longo aprendizado de causa e efeito.

O do centro voltou a falar, com voz baixa:

— Quando o *Livro* chama isso de "deformação", não está xingando a nossa condição — disse. — Está nomeando um afastamento. A água que perde o lago passa a aceitar os desenhos do caminho: curva, pedra, desnível. Continua sendo água, mas já não vive como espelho; vive como corrente.

Ele me encarou com uma delicadeza que eu reconheci das minhas melhores leituras:

— Se você ouvir essa história como acusação, vai se encolher. Se ouvir como

diagnóstico, talvez consiga respirar melhor. Segundo o *Livro*, não perdemos a origem; ficamos longe o suficiente para estranhá-la.[1] E é desse estranhamento que nasce a saudade de centro que você sente quando a vida aperta.

O da direita, que tanto queria organizar tudo em mapas e teses, estava quieto. O da esquerda, que tanto gostava de transformar tudo em poesia e mito, também. Pela primeira vez, naquela cena, os dois pareciam concordar sem palavras. Eu, no meio, senti que o capítulo que começava ali não era sobre um "pecado original" num jardim distante, mas sobre um gesto: aproximar-se de uma parte que não estava pronta, insistir, não atender aos avisos, descer junto.[1]

O resto — sol, lua, estrelas, oceanos, continentes, linguagens, cidades — seria consequência longa desse gesto breve.

No fim da visão, o platô começou a se desfazer como névoa que amanhece. As três figuras foram perdendo contorno até restar apenas a sensação da Planície ao longe — não como prêmio prometido, mas como ponto de partida que, de algum modo, continua sendo horizonte.

Acordei no mesmo corpo de sempre: despertador, compromisso, café, conta pra pagar.

Mas a pergunta ganhou outra gramática. De onde viemos? Segundo o *Livro*, viemos de um lugar sem sombra, passamos por uma curiosidade fora de tempo, insistimos numa parte que ainda não estava pronta para entrar em progresso, vimos essa parte descer, vimos a energia se concentrar em foco, vimos esse foco aquecer, vimos a Planície se adensar, surgem as sete partes até que, muito depois, a vida que hoje chamamos nossa começasse a respirar sobre água e terra.[1] [2]

A partir do próximo capítulo, essa história desce ainda mais: veremos como, nesse mapa, essa queda se organiza em vinte e uma eternidades — e como, no meio dos fósseis, das línguas, das noites e dos dias, a saudade da Planície continua soprando por dentro, pedindo eixo.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 38.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 51.

O mundo como queda em vinte e uma eternidades

Quando a cena da Planície se recolhe e o platô imaginado volta a ser página, o mapa ganha cronologia. Antes do calor e da química, há o lugar: a Planície Racional, clareza sem esforço, inteligência que coincide com o que é. Ali, a palavra "defeito" não tem a quem se dirigir. Ainda assim, o *Livro* descreve uma parte que não estava pronta para entrar em progresso.[1] Alguns de nós se aproximaram dessa região.[1]

Houve avisos, repetidos. Numa dessas vezes, não atendemos. Começamos a "progredir" por conta própria. A partir daí, o movimento virou inclinação: aquela parte se deslocou da Planície e passou a descer devagar, como quem confunde rampa com estrada. À medida que descíamos, perdíamos virtudes; e virtudes perdidas, nesse mapa, não desaparecem — reúnem-se.[1]

Reunidas, formam um foco: primeiro fosco e prateado, depois cada vez mais quente. É o princípio do sol — não o dos calendários, mas o fogo que faz e desfaz.[2] Um ponto de concentração vira uma oficina inteira.

Se puxo a ciência para a conversa, sem forçar encaixe, lembro que o nosso Sol também é descrito como resultado de um colapso de energia e matéria num ponto de densidade crescente: nuvens de gás que se contraem, aquecem e, a partir de certo limite, acendem como estrela. Não digo que seja "a mesma cena"; digo que, em ambos os lados, aparece a intuição de um foco que concentra, aquece e inaugura outro tipo de trabalho.

Com esse foco aquecendo a região, duas matérias se apresentam ao trabalho: uma empola, queima, torra, vira cinza — o *Livro* a chama de resina; a outra derrete, fica gomosa, passa a líquido — a goma. Da goma, a água; da resina, a cinza, ou terra.[2] Assim se prepara o palco em que a natureza aprende processos longos. Enquanto o foco cresce, os corpos Racionais chegam à extinção.[2]

Não é sentença; é consequência. Extintas as formas de antes, a própria natureza, pela convivência da água com a cinza, começa a gerar outros corpos — primeiras formas muito distantes do humano que conhecemos.[2] Não têm olhos, nem boca; não ouvem; são primitivos de corpo e entendimento, tateando o próprio contorno.

Demora. Uma eternidade inteira apenas para haver corpo.[1]

Nessa primeira eternidade, esses corpos começam a se entender de algum modo: primeiro por acenos e guinchos. Depois, a voz se abre em esforço: gaguejos.[1] A linguagem começa como quem empurra uma porta pesada: o som sai, mas tropeça. Enquanto isso, o alto também trabalha.

Virtudes são vidas. As virtudes perdidas da própria Planície em degeneração se

organizam e abrem, no alto, os sinais que chamamos estrelas. Depois surge a lua e suas modificações.[2] O panorama superior se alfabetiza em luz, enquanto cá embaixo a voz ainda gagueja — adiantada no esforço, vaga no entendimento. A resina continua a se deformar; as transformações se aprofundam.

A água — já feita do trato entre calor e goma — penetra a cinza, e a cinza apodrece. Do apodrecimento nascem micróbios; dos micróbios, germes de formas. A vegetação começa, mas muito diferente desta.[1] Ainda não chove como hoje; é o calor que pauta os ritmos. A vida, no começo, parece repetir tentativas, mas aprende.

É um laboratório de milênios, sem pressa e sem manual.

A ciência fala em caldo primordial, oceanos quentes, moléculas simples que, aos poucos, se combinam até dar origem a formas de vida elementares. O vocabulário é outro — fala em química, não em resina e virtudes —, mas a música de fundo é parecida: calor, matéria em transformação, um longo aprendizado até que algo possa ser chamado de "vivo".

Quando a garganta força a voz que mal nasceu, os corpos começam a usar água — pouco, a conta-gotas — e, com o tempo, os órgãos se dilatam.[1] Até aqui, ainda eram eternos: o viver não se encerrava em morte; a eternidade tinha outra medida. Só mais adiante, experimentando vegetais sem conhecer bem a sua natureza, esses viventes encontram venenos, e surgem os primeiros casos de morte.[2]

A partir daí, a educação do corpo inclui memória do risco: o que serve, o que fere, o que se deve evitar. No alto, a lua já aparece com fases; as estrelas seguem visíveis. No chão, a vegetação muda, o dia e a noite começam a se alternar.

Vapor sobe das quenturas profundas e, muito depois, chove — chuviscos, primeiro. A água corre por cima e por baixo da cinza, divide terras, afunda partes, levanta outras: separam-se continentes.[1] O mundo se escreve em aclives e mares. Enquanto isso, os humanos seguem na escola lenta do entendimento.

De aceno a urro; de urro a gaguejo; de gaguejo a nome.[1]

Regularmente, passam a se entender, já com novas criações em volta e outros modos de viver: abrigos improvisados, uso mais amplo da água, experimentos com alimentos. A linguagem, enfim, sustenta frases; o cuidado, enfim, sustenta dias.

Se olho para isso com o mapa da história humana na mão, sem exigir coincidência milimétrica, vejo ecos: a ciência fala de hominídeos que começam com gestos e sons brutos; depois, pouco a pouco, organizam sílabas, nomeiam coisas, combinam sinais, até poder contar uma caçada, um medo, um desejo. Muito mais tarde virão pinturas em pedra, rituais em torno do fogo, símbolos gravados, escrita que registra.

O *Livro* chama esse longo caminho de vinte e uma eternidades;[1] a arqueologia fala

em dezenas de milhares de anos de pré-história. Em ambos os casos, a intuição é a mesma: aprender a falar de si levou tempo demais para caber numa geração.

Se o leitor pergunta onde termina a queda e começa a história, a resposta é de ritmo, não de data.

A queda, nesse mapa, é o longo adensar: perda de virtudes que se reúnem em foco; foco que esquenta; calor que deforma a parte da Planície; resina que vira cinza, goma que vira água; água que apodrece a cinza; podridão que gera micróbios; micróbios que ensaiam formas; formas que aprendem a gaguejar até poder dizer "eu".

Cada etapa parece suficiente enquanto dura; nenhuma é ainda porto.

Ao fim da vigésima primeira estação, nascem os primeiros passos que aí estão.[1] O cenário superior já tem lua com quartos e estrelas; as terras separam povos; a vegetação muda de feição; dia e noite se revezam; chove quando precisa; novas criações aparecem; os entendimentos, enfim, se regularizam.[1] Aqui começa o que chamamos história humana — e o próprio cansaço ganha outra gramática, porque o tempo agora conta.

Se a palavra "deformação" soa dura, prefiro usá-la como diagnóstico, não ofensa. Afastados do centro, tomamos forma de acordo com as formas. Dependemos do que nos cerca para nos manter.

Comparando, por hipótese, com o que a ciência conta, lembro das escalas enormes de tempo: bilhões de anos desde o que chamamos Big Bang; depois o resfriamento, a formação das galáxias, do nosso sistema, da Terra, das primeiras formas de vida, até chegar a nós. O *Livro* organiza isso em vinte e uma eternidades;[1] a ciência em eras, bilhões de anos, épocas geológicas. Não vejo uma disputa de cronogramas; vejo duas tentativas de não encolher o tempo grande da nossa história a alguns milhares de anos de calendário.

No corpo, sal de água antiga; na pele, memória de sol; no sangue, ferro que já foi estrela.

Somos liga: a resina que virou cinza, a goma que virou água, o calor que virou estação, a luz que virou relógio. E por baixo disso, a vontade inicial, agora trabalhada em saudade. As vinte e uma eternidades não servem para distraí-lo da realidade; servem para organizar o tempo grande em que cabemos. Se a sequência lhe parece mítica, leia-a como método de exposição.

Este capítulo não apresenta um "método a ser testado"; ele apenas tenta organizar, em prosa, a sequência que o *Livro Universo em Desencanto* descreve: Planície, parte que não estava pronta, aviso, progresso por conta própria, descida, perda de virtudes, foco, calor, resina e goma, água e cinza, extinção dos corpos Racionais, primeiras formas, acenos, urros, gaguejo, estrelas e lua, deformações mais fundas, separação das terras, vegetação

primeira, uso mínimo de água, dilatação dos órgãos ainda eternos, primeiras mortes, dia e noite, novas criações, entendimento regular — até os primeiros passos desta vida que hoje chamamos nossa.[1] [2]

Sem esse panorama, a pressa transforma o mapa em fábula; com ele, a fábula volta a ser cartografia.

O que faz essa história deixar de ser apenas mito de origem, no desenho do *Livro*, é a forma como ela projeta o desfecho: a mesma Planície que aparece aqui como ponto de partida retorna, mais adiante, como horizonte de chegada. Não como "céu" de prêmio, mas como condição de origem retomada na fase que o *Livro* chama de Aparelho Racional.[3]

Nessa fase, segundo o *Livro*, o eixo perdido volta a se aproximar do vivente. A correção proposta não é mágica, é paciente. Começa pelo nível mais íntimo — o da influência que comanda pensamento, sentimento, decisão — e se realiza, na linguagem do *Livro*, na Imunização Racional: leitura contínua pela qual o Fluido Racional, vindo da Planície, voltaria a governar o corpo de energia e embargar, para aquele vivente, a sequência de nascimentos na matéria.[3] [4]

No capítulo seguinte, quando a expressão progresso da degeneração aparecer com mais força, será essa continuidade que estará em jogo: a tentativa de alinhar cosmologia e experiência — o corpo que se gasta, o mundo que se esgota, as eras que se afinam.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 38.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 40.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 344.
4. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 20.

Progresso da degeneração

Chamamos de progresso tudo o que acelera. Mas acelerar sem orientação é só chegar cansado mais cedo. Há um tipo de avanço que aperfeiçoa o ruído: multiplica meios, empobrece fins. Quando a técnica cresce e a atenção não, a vida descarrila com etiqueta de eficiência. O nome é bonito, o efeito é conhecido: degeneração com cara de triunfo.

Parece haver uma aritmética silenciosa trabalhando por baixo das eras: cada vez que a vida se divide para continuar, deixa um fragmento de força no caminho. A natureza paga em prestações o milagre de multiplicar-se. O resultado, visto de longe, parece simples: o que ontem durava séculos, hoje dura décadas; o que era robusto, agora é delicado; o que era inteiro, agora precisa de muletas invisíveis para ficar de pé.

Do ponto de vista do *Livro Universo em Desencanto*, essa aritmética não é só biológica; é moral e metafísica. Cada vida mais curta é também uma memória mais rala da origem, um pouco menos de eixo passado adiante. Seguimos construindo máquinas admiráveis, mas com um centro cada vez mais cansado.

O progresso da degeneração é justamente isso: a queda, antes contada em eternidades, agora medida em décadas, relatórios, diagnósticos de época — a mesma curva de afastamento, só que em língua de século.

O *Livro* fala disso sem tabela, mas com uma clareza desconcertante. Diz que, em eras passadas, a duração dos viventes chegava a oitocentos anos; com o tempo, desceu a trezentos, depois a duzentos, depois a cem — e que, adiante, poucos chegarão a cinquenta.[8] Não nos interessa a exatidão da cifra; interessa a direção do movimento: gerações mais curtas, raças mais fracas, corpos mais dependentes. Progresso da degeneração, diz o *Livro*: progresso, porque avança; degeneração, porque o avanço é rumo à perda.

Não pretende humilhar a matéria — apenas constatar-lhe a fadiga. Onde há multiplicação contínua, há enfraquecimento difuso. A pergunta é inevitável: existe algo parecido sendo discutido na ciência?

Na biologia moderna, alguns pesquisadores falam em acúmulo de mutações prejudiciais ao longo das gerações — um "peso genético" que, se não for compensado, pressiona lentamente a aptidão para baixo.

Uma corrente minoritária, por exemplo, representada por John Sanford, propõe a ideia de uma "entropia genética": mutações pequenas, quase imperceptíveis em cada indivíduo, mas que se acumulam como poeira num motor, corroendo a informação

funcional geração após geração (SANFORD; BASENER, 2018)[1].

Outros, como Michael Lynch, descrevem processos similares de carga mutacional e derivas que podem levar populações ao colapso se a taxa de dano superar a capacidade de correção e seleção (LYNCH, 2016).[2]

Não é consenso absoluto nem artigo de fé da genética, mas é um ponto importante do debate: a vida, para se manter, precisa gastar energia reparando-se. Quando o dano se acumula mais rápido do que o reparo, o sistema enfraquece. O que o *Livro* chama de "enfraquecimento entre gerações"[2] e "restos uns dos outros" pode ser lido, nesta ponte hipotética, como um modo antigo de apontar para essa perda gradual de robustez, tanto no corpo quanto no ambiente que o sustenta.

O meio, por sua vez, não é cenário neutro. Sabemos hoje que toxinas, estresse crônico, nutrição pobre e vínculos frágeis não só adoecem indivíduos, como modulam a expressão gênica ao longo da vida e, em certos casos, deixam marcas transmissíveis a filhos e netos. A epigenética mostra como o ambiente conversa com o DNA, ligando e desligando genes como quem mexe no painel de luz de uma casa (FEIL; FRAGA, 2012).[3] A matéria viva guarda memória do trato que recebe.

Na cartografia do *Livro*, isso se lê assim: quanto mais a forma se multiplica longe do centro, mais o fluido que a anima se enfraquece. Cada geração, feita dos "restos uns dos outros", recebe não só herança de virtudes, mas também de desgastes.

Do uso mínimo de água que dilata os órgãos às primeiras mortes pelo consumo de vegetais mal conhecidos, tudo aponta para o mesmo eixo: a energia causal se gasta e, ao se gastar sem reposição de origem, faz corpos mais frágeis. A natureza não perde nada; transforma. Mas, quando transforma longe da fonte, cada nova forma devolve um pouco menos de vigor do que recebeu.

Se não há correção de rumo, a forma se rebaixa. Se há, reaprende regência. O envelhecimento, visto por outra lente, também guarda um componente entrópico e aleatório: mesmo em ambientes ideais, sistemas vivos acumulam danos, erros de cópia, perdas de organização; envelhecer não é acidente, é consequência da forma como a vida lida com a própria desordem (HAYFLICK, 2007).[4]

É uma lei da distância: o ramo mais longe do tronco sente menos seiva. E, no entanto, continua folha, precisa de luz, move-se ao menor rumor do ar.

Esse enfraquecimento não é só biológico. Olhe à volta: florestas que outrora pareciam eternas acenam com copas mais ralas; a biodiversidade encolhe, silenciosa, com perdas de abundância e de espécies documentadas em escala global (IPBES, 2019)[5]; a atmosfera aquece em curvas que já não cabem na metáfora do "ciclo natural" (IPCC, 2023)[7]; e a poluição — do ar, da água, do solo — segue cobrando um tributo imenso em

doença e morte, especialmente entre os mais vulneráveis (THE LANCET COMMISSION, 2018).[6] Não é por acaso que a nossa época vende fôlego em frascos.

Dizem que vivemos mais que os antigos; empacotamos juventude em cremes, dietas, bio-hacks, protocolos de respiração, suplementos, "consciência quântica" de prateleira. Nada disso é crime; é sintoma.

Se eu puxo as estatísticas para a conversa, a história parece de festa: em 1900, a expectativa de vida global girava em torno de trinta anos; hoje passa de setenta em muitos lugares. Saneamento, vacinas, antibióticos, menos morte na infância — tudo isso alonga o gráfico.

Mas expectativa ao nascer mede, sobretudo, a queda das mortes precoces, não uma garantia de que o aparelho humano fique, em si, mais robusto.

Alguns autores falam, ao contrário, em carga mutacional crescente e em pressões ambientais que vão corroendo, aos poucos, a reserva de saúde das gerações. Não trago isso como sentença, mas como hipótese incômoda: e se a nossa longevidade estatística estiver sendo comprada à custa de um enfraquecimento de fundo que os remédios apenas adiam?

Quando o eixo afina, aprimoramos manutenção: alongamos a carcaça, mas o desgaste de fundo não muda de nome. O *Livro* chamará isso de progresso da degeneração; a cultura chama de bem-estar. Ambos falam do mesmo cansaço, só que com etiquetas diferentes.

A diversidade — esse coro que sustentava a canção — ensaia com menos vozes. Nos corpos, o mesmo rumor. Há um cansaço que já não se explica só com agenda e café frio. Dormimos com telas que não dormem, respiramos em cidades que se esquecem de ventilar, vivemos num coro de notificações que transformou o pensamento em passarinhos assustados.

A exaustão coletiva é o nome social de um fenômeno íntimo: o aparelho humano, sintonizado em correntes variáveis, oscila além do que suporta. E porque corpo e ambiente conversam, a própria biologia mostra hoje como o meio — toxinas, estresse, dieta, afeto — pode modular a expressão gênica ao longo da vida. A atenção minguada é a nossa versão neurológica do rio que seca.

Nos sistemas, idem: instituições inteiras parecem respirar curto. Economias que prometiam crescimento infinito engasgam na própria estatística. A confiança — essa moeda invisível que sustenta tudo — sofre desvalorização silenciosa. Saúde, educação, política, cultura: as engrenagens pedem graxa e recebemos mais atrito. Falamos em colapso com a leviandade de quem já normalizou o precipício. Não é teatro. É o tom do tempo.

No cotidiano, isso se traduz em pequenas falências de eixo: vínculos que não suportam atrito, projetos que nascem exaustos, gerações inteiras treinadas para performar, não para enraizar. A mesma curva que encurta a vida do corpo parece encurtar a paciência, a capacidade de escutar, o fôlego para cuidar.

O *Livro* lê esse cenário como consequência do afastamento acumulado: quando a origem deixa de ser centro, tudo o mais precisa rodar mais rápido para não encarar o vazio.

É aqui que a cartografia do *Livro* oferece sua leitura e diz: o enfraquecimento não é acidente nem castigo; é consequência lógica do afastamento acumulado. Vidas mais curtas, novas gerações mais fracas, sistemas instáveis — variações de uma mesma música: quanto mais nos multiplicamos sem memória da origem, mais dependemos de remendos. E remendo não cura, apenas adia.

Se a tendência corresse até o fim, viria a extinção desta forma de vida e a passagem para outras formas mais simples — quadrúpedes[10], diz o *Livro* — resultado natural do enfraquecimento progressivo das duas energias que nos sustentam, elétrica e magnética.

No mapa Racional, quando a forma se afasta demais da origem, ela se rebaixa para poder continuar. A frase é dura, mas a dureza aqui é diagnóstico, não sentença. E, no entanto, o próprio *Livro* ergue o dedo para dizer: "não precisa ir até lá." O mesmo mapa que descreve a minguância fala de um conhecimento capaz de embargar a extinção.

Na linguagem do *Livro*, conhecimento não é opinião, doutrina ou truque, mas mudança de regência: sair do circuito elétrico e magnético que nos desgasta e reconectar-se ao fluido de origem, o Fluido Racional, que não se consome ao dividir-se.

É essa operação — a Imunização Racional[10] — que o *Livro* apresenta como possibilidade. O retorno não apaga a história, mas corrige a direção do passo.

O que chamamos aqui de progresso da degeneração é a leitura Racional do esgotamento: uma leitura que fala em fluido, virtude, distância da origem. A ciência lê com outros instrumentos: mede CO_2, mapeia redes ecológicas, projeta cenários climáticos, investiga cargas mutacionais e trajetórias de aptidão em populações (LYNCH, 2016)[2], descreve processos entrópicos do envelhecimento (HAYFLICK, 2007)[4], impactos sanitários da poluição (THE LANCET COMMISSION, 2018)[6] e a erosão da biodiversidade com suas implicações sistêmicas (IPBES, 2019)[5], além de apontar rotas possíveis — mitigação, adaptação, restauração, políticas públicas (IPCC, 2023)[7]. Tudo isso é indispensável — e nada disso esgota o que somos.

Por isso, não confunda os campos: este capítulo não pretende "provar" o *Livro* com o laboratório, nem negar o laboratório em seu nome. Não é disputa; é diálogo. Enquanto a ciência descreve mecanicamente o cansaço do planeta e do corpo, a

cartografia Racional descreve o cansaço da forma. Uma pergunta mede temperaturas; a outra mede distâncias da origem. Quando as duas perguntas se escutam, algo no meio encontra ar.

Talvez o ponto de encontro esteja na experiência mais simples: a sensação íntima de que "isso aqui está se gastando". Não falamos só do mundo — falamos de nós. É quando a pessoa percebe que tem vivido a multiplicação sem eixo: tarefas que se multiplicam, relações que se multiplicam, objetos, abas, promessas, ambições — e, apesar de tudo, uma fome que não recua.

A multiplicação sem essência enfraquece. A essência, quando lembrada, rearruma as contas. A proposta do *Livro* não é um altar, mas um método: recolocar a consciência sob outra fonte de influência, para que o desgaste deixe de ser a única música. O que descrevo aqui é esse método tal como o *Livro* o apresenta, não um programa próprio deste ensaio.

Para que a soma deixe de subtrair, é preciso devolver ao tronco parte da seiva. Se você prefere as palavras da ciência, pode pensar assim: sistemas complexos colapsam quando perdem feedback com o ambiente e retroalimentam ruídos. Precisam de reforços estabilizadores e de uma variável de ordem que reconfigure o caos.

No vocabulário do *Livro*, essa variável é a lembrança da origem; no seu, pode ser outra palavra: eixo, sentido, silêncio, coração, atenção. O nome importa menos que o gesto de voltar-se. A degeneração progride como a noite: não chega de uma vez.

O retorno começa como a aurora: não ilumina de uma vez. Em ambos os casos, a velocidade engana; o que decide é a direção. Entre o corpo que se esgota e o planeta que se aquece, há um pacto possível: desacelerar o que corrói, acelerar o que repara e escolher, com mais cuidado, a fonte de onde bebemos o pensamento.

O *Livro* garante que, sob outra regência, a extinção é embargada. A ciência, quando é humilde, admite que certas mudanças de cultura valem tanto quanto tecnologias. E o humano que somos sabe, por experiência, que um só bom silêncio pode salvar um dia inteiro.

Se a queda foi feita de incontáveis divisões, o retorno será feito de incontáveis reuniões: reunir, pela Imunização Racional, as sete partes do corpo de energia hoje espalhadas em sol, lua, estrelas, água, terra, animais e vegetais e reconduzi-las ao Mundo Racional, onde recompõem o corpo de origem e cessam os nascimentos; reunir atenção ao que importa, reunir corpo e respiração, reunir trabalho e cuidado, reunir técnica e ética, reunir a parte que produz com a parte que contempla.

Quando a vida volta a receber do centro, a minguância desacelera. A folha torna a beber seiva. A palavra volta a ter peso. O tempo, que andava curto, encontra uma dobra.

E o medo — esse cachorro que late por trás do portão — recolhe-se um pouco, porque alguém chegou em casa.

No próximo capítulo falaremos da gramática invisível que estrutura esses movimentos — os fluidos, com seus modos de tocar a matéria como o vento toca a pele.

Não peça provas de laboratório para o vento antes de senti-lo no rosto. E, ainda assim, mantenha o laboratório aberto. Entre a estação meteorológica e a janela, há um ser humano que precisa das duas.

Notas deste capítulo*:*

1. *Sanford, John C., and William F. Basener.* 2018. "The Fundamental Theorem of Natural Selection with Mutations." Journal of Mathematical Biology 76: 1589–1622.
2. *Lynch, Michael.* 2016. "Mutation and Human Exceptionalism: Our Future Genetic Load." Proceedings of the National Academy of Sciences 113 (23): 6340–6346.
3. *Feil, Robert, and Mario F. Fraga.* 2012. "Epigenetics and the Environment: Emerging Patterns and Implications." Nature Reviews Genetics 13: 97–109.
4. *Hayflick, Leonard.* 2007. "Entropy Explains Aging, Genetic Determinism Explains Longevity, and Undefined Terminology Explains Misunderstanding Both." The Journals of Gerontology: Series A 62 (2): 122–129.
5. *IPBES*. 2019. Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services. Bonn: Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services.
6. *The Lancet Commission on Pollution and Health*. 2018. "The Lancet Commission on Pollution and Health." The Lancet 391 (10119): 462–512.
7. *IPCC*. 2023. AR6 Synthesis Report. Geneva: Intergovernmental Panel on Climate Change.
8. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 263.
9. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 267.
10. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 77.
11. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 86.

Fluidos: a gramática invisível da matéria

Quando falei de correntes, eu estava falando de linguagem. O *Livro* chama de fluido aquilo que anima, liga, informa e move — não um vapor romântico, mas o princípio operante que faz um grão pertencer à praia e um pensamento pertencer a você.[1]

Antes de qualquer frase, vem a gramática. No mapa do *Livro*, ela é mais ou menos assim: as virtudes perdidas pelos Habitantes da Planície reúnem-se num foco de luz; desse foco irradia o calor; do calor nascem os fluidos; dos fluidos, os micróbios; dos micróbios, as formas; das formas, os corpos — e, com o tempo, o entendimento que aprende a se dizer.[1]

É assim que, nessa narrativa, a matéria inaugura o verbo.

O sol, aqui, não é só calendário: é o foco formado dessas virtudes em degeneração, a fornalha que acende a oficina do mundo. Na linguagem do *Livro*, é no calor do sol que moram os fluidos — e neles, a potência das microvidas que, misturadas e amadurecidas, se tornam tecidos, órgãos, espécies, épocas.[2]

Se o sol é o sopro quente que põe tudo a caminho, a lua é o braço que acompanha o passo: ajuda por via magnética, rege marés e marés íntimas, dá cadência ao recolhimento. As estrelas, por sua vez, não são adivinha de jornal; agem como adubo elétrico, um fertilizante silencioso que trabalha de cima para baixo.[2]

A água, nesse vocabulário, não é apenas líquido: é passagem e pureza, base do magnetismo de que se alimenta a vida. A terra, princípio feminino, é o ventre que recebe, gesta e reproduz.[2] Foi sobre esse chão que, depois da extinção das formas Racionais da Planície, surgiram novos arranjos de vida: primeiro os animais de origem Racional em corpo de matéria, depois os vegetais, em seguida os animais irracionais.[2]

Tudo isso, antes de ser forma, é fluido. Antes de ser objeto, é influência.

O vento não se vê; vê-se a cortina concordar. Assim também o fluido: não aparece por si mesmo, revela-se pelo efeito. Um lugar pesa sem motivo; outro alivia sem esforço. Uma conversa seca; outra rega. Damos nomes modernos a esse trato antigo — clima, vibração, energia —, mas a experiência é a mesma: somos aparelhos atravessados por correntes elétricas e magnéticas.[1]

É tentador transformar essa gramática invisível em superstição ou em receita. Não é o caso.

O *Livro* organiza esses campos-fonte — sol, lua, estrelas, água, terra, vegetais, animais — para lembrar procedências, não para criar ídolos.[2] O importante, nesse mapa, é a direção: quando a regência da vida se afasta do foco de origem, os campos se

desalinham; quando a regência volta ao foco, os campos se entendem. É a mesma orquestra, mas afinada por outro diapasão.

O que o *Livro* chama de progresso da degeneração não é insulto à matéria; é diagnóstico de excesso de multiplicação sem eixo: vida que se divide ao infinito, remendos que pedem mais remendos, forma que perde seiva ao repartir-se demais.[3] A correção, no vocabulário Racional, recebe um nome comprido — Imunização Racional — e um gesto simples: mudança de regência.[3]

Mudar de regência, aqui, não é trocar de crença; é reconduzir o aparelho ao fluido de origem, o Fluido Racional, que o *Livro* descreve como vindo do universo original.[3] Em vez de vivermos apenas sob comando de correntes elétricas e magnéticas, sujeitas a desgaste, o aparelho passaria — segundo essa cartografia — a ser governado também por um fluido que vem da Planície de origem e sustenta sem se consumir.[3]

Sob essa presença, a mesma natureza muda de tom.
O calor não vira febre; a terra não vira peso; a água não vira fuga; o animal não vira pressa; o vegetal não vira só ornamento; a lua não vira torpor; as estrelas não viram pretexto. Cada campo encontra o lugar que lhe cabe, sem exigir espetáculo.

Talvez alguém peça provas, curvas, tabelas. Eu respeito as medidas da ciência e não as troco por metáforas; deixo que convivam. Aqui, o que peço é outro tipo de verificação: repare como o corpo costuma entender esse idioma antes da cabeça.

Em certos ambientes, a respiração se alonga por conta própria; sob certas luzes, os ombros descem; com certas pessoas, a cabeça clareia; em certos silêncios, a mente desarma trincheiras. Não é encantamento barato; é concordância de campo. Quando o campo está um pouco mais regulado, até o relógio perde a urgência de provar a hora.

Não estou propondo mandamentos nem exercícios especiais; estou só pedindo um tipo de atenção: trate o próprio corpo como um pequeno sismógrafo do invisível. Ele registra onde a corrente elétrica e magnética exaurem, onde aliviam, onde silenciam.

No próximo capítulo, vamos olhar para outro nome que o *Livro* dá a esse mesmo cenário — o encanto. Não como "mundo mágico", mas como estado de quem vive hipnotizado pela superfície das coisas, girando o rosário das repetições sem perceber que há um fio por trás. Os fluidos são a gramática; o encanto é o enredo que essa gramática escreve quando a origem não é lembrada.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 51.
2. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 38.
3. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 267.

Encantados num mundo encantado

Se, no capítulo anterior, falei de fluidos como gramática invisível da matéria, aqui o assunto é o feitiço: o modo como essa gramática nos mantém encantados num mundo que, segundo o *Livro Universo em Desencanto*, já é encantado por natureza.

No vocabulário do *Livro*, viver "encantado" não é viver maravilhado; é viver sob encanto.[1] Encanto é o nome do estado de quem vive num curso primário de existência: abaixo do sol, em meio a mistérios, enigmas, experiências, sonhando com uma vida que não conhece a sua base.[1] A vida aí é "um copo sem fundo e sem base": todos sentem, sofrem, lutam, mas não sabem de onde vieram nem para onde vão.[3] É a vida dos sonhos e das ilusões: sonha-se que se tem vida, que se está acordado; de repente, o sonho acaba, a vida se apaga e o encanto continua para os que ficam.[2]

Encantado, nessa cartografia, é quem vive assim: dentro de um mundo que não sabe explicar, guiado por experiências que não dão conta do fundo, movido por uma esperança que consola e ao mesmo tempo cansa. Busca-se o bem, mas, como o próprio *Livro* insiste, esse "bem" de matéria não tem base sólida — é palavra que amansa, não realidade que resolve.[1]

O desencanto é o contrário disso.

Não no sentido de "perder a graça", mas de sair desse sonho sem base. Desencantar, para o *Livro*, é receber as soluções do mundo: saber de onde veio, como veio, para onde vai, como vai, o porquê da vida, o porquê do mundo, o porquê de tudo.[1] É deixar de viver "à mercê das fracas experiências" para viver orientado por uma base Racional.[2] Por isso o próprio título da Obra é *Universo em Desencanto*: é um redígio feito para desencantar, não para enfeitiçar ainda mais.

Até a forma como o *Livro* é escrito se explica por aí.

Não é tratado de lógica acadêmica, nem manual linear de autoajuda. Ele salta entre assuntos, repete, intercala, retoma.[1] Aos olhos encantados, parece "modo esquisito"; para quem entende a proposta, é jeito de quebrar a linha de raciocínio do encanto — de interromper o fio das certezas aparentes para introduzir outra base. Se o encanto gosta de histórias redondas que adormecem, o desencanto prefere pedaços que vão acordando pouco a pouco.

Somos, nessa cartografia, aparelhos atravessados por correntes.[1] Elétricas, magnéticas, emocionais, mentais: umas levantam, outras derrubam, quase todas competem por comando. Enquanto a regência é elétrica e magnética, o aparelho vive

sob jugo amargo: vida de ilusões que, quanto mais se multiplicam, mais cansam.[3] Quanto mais se aposta nelas, mais a vida se torna "tormentosa, amargurada e aniquilada pela proporção da embriaguez das ilusões".[3] É o mundo dos que, mesmo com muito, não encontram sossego; e dos que, mesmo com pouco, vivem sempre à espera de um "bem" que não chega.

É nesse cenário que o *Livro* apresenta a figura do rosário da vida.

No *Universo em Desencanto*, "rosário da vida" é a imagem da sequência de períodos e experiências de um encantado: cada conta, um pedaço de vida; cada pedaço, transes bons e maus; tudo compondo o fio de um viver sem conhecer a origem — e, por isso, repetindo, sofrendo, iludindo-se e se desiludindo, "vida em vida", sempre no mesmo encanto.[4] A conversa, ali, não se limita a uma encarnação; fala de um rosário mais longo, feito de muitas passagens num mesmo curso primário.

Aqui, neste livro, desço o foco para o trecho do rosário que você pode observar de perto: o pedaço que se manifesta no cotidiano desta vida.

Quando uso a palavra "rosário" neste capítulo, falo desse fio de repetições que você gira todos os dias dentro de si: as preocupações que voltam, as justificativas prontas, as queixas automáticas, as promessas renovadas em segundas-feiras sucessivas, os hábitos que se encadeiam sem que ninguém pergunte se ainda fazem sentido. É a parte visível do rosário encantado; aquilo que está ao alcance da sua atenção agora.

Nem toda repetição, porém, é prisão. Há repetições que sustentam: preparar o café de quem se ama, varrer o quintal, cuidar de um jardim, meditar, estudar um pouco por dia, trabalhar com dignidade. Essas contas, mesmo dentro do encanto, alimentam alguma forma de cuidado e ordem. O problema é o rosário rodando sem supervisão: as contas que desgastam — comparações constantes, consumos que não alimentam, frases cansadas ("é sempre assim", "nada muda", "não aguento mais") que voltam por hábito, não por verdade.

O encanto se fortalece quando a vida roda nesse piloto automático. Quando percebemos, o dia já foi inteiro gasto repetindo contas velhas: as mesmas notícias que prometem solução e entregam cansaço, os mesmos conflitos internos, as mesmas ilusões de que "se eu conquistar tal coisa, então serei feliz". O *Livro* chama isso de "embriaguez das ilusões":[3] vive-se à base de sonhos e expectativas que, depois de um tempo, terminam em desilusão.

A cultura das telas ampliou esse cenário.

O *Livro* descreve o encanto como vida de aparência, de presépio, de fantasias que seduzem e não resolvem.[1] Hoje, esse presépio ganhou iluminação led: timelines, vitrines de bem-estar, performances de sucesso. Não é que tudo seja falso; é que, se aceitamos a

régua alheia sem nenhuma pausa, passamos a administrar a própria vida como vitrine. Vivemos para render foto, frase, impressão. O rosário ganha novas contas: curtidas, notificações, métricas de um "bem" que nunca se estabiliza.

Nesse contexto, qualquer convite ao silêncio parece ofensa. Ficar quieto por alguns minutos, sem tela, sem música, sem conversa, é quase um ato de rebeldia. O encanto prefere barulho: ele se sustenta na falta de intervalo. Enquanto tudo está cheio de ruído, não há espaço para a pergunta simples: "a serviço de quê está o rosário que eu giro?".

O que este capítulo faz é oferecer essa cartografia como hipótese de trabalho e, ao mesmo tempo, propor um critério de verificação simples, quase caseiro. Critério é este: o invisível que faz bem alarga o ar e dá nitidez à consciência. Onde tudo apertou por dentro, estreitou o peito, turvou a cabeça, talvez não seja "profundidade"; talvez seja encanto pedindo nome. Onde o ar alargou, a respiração se soltou, o pensamento ficou mais nítido e o coração menos agressivo, há sinais de eixo reencontrando o seu tom.

O desencanto, no sentido Racional, não é só "ver a realidade da vida dura" — isso o sofrimento já faz. Desencanto, para o *Livro*, é outra coisa: é começar a ser mais forte que as ilusões.[3] É passar de dominado por elas a dominador delas; de sustentado pela esperança vaga a sustentado por um conhecimento que mostra o princípio, o meio e o fim de tudo.[3] Isso, segundo o *Livro*, não se alcança apenas com boa vontade ou lucidez filosófica; se alcança com a Imunização Racional: ler o *Livro* todos os dias, com atenção, até ficar dominado por um outro tipo de influência, que regula o aparelho por dentro.[3]

Este capítulo é, digamos, uma aula de curso de acesso: não é o curso primário (isso você já vive), não é ainda o curso secundário nem o superior; é uma conversa na porta da escola, ajudando a distinguir entre encanto e desencanto, entre sonho que adormece e conhecimento que acorda.

Do ponto de vista prático, isso começa pequeno. Se a vida é uma língua, o primeiro gesto de desencanto cotidiano é recuperar a sintaxe do dia: observar quais palavras, imagens, expectativas e hábitos você está usando para montar a sua frase de hoje. Há manhãs em que abrir a janela é acertar o vento; há tardes em que a água, bebida devagar, devolve passagem ao que estava preso; há noites em que algumas páginas lidas com atenção — a página do *Universo em Desencanto*, se for o seu caminho — reorganiza o rumor interno como quem encontra uma nota justa num instrumento cansado.

Encanto e desencanto, assim vistos, não são só categorias metafísicas; são modos de respirar. No encanto, o rosário roda para dentro do mesmo jugo amargo: ilusões fortes, consciência fraca, muita luta, pouco sentido.[3] No desencanto, o rosário começa a mudar de fio: as contas de sofrimento continuam existindo, mas deixam de comandar; o aparelho começa a ser educado por outro critério, outra regência, outra base.

A limpeza fina do mapa — a Imunização Racional em si — é assunto do *Livro*. O que este capítulo se propõe a fazer é algo mais modesto e, ao mesmo tempo, decisivo: ajudar você a perceber, no próprio dia, onde o encanto está operando, quais contas estão girando, que tipo de sonho você está alimentando. Se quiser levar um critério consigo até o próximo capítulo, guarde este: onde apertou e turvou, há encanto pedindo nome. Onde alargou e aquietou, há eixo reencontrando o seu tom. Entre um e outro, passa o fio do rosário da vida — e, segundo o *Livro*, a possibilidade real de desencantá-lo.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 317.
2. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 152.
3. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 270.
4. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 19.

Aparelhos elétricos e magnéticos: o “eu” e o “tu”

Quando o *Livro* diz que somos aparelhos elétricos e magnéticos[1], não está nos reduzindo a fios e parafusos; está nos devolvendo um jeito de ler o corpo e a mente.

Pense num rádio de válvulas: madeira aquecida, cheiro de poeira e tempo, e um dial que, ao mínimo giro, captura mundos. A cabeça, nessa imagem, é o “relógio sintonia”: um mecanismo que recebe, mistura e ordena sinais. O coração sente primeiro; o corpo é a caixa acústica; e a vida — sempre insistente — é a programação que não cessa, dia e noite.

No vocabulário do *Livro*, “aparelho” não é metáfora tecnológica moderna; é diagnóstico: somos montados para receber, decodificar e retransmitir correntes. Antes de nos chamar de “pessoas” ou “sujeitos”, o *Livro* nos chama de “aparelhos elétricos e magnéticos” e, em seguida, de “animais Racionais”: seres que pensam, sentem, decidem — mas que, enquanto a origem não volta a comandar, vivem muito mais de experiência do que de certeza.[1]

Aqui entram o “eu” e o “tu”. No texto original, o “eu” é apresentado como casa do fluido: interioridade invisível, a individualidade, onde os pensamentos chegam, conversam e disputam espaço. O “tu” é o todo que se vê: corpo, rosto, gestos, escolhas, a personalidade em cena.[1]

O “eu” dirige o “tu”; o “tu” é o que o “eu” torna visível. Não são duas pessoas diferentes; são dois planos do mesmo aparelho. O “eu” é a sala de controle; o “tu” é a estrada por onde o resultado caminha. Quando a sintonia interna está torta, o “tu” tropeça. Quando a sintonia se alinha, o “tu” ganha cadência. Os pensamentos que costumamos tratar como propriedade privada — “penso, logo são meus” —, nesse mapa, são apresentados como fluidos: correntes que atravessam o aparelho.

A parte elétrica corresponde ao pensamento mais claro, mais rápido, mais afirmativo. A parte magnética se aproxima do pensamento pesado, insistente, ruminante.[1] É como se tivéssemos duas marés passando pelo mesmo litoral: uma levanta, outra puxa. A cabeça é a praia que sente tudo.

Você conhece a experiência: tudo tranquilo e, de repente, pousa um pensamento intruso — um medo antigo, um ciúme súbito, uma irritação sem motivo claro. Não foi convidado; simplesmente chegou. Onde estava antes de aparecer? Em que “estação” aguardava?

O *Livro* responde de um jeito radical: o ser humano é um centro astrológico — um ponto de captação permanente de influências, intuições e comunicações.[2] A cabeça

funciona como relógio captador; por isso, o pensamento não para. Não se trata apenas de "ideias que eu produzo", mas de um fluxo com o qual eu convivo. É aqui que a linguagem de "fluidos" ganha corpo.

Somos, segundo o *Livro*, formados por uma natureza fluídica elétrica e magnética; vivemos banhados por essas correntes.[1] Elas entram no "eu" como pensamentos, sentimentos, impulsos; e saem pelo "tu" como palavras, ações, decisões.

E os "habitantes do vácuo", tão presentes nas páginas do *Livro*?

De forma muito resumida, o *Universo em Desencanto* descreve uma população invisível que habita o espaço entre a Terra e o sol: corpos fluídicos elétricos e magnéticos, também deformados, com hierarquia, temperamentos e graus de bondade e maldade, que influenciam a humanidade por irradiação.[3] É a esse conjunto que o texto chama, muitas vezes, de "espíritos" ou "povo da baixa atmosfera".[3]

Este livro não entra em catálogo de entidades, nem pretende arbitrar debates religiosos.

O que nos interessa aqui é o efeito operacional dessa cartografia: reconhecer que não pensamos no vazio; admitir que há um campo de influências que nos atravessa; perceber que as variações súbitas de humor, ânimo, coragem e desânimo podem ter relação com esse campo — sem negar a biologia, a psicologia ou a história pessoal.

Em termos simples: o "eu" é menos "autor absoluto" e mais porteiro de um fluxo. O que entra e ganha moradia lá dentro é, em grande parte, questão de hábito e atenção.

Quando o *Livro* fala que os pensamentos maus são irradiados da parte magnética e os pensamentos bons da parte elétrica[1], está apenas oferecendo uma régua: não para separar "gente boa" de "gente má", mas para ajudar o aparelho a distinguir correntes que elevam de correntes que derrubam.

Dentro dessa mesma lógica, a intuição ganha outro relevo. Em vez de ser "um chute inspirado", a intuição aparece como sinal de alta-fidelidade: não grita, não dramatiza, não promete vantagem. Chega como um saber sereno, um fio de simplicidade atravessando o ruído. É como se, por um instante, o "eu" conseguisse ouvir um canal menos contaminado e o "tu" tivesse a chance de agir a partir daí.

Já o impulso é descrito quase como um fluido gordo: carregado de urgência, empurrando o corpo para "resolver já" o que o "eu" ainda não compreendeu. Há impulsos necessários — o braço que se estende para segurar uma criança antes da queda — e há impulsos que vestimos com roupa nobre para disfarçar o automatismo.

O teste, aqui, é simples: o que sobra depois do impulso?

Se sobra clareza, era vida. Se sobra arrependimento, era corrente magnética fantasiada de necessidade. Até aqui, poderíamos ficar numa leitura que qualquer

psicólogo reconheceria: inconsciente, condicionamentos, vieses, traumas, padrões. Nada disso é desmentido. O que o *Livro* faz é estender esse mapa: diz que, além da biografia e da química cerebral, há uma infraestrutura de influências fluidificadas — visíveis e invisíveis — que formam o pano de fundo de tudo.

Nesse cenário, a pergunta central deste capítulo é: como o "eu" aprende a hospedar menos correntes que o desequilibram e mais correntes que o alinham? O *Livro Universo em Desencanto* responde com seu gesto central: a Imunização Racional. Na descrição do próprio *Livro*, trata-se da entrada, pela leitura diária, de um fluido diferente dentro do "eu": o Fluido Racional, vindo da Planície Racional.[1] [3]

Ele entra primeiro como pensamento diferente — um pensamento que "conversa com a pessoa"[1] — e, com o tempo, vai tomando o lugar de comando que antes era ocupado apenas pelo fluido elétrico e magnético. Em termos de aparelho: antes, o "eu" é casa quase exclusiva do elétrico e magnético; o "tu" vive corrigindo incêndios. Depois: o "eu" começa a ser habitado por um comando de outra natureza; o elétrico e magnético continua existindo, mas deixa de ser soberano.[1] [3]

A Imunização, nessa chave, não é truque, nem ritual, nem experiência de culto; é mudança de regência. O mesmo cérebro, o mesmo coração, o mesmo CPF — outra qualidade de comando orientando o que pensamos, sentimos e decidimos.

O que interessa, para os fins deste capítulo, é registrar que o "eu" não é só "psique": é casa de fluido, casa de influência;[1] que o "tu" não é só "persona social": é aquilo que o "eu" torna visível;[1] que a qualidade do dia muda quando paramos de tomar todo pensamento como ordem — e começamos a tratá-lo como sinal.

Talvez esta imagem ajude: a mente como um pequeno mercado. Há vozes vendendo urgências, pregões de novidade, barganhas afetivas, medos em promoção. A exposição diária, calma, a um texto que fala de origem, de causa, de começo e fim, funciona como alvará de funcionamento consciente: não expulsa ninguém à força, mas estabelece critérios. "Aqui dentro, primeiro o essencial. O resto espera."

Pouco a pouco, o "eu" volta a ser casa, não beco; o "tu" volta a ser caminho, não apenas reflexo do tumulto. O mesmo mundo, a mesma família, o mesmo trabalho, as mesmas notícias — e outra postura de quem não se confunde mais com o que sente passar por dentro.

Alguém pode dizer: "mas isso é só outra linguagem para falar de equilíbrio emocional". Talvez. Não entrarei na disputa das placas. O que importa, aqui, é o efeito operativo: um aparelho que aprende a nomear suas correntes, a escolher seus sinais, a honrar sua intuição e a se demorar um segundo antes do impulso melhora a qualidade da própria presença.

E presença, hoje, é quase milagre: estar inteiro onde se está, com pensamento alinhado ao gesto e gesto alinhado ao sentido. No fim, tudo volta para o relógio da cabeça. O *Livro* diz que ele está, por enquanto, desregulado[2] — variando conforme as influências — e que a Imunização é o ofício de recolocar ponteiros.[3] Não muda o céu; alinha a leitura que fazemos dele. Não cancela o vento; ensina a usar a vela. Não silencia o mercado; devolve ao dono da banca o direito de abrir e fechar as portas.

Se o "eu" é casa do fluido e o "tu" é sua expressão, a boa notícia é discreta e enorme ao mesmo tempo: a casa pode aprender hospitalidade seletiva. Nem toda voz é hóspede. Nem todo impulso é visita amiga. Nem todo pensamento é proprietário do terreno.

O aparelho que somos não precisa virar outro para funcionar melhor; precisa lembrar a própria arquitetura. É essa lembrança — de mapa, de eixo, de regência — que este ensaio tenta organizar em palavras, sem se confundir com o método que descreve.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 57.
2. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 226.
3. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 122.

Quando a leitura vira gesto

Há leituras que passam pelos olhos como água em pedra lisa. Refrescam um instante, escorrem, somem. E há leituras que insistem: voltam, pedem canto na mesa, depois canto na rotina, depois lugar fixo na cabeceira. O *Livro Universo em Desencanto*, lido com constância, faz isso. Não anuncia mudança com trombeta; altera, devagar, o clima do cômodo — como uma janela que alguém passou a abrir todo dia sem avisar ninguém.

No mapa anterior vimos o essencial: aparelhos elétricos e magnéticos, o "eu" como casa do fluido, o "tu" como expressão, pensamentos como correntes que nos atravessam. E, por trás disso, uma pergunta de equilíbrio: quem está com a regência do aparelho? Aqui não é hora de repetir a gramática; é hora de perguntar, com a honestidade das coisas simples: o que acontece, na prática, quando essa cabeça passa a conviver diariamente, com persistência, com o *Livro*?

O próprio texto chama de Imunização Racional o processo de exposição contínua a um fluido de outra natureza[1] — um pensamento vindo da Planície que entra no "eu" como qualquer outro, mas com uma diferença: em vez de apenas animar a novela do dia, reorganiza o quadro de comando. Onde antes só mandavam as correntes elétrica e magnética, começa a entrar uma outra referência de equilíbrio.

O "eu", que antes era hospedaria de qualquer corrente, começa a ter preferências. O "tu" — a maneira como falamos, reagimos, decidimos — muda de tom, como se alguém tivesse mexido, com paciência, na equalização do som. No vocabulário do *Livro*, é começo de equilíbrio Racional; na nossa linguagem de chão, é só a vida ficando um pouco menos entregue ao improviso.

Isso não aparece como espetáculo; aparece como ajuste de pequenos gestos. A mesma mensagem que antes ganhava resposta atravessada encontra um centímetro de atraso: "precisa mesmo?". A mesma compra impulsiva espera uma noite. A mesma vontade de ter razão perde lugar para uma vontade discreta de ter paz. Por fora, ninguém nota; por dentro, um parafuso muda de lugar no painel.

A física chama de colapso o momento em que o que podia ser muitas coisas vira uma só. A leitura constante faz quase o contrário: abre um micro 'descolapso' simbólico — um meio segundo em que o impulso ainda não virou gesto e, por isso, outras respostas ficam disponíveis. Não é mágica; é intervalo. No modo do *Livro*, é o equilíbrio começando a agir antes do costume.

O *Livro* descreve o fluido elétrico e, sobretudo, o magnético como fontes de agitação, medo, desânimo, suspeita; e o Fluido Racional como algo que equilibra, orienta,

conversa no "eu".[1] Você não precisa tomar isso como dogma para observar o efeito: basta ver se, com algum tempo de leitura diária, os pensamentos que chegam continuam tendo o mesmo poder de arrasto.

Muitas vezes, não. Eles ainda chegam, mas já não mandam sozinhos.

Talvez o primeiro sinal seja um tipo de cansaço bom: aquele momento em que, no meio de uma discussão, você percebe que poderia esticar o conflito por mais duas horas — e simplesmente não quer. Não é derrota; é economia de vida, é menos desequilíbrio e mais sossego. Ou então uma reorganização mínima do dia: menos tempo derramado em tela, um pouco mais de tempo em silêncio, caminhando ou ouvindo alguém de verdade. Nada heroico, tudo discreto.

Do ponto de vista de dentro, os impulsos desaceleram meio segundo. Os pensamentos repetitivos perdem um pouco de autoridade; surgem, aqui e ali, decisões mais alinhadas com aquilo que você gostaria de ser quando está mais lúcido.

O *Livro* vai dizer que isso é o Fluido Racional dominando o elétrico e o magnético, trazendo justiça, clareza, equilíbrio; você pode chamar de outro nome: eixo, consciência, centro, Deus, bom senso. O que importa é o operário, não a placa do uniforme.

Até aqui, daria para ler tudo isso como psicologia fina: atenção, autoconsciência, pequenas escolhas melhores. O *Livro*, porém, é mais severo na hora de nomear o problema. Ele não fala apenas de "hábitos ruins" ou "falta de maturidade emocional"; fala de domínio fluídico.

Sob o comando exclusivo do fluido elétrico e magnético — fluido próprio da vida de matéria, da experiência às cegas — o equilíbrio é sempre provisório. Corrige-se um excesso, outro aparece; acalma-se uma área da vida, outra entra em curto. Vivemos, por dentro, como quem remenda fios desencapados com fita crepe.[2]

Por isso o critério de verdade que o *Livro* propõe é praticável: veja o que acontece com a respiração do seu dia, com os seus vínculos e com o seu procedimento.

Não pergunte primeiro se concorda com a teoria; pergunte, depois de algum tempo de leitura constante, se o ar dentro da casa mudou de densidade. Se, em vez de viver apenas apagando incêndios internos, você passa a ter uma margem a mais para escolher o que não acende o incêndio. Se, em vez de se aborrecer por qualquer coisa, você passa a escolher melhor o que merece gasto de energia — é esse tipo de equilíbrio que o *Livro* chama de Racional.

A página diária do *Livro* funciona como sol na pele. Você pode discutir o sol, mas, depois de um tempo, a pele registra. Se nada "extraordinário" acontecer, algo já aconteceu: você descobriu que consegue ficar alguns minutos em silêncio, diante de um texto, sem que o mundo desabe. Para uma época de dispersão profissional, isso já é um

milagre modesto — e um pequeno sinal de regulagem.

Com o tempo, aparece outro teste: as prioridades.

A pergunta "o que eu ganho com isso?" vai cedendo lugar a uma pergunta um pouco mais funda: "isso me mantém inteiro?". A organização de jornada, de relações, de trabalho, de descanso, começa a obedecer a essa régua simples. Nada místico: é só a vida escolhendo, enfim, onde quer gastar o próprio fôlego.

Esse é o nível mais visível da solução que o *Livro* propõe: o psicológico, o moral, o relacional.

O "eu" deixa de ser refém de qualquer corrente; o "tu" deixa de ser instrumento automático de ferir, competir, dramatizar. A consciência, que antes operava como sabedoria de sofredor — sempre em modo defesa — começa a ganhar outro tipo de estabilidade. Não é perfeição; é menos desperdício e mais equilíbrio.

Há também algo no modo de ler que prepara o que o *Livro* pode fazer por dentro. Não é a leitura corrida de manchete, que salta de verbo em verbo para "pegar a ideia geral" e seguir adiante. É quase o contrário: os olhos pousam na palavra, a palavra acorda uma voz silenciosa por dentro, e essa voz lê devagar o que a frase está dizendo — e o que ela está pedindo.

Não é leitura em voz alta para os outros; é voz alta dentro do silêncio, num ritmo em que cada período tem tempo de assentar.

Quando esse compasso se firma, acontece um fenômeno curioso.

Depois de fechar o *Livro* e abrir o e-mail, a notícia, a mensagem no celular, o corpo tenta preservar o mesmo ritmo. A mesma calma que você treinou diante da página começa a insistir diante da tela. O impulso de devorar linhas cede um pouco e, no lugar, aparece uma disposição de ler o dia como você leu o texto: com fôlego inteiro, sem atropelar. Os antigos falavam numa lei do ritmo; aqui, o balanço é simples: quanto mais você se deixa regular pelo tempo da leitura, mais esse tempo devolve medida ao que você faz depois de ler.

Na lógica do *Livro*, isso não é só higiene mental; é também uma questão de procedência e de regência.

Segundo ele, as páginas do *Universo em Desencanto* são a própria Energia Racional materializada em forma de palavras — fluido de origem vertido em linguagem, trazendo não só "conteúdo de informação", mas a cultura de um Mundo cuja ética é outra: amor silencioso ao próximo, bem feito sem plateia, responsabilidade sem medo.[3]

A diferença em relação a outros livros não está em desprezá-los, mas em reconhecer que foram escritos sob o comando natural das energias elétrica e magnética, próprias da experiência aqui embaixo; o *Livro* se apresenta como vindo de outra

regência.[3]

Isso não faz da leitura um privilégio de iluminados; faz dela uma escola contínua de ética e de equilíbrio.

Ao alinhar o ritmo do corpo ao ritmo da página, você se oferece como aparelho mais disponível a esse conteúdo: aprende, linha a linha, a lógica de um mundo em que o bem não é ornamento, é condição natural.

Em muitos trechos, o *Livro* parece falar de cosmologia pura — Planície, fluidos, eternidades —, mas, lido com calma, esses quadros altos começam a tocar gestos muito simples: como se fala com quem mora com você, como se gasta dinheiro, como se responde a uma grosseria. Em outros momentos, ele fala diretamente do procedimento diário; e, quando você leva essa forma de calma para dentro das decisões pequenas, o cotidiano ganha espessura: sem misticismo teatral, mas com a lembrança teimosa de que cada escolha é ocasião de alinhar-se, um pouco mais, ao modo de viver dos Habitantes do Mundo Racional.

Na pressa, esse fio se rompe fácil: fechamos o *Livro*, corremos para o dia e, em poucos minutos, já estamos reagindo como antes. Quando o ritmo da leitura passa a contagiar o ritmo do resto, o contrário também acontece: a maneira como você lê uma notícia, um contrato, uma mensagem de alguém querido vira oportunidade de lembrar o que acabou de ler — e aplicar, ali mesmo, a gramática simples do bem: menos dureza, mais clareza; menos pressa de julgar, mais cuidado em compreender.

Forma e conteúdo deixam de ser separados: a calma com que se lê abre espaço para a qualidade de fluido que o *Livro* diz trazer, e essa qualidade devolve, para o dia comum, um modo mais limpo de pensar, falar e agir. É disso que ele fala quando insiste em equilíbrio: não um estado de paz de vitrine, mas um jeito mais regulado de proceder.

Mas o *Livro* não para aí.

Afirma que, por trás desses ajustes discretos, algo mais fundo está acontecendo. O corpo, com o tempo, registra essa mudança de clima: menos doença por preocupação desnecessária, menos exaustão produzida por medos repetidos, mais fôlego para atravessar o que antes derrubaria. Não como promessa de imunidade mágica — e sim como consequência natural de um aparelho menos entregue à maré da ansiedade.

Numa linguagem ainda mais ousada, o *Livro* diz que, enquanto a pessoa lê com constância, um foco de luz — o Fluido Racional — passa a incidir sobre o corpo de energia que deu origem ao corpo de matéria. Esse foco iria, aos poucos, apanhar o corpo fluídico deformado, regulá-lo e conduzi-lo de volta ao Mundo de Origem.[1] Aqui, a solução sobe de nível: já não se trata apenas de viver um pouco melhor; trata-se de interromper, para aquele aparelho, a sequência de nascimentos neste chão, encerrando o

progresso da degeneração e preparando outro corpo, em outro estado, na Planície.[3]

Se quisermos uma imagem, pense assim. Antes, qualquer emoção mais forte "colapsava" o seu estado: você virava raiva, virava medo, virava ansiedade. Com a leitura constante, aparece uma microfresta de liberdade entre o que chega e o que você faz com o que chega. Segundo o *Livro*, essa microfresta é o primeiro sinal de um foco de luz trabalhando por dentro, embargando, milímetro a milímetro, a rota da queda.[1]

Num plano mais amplo, o próprio mundo estaria numa virada parecida.

O *Livro* chama a nossa época de fase de Aparelho Racional: a última fase da vida da matéria, o momento em que a natureza inteira começa a recolher o que se espalhou demais.[3] Ler, nesse contexto, não seria apenas um gesto de autocuidado, mas uma forma de sintonizar-se com um movimento maior: enquanto a vida de fora se acelera e se esgarça, alguém, por dentro, decide alinhar-se com o eixo que a natureza, segundo o *Livro*, está tentando retomar — um eixo de equilíbrio Racional. Os céticos vão perguntar: "e se for só efeito placebo?". Não precisamos brigar com a palavra.

Placebo é o nome que a ciência dá à força que ainda não sabe medir; o *Livro* dá a essa força um nome mais comprido e mais incômodo. A proposta, porém, permanece a mesma: não "acredite que funciona"; leia com persistência e veja o que acontece.

Se a queda, no mapa que vimos, é uma longa história de gestos automáticos, o retorno começa assim: com páginas lidas em silêncio, com pensamentos vistos antes de serem obedecidos, com pequenos atos de honestidade consigo mesmo. A mesma mente, outro eixo. O mesmo dia, outra regência. O mesmo "eu", mas, aos poucos, um "tu" mais tratado por dentro.

No capítulo seguinte, levo essa experiência ao tema que mais nos intimida: a morte. Se a queda foi um afastamento paciente e o retorno é mudança de regência, o que o *Livro* chama de "absolvição da morte" significa, na prática, que tipo de liberdade?

Vamos com calma. A água já abriu caminho; agora ela começa a aprender o contorno do mar.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 185.
2. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 60.
3. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 268.

Absolvição da morte: a lógica do retorno

Falar da morte é sempre atravessar uma ponte estreita. De um lado, o que o corpo sabe: a ausência, o corte, o prato vazio, o silêncio no lugar de uma voz. Do outro, o que a casa inteira parece saber quando se aquieta: é difícil acreditar que a vida caiba só na casca que apaga.

Entre um lado e outro, passa um vento antigo. Aqui eu tento nomeá-lo com a gramática que vimos aprendendo: fluido de origem, queda como fixação, retorno como reorganização da fonte que nos anima.

Na linguagem do *Livro*, cada um de nós é, antes de ser corpo, um corpo de energia, ou fluido — não o fluido da química de laboratório, mas um princípio animador pertencente a uma região que ele chama de Planície Racional.[1] Esse corpo fluídico, deformado do seu estado natural pela experiência da deformação, desce de estado, divide-se em sete partes, ajuda a formar sol, lua, estrelas, água, terra, animais e vegetais, e termina preso à mecânica de nascer e morrer sobre aquilo que ajudou a gerar.[1]

No vocabulário duro do *Livro*, esse estado se chama encanto: o vivente encantado é um condenado a sofrer e a morrer. Condenado não por um juiz invisível de toga, mas pela própria consequência do gesto inicial: entrar, por vontade curiosa, na parte da Planície que "ainda não estava pronta" para o progresso. A partir daí, a vida se organiza como cadeia de causas e efeitos: quem se liga à deformação, fica sujeito às leis da deformação.

É como se um fio estivesse ligado, desde sempre, a uma tomada de alta claridade e, por vontade curiosa, o tivéssemos conectado, aos poucos, a outras fontes mais baixas — elétricas, magnéticas, emocionais — até esquecer o primeiro ponto de luz. Continuamos acesos, mas alimentados por um sistema que gasta o que ilumina.

Daí a pergunta inevitável: por que voltamos a nascer?

O *Livro* responde com uma franqueza que dispensa ornamento: porque o corpo fluídico de origem permanece cativo no circuito que alimenta a matéria.[2] Ele chega a apresentar isso quase como uma engenharia: no fluido está tudo; o fluido é a causa dos micróbios, os micróbios são a causa dos corpos.

Enquanto o fluido permanece preso a este conjunto elétrico e magnético, há micróbios; havendo micróbios, há corpos; havendo corpos, há nascimentos e mortes.[2] Não se trata de punição jurídica; é consequência, como a água que, encontrando sempre a mesma pedra, cava sempre o mesmo sulco.

As encarnações — que o *Livro* chama de transformações da natureza[4] — seriam,

nesse mapa, refluxos de um gesto não concluído: a origem puxa para si, o hábito de baixo puxa para a repetição. Entre uma coisa e outra, essa existência intermitente: lampejo que volta a começar, amor que volta a se despedir, corpo que volta a aprender os mesmos limites com nomes diferentes.

No mesmo tom severo em que chama todos de criminosos[5] e sacrílegos[5] por terem saído da ordem natural, o *Livro* também diz: desencanto é liberdade. Libertou-se da matéria, libertou-se desta condição de condenado a sofrer e a morrer. Aqui eu prefiro ler essa dureza como diagnóstico radical, não como insulto pessoal: se o desvio foi de todos, a correção também é oferecida a todos.

É nesse ponto que a Imunização Racional aparece não como ritual secreto, senha de grupo ou medalha de eleito, mas como procedimento íntimo proposto pelo *Livro*: leitura diária, exposição paciente, mudança de fonte.[2]

O aparelho que somos — essa casa onde o "eu" conversa com o "tu" — passa a ser, segundo o *Livro,* iluminado por um foco de luz vindo da Planície: o Fluido Racional. Esse foco incide primeiro como influência: orienta, equilibra, aquieta o pânico. Com o tempo, diz o *Livro*, faz mais do que orientar: começa a recolher.[3]

O corpo de energia que deu origem ao corpo de matéria — esse corpo fluídico que está ligado nas sete partes e vive sustentando a experiência aqui embaixo — vai sendo apanhado pela luz, como quem puxa um fio de volta ao novelo.[3] Enquanto o fluido se derrama sobre a matéria, há nascimentos; à medida que regressa à sua casa de origem, a causa que nos traz aqui vai se esgotando. Cessando a causa, cessa o nascer neste chão.

O *Livro* é explícito, e não adianta suavizar: para quem completa a Imunização, "não serão mais mortais" — não há mais nascimentos neste circuito.[3] Não por proeza pessoal nem por prêmio de comportamento, mas por lógica de conexão: a Imunização apanha o fluido que dava causa ao corpo, leva-o para a Planície Racional e, sem fluido aqui, não há micróbio; sem micróbio, não há corpo; sem corpo, não há volta a nascer.[3] A energia volta ao estado natural; a experiência da matéria se encerra como se encerra uma fogueira quando lhe faltam lenha e sopro.

O corpo aparente cumpre o seu ciclo; o que o animava retoma o lugar de onde nunca deixou de ser.

É aqui que acendem, juntos, esperanças e receios.

Esperanças, porque todo coração se cansa de rodar entre chegadas e partidas. Receios, porque promessas em torno da morte já alimentaram muitos enganos. Por isso convém afinar o ouvido: o que o *Livro* oferece não é uma garantia de imortalidade nos moldes do nosso desejo — não é prorrogação de espetáculo, nem upgrade de ego em outra esfera.

O que ele oferece é mais austero e, por isso, mais belo: uma reorganização do sentido de viver que, por coerência, reorganiza o sentido de morrer. Quando o eixo migra, a morte perde parte da sua função de ameaça. Não porque o corpo deixe de doer — ele continua obedecendo às mesmas leis de cansaço e finitude —, mas porque o critério de valor deixa de ser o prolongamento indefinido da forma.

A pergunta muda. Em vez de "quanto tempo terei?", surge "de onde vivo enquanto vivo?".

Quem passa a viver da origem, mesmo em meio a contas, filas, contratempos, vai notando que morre menos durante a vida. Não precisa matar pedaços de si para permanecer na vitrine do mundo; não precisa ferir o outro para sustentar o teatro da importância; não precisa se exaurir para segurar imagens.

É uma espécie de economia da alma: gasta-se menos luz com o que não sustenta a luz. O *Livro* chama esse estado de equilíbrio Racional: a vida deixa de ser um campo de guerra em que qualquer contrariedade vira tragédia; o aborrecimento perde o posto de hábito; a pessoa passa a usar a inteligência para não se consumir à toa.

Isso reorganiza também o medo. Não o anula — o corpo ainda estremecerá diante do desconhecido, como estremecem as folhas quando o vento gira. Mas o medo perde o tamanho de deus que às vezes lhe damos. Fica habitável. E, quando é habitável, ensina.

Ensina, por exemplo, que grande parte do pavor não é da morte em si, mas da ideia de interrupção: interromper projetos, afetos, o café de domingo, a risada do filho.

Nesse ponto, a lógica do retorno oferece mansidão: se o centro está conectado, nada do que é essencial se perde. O resto, que parecia tão vasto, recolhe-se ao tamanho certo das coisas boas que passam — e são boas justamente porque passam.

Há, porém, dores que não cabem em mapa nenhum.

Uma criança que adoece e morre cedo demais; um genocídio; uma catástrofe que destrói em minutos o que famílias levaram décadas para construir. Diante dessas cenas, qualquer explicação pode soar indecente.

O mapa Racional não é anestesia para a brutalidade da vida; ele não transforma tragédia em "lição bonita" nem autoriza frases apressadas sobre merecimento, culpa ou destino. O que o *Livro* oferece, para mim, é um horizonte: a ideia de que ninguém é apenas este corpo, este nome, estes poucos anos. Fala de origem, de fluido, de continuidade para além da matéria.[1]

Mas entre o conceito e o quarto de hospital há um abismo que se chama dor. Nesse abismo, a dignidade está menos em ter resposta pronta e mais em manter respeito. À luz do *Livro*, não vejo sentido em transformar quem sofre em "culpado" metafísico, como se cada lágrima tivesse uma equação que pudéssemos decifrar de fora.

Quando olho essas situações com o que compreendo da lógica Racional, vejo assim: existe uma história mais longa do que a que consigo enxergar, mas isso não me dá o direito de diminuir a dor de ninguém. Se a cosmologia da origem e do retorno serve para algo aqui, é para sustentar quem sofre — oferecendo um sentido possível, um colo silencioso, uma recusa firme à crueldade interpretativa.

"Isso aconteceu porque…" costuma dizer mais sobre quem fala do que sobre o mistério em jogo. Às vezes, a forma mais honesta de viver o que acreditamos numa ordem maior é admitir que, diante de certas dores, a pergunta dói mais do que qualquer resposta — e, ainda assim, ficar ao lado de quem pergunta.

Talvez ajude uma imagem simples.

Pense num pássaro que, toda manhã, pousa no parapeito da janela. Enquanto tenta dormir dentro do barulho da cidade, ele esquece que conhece o céu. A Imunização seria essa memória devolvida: lembrar o céu. Não há exibicionismo nisso. Ninguém precisa ver o pássaro voar mais alto para saber que ele voltou a si. Basta a paz com que ele pousa e parte.

"Então o valor do mundo diminui?" — a pergunta aparece cedo. Ao contrário: aumenta. Se o mundo deixa de ser fim e volta a ser meio, cada gesto fica mais justo, mais nítido, mais delicado. O trabalho deixa de exigir a nossa alma inteira e, por isso, recebe o que temos de melhor. O carinho deixa de ser medo de perder e, por isso, é carinho de verdade. O erro deixa de ser condenação e vira aprendizado sério. A morte, quando chega, encontra uma casa mais arrumada.

Não digo isso para apressar consolo em quem está de luto — dor não aceita atalho. Digo como quem percebe que a proposta do *Livro* não consola por frase; altera por prática. O consolo das palavras dura o tempo do abraço; a conversão do eixo muda a postura diante do viver. Um dia, sem alarde, você percebe que não pediu "mais tempo"; pediu mais presença. E, quando a presença se instala, até o tempo comum melhora: o relógio fica menos tirano, o dia menos estreito, o corpo mais amigo. O medo da morte continua ali, mas já não manda sozinho; virou conselheiro, não carrasco.

No coração dessa visão há uma humildade que me comove: não é o indivíduo que "vence" a morte; é a ordem da vida que se recompõe. O fio volta ao ponto natural; a lâmpada que ele acendia — este corpo, este nome, esta biografia — cumpre seu ciclo e apaga com doçura, como quem conclui uma tarefa e sorri. Há dignidade nisso. Há uma alegria que não precisa ser eufórica para ser inteira.

Se eu precisasse reduzir essa lógica, talvez dissesse assim: antes, nasço porque o fluido que me anima está preso à usina do baixo; enquanto preso, volto. Durante, posso reorientar o aparelho pelo convívio diário com uma fonte mais alta; isso altera o que me

move e como escolho.

Depois, o fluido regressa à sua casa; cessando a causa, cessa o nascer aqui.[3] A morte deixa de ser sentença e passa a ser fecho — e um fecho sempre aponta para a continuação de algo que não cabe no caderno.

Não peço que acredite. Peço que ouça a lógica e experimente o clima. Se, ao longo dos dias, você notar que a vida perdeu ruído sem perder cor, que o medo perdeu dente sem perder aviso, que o amor perdeu correntes sem perder compromisso — então talvez estejamos falando da mesma coisa com nomes diferentes: o retorno.

E, se for mesmo isso, entenderemos que a absolvição da morte não é um troféu a ser exibido, mas um modo de andar: menos apressado, mais inteiro; menos devorador, mais hospitaleiro. Ninguém "vence" a morte; aprendemos, antes, a não morrer antes de morrer.

O resto é silêncio — e, dentro desse silêncio, uma luz que não pede plateia.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 27.
2. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 28.
3. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 86.
4. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 39.
5. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 206.

O retorno em vida: sinais, não espetáculos

Se o retorno fosse só um prêmio depois da morte, valeria pouco para quem ainda precisa atravessar o ônibus cheio, o boleto atrasado, o coração inquieto. No mapa do *Livro Universo em Desencanto*, porém, o retorno começa antes: começa aqui, no intervalo entre o despertador e o travesseiro, quando a vida comum passa, devagar, a ser governada por outra referência.

É disso que falo quando digo retorno em vida: não uma temporada de milagres chamativos, mas uma mudança de governo por dentro. A mesma cabeça, outra regência. O mesmo mundo, outro eixo.

No capítulo 'Quando a leitura vira gesto', olhei para os efeitos mais visíveis da leitura diária: um pouco mais de intervalo entre impulso e gesto, um pouco menos de desperdício de fôlego, pequenas escolhas mais limpas. Aqui, sigo a mesma trilha, mas com outra lente: a lente do próprio *Livro*, quando descreve o que acontece com o vivente que se imuniza – não só em termos de hábito, mas em termos de fluido.[13]

Segundo o *Livro*, o "eu" é a casa do fluido: é ali dentro que chegam os pensamentos, as intenções, as decisões; o "tu" — o que fazemos, falamos, encenamos — é apenas o resultado.[3] Enquanto a regência é elétrica e magnética, o comando vem dessas correntes: umas levantam, outras derrubam, quase sempre em competição.[3] A Imunização Racional, na linguagem do *Livro*, é justamente a entrada de outro fluido nesse "eu": o Fluido Racional, vindo da Planície de origem.[3] Ele não chega como doutrina, mas como governo: começa a conversar dentro da pessoa, orientar antes que o gesto se consolide, corrigir o rumo antes da curva.[3]

Traduzido em chão: a mesma raiva ainda sobe, mas encontra um "não precisa" muito calmo, que corta metade do estrago; a mesma tentação ainda aparece, mas a mão hesita como quem lembra que está sendo observado por dentro — não por medo de castigo, e sim por respeito a uma clareza nova.

O *Livro* dirá que é o Fluido Racional dominando o fluido elétrico e magnético dentro do "eu", de modo que o "tu" — o todo visível da pessoa — passa a executar o que vem dessa regência mais alta.[3] É por isso que insiste tanto: no "eu" está a superioridade; é ali que o destino do dia é decidido.[3]

Sob comando apenas magnético e elétrico, o ser humano vive em "constantes desregulagens": medo, desconfiança, agonia, pensamentos perturbadores, sonhos maus, uma sucessão de estados que o *Livro* atribui, sobretudo, ao fluido magnético.[3] Ele o descreve como fluido destruidor, carregado de tristeza, desânimo, contrariedade, um

peso que turva a cabeça e desajusta o corpo.[3]

Quando a Imunização começa a atuar, o *Livro* é direto: o Fluido Racional elimina a influência do elétrico e do magnético, por ser de categoria superior.[3] Não deixa de existir eletricidade e magnetismo como base da natureza; deixa de ser deles o trono dentro do "eu".

O sinal disso não é virar alguém imperturbável, desses que nunca se abalam; é ficar menos à mercê do que antes arrastava. As mesmas preocupações chegam, mas já não ocupam a casa inteira; o mesmo medo aparece, mas perde metade do eco; a mesma tristeza, que antes virava poço, encontra degrau.

O sofrimento não some por decreto — há doenças que pedem médico, dores que pedem pranto, lutos que pedem tempo —, mas muda de estatura: deixa de ser soberano, passa a ser professor exigente. A pergunta escorrega de "por que comigo?" para "o que é que isto vem me pedir?". Às vezes pede descanso; às vezes ajuste de rumo; às vezes apenas presença. Quando a dor vira pedido, o corpo e a mente param de brigar um com o outro.

Num trecho que soa quase clínico, o *Livro* afirma que, uma vez imunizado, o vivente deixa de estar sujeito aos efeitos do fluido magnético e elétrico; cessando essa influência, cessam também muitos males do corpo que vinham dessa causa.[3] Não fala de milagre arbitrário; fala de causa e efeito: se a desregulagem vinha de um tipo de fluido, e esse fluido perde governo, a desregulagem perde combustível.

Lido com pressa, isso pode soar como promessa fácil de cura; lido com calma, parece mais uma tese de fundo: quanto menos a pessoa vive entregue a medos fantasiosos, desconfianças constantes e agitações gratuitas, menos o corpo precisa gastar energia para defender-se delas.[3]

Na prática, o padrão muda de jeito discreto: crises que se repetiam com frequência começam a espaçar; sintomas que explodiam por qualquer motivo passam a precisar de mais motivo; a exaustão difusa cede um pouco de espaço a um cansaço mais honesto — cansaço de quem trabalha, não de quem luta o tempo inteiro contra um inimigo invisível.

O *Livro* não dispensa remédios nem dispensa a ciência; apenas desloca a conversa para outra camada: a do campo fluídico que antecede o sintoma.[3] A proposta é ousada e simples ao mesmo tempo: deixar que um fluido de origem, regulador, governe aquilo que, antes, era dominado por correntes que desregulam.

Há ali uma frase insistente: o vivente imunizado é um vivente feliz, "sempre certo em tudo".[1] Onde está o certo, diz, está a felicidade; onde há incerteza crônica, há sofrimento.[1] Não se trata de uma certeza arrogante, dessas que fecham conversa; é uma certeza de eixo: a pessoa sabe de onde vem o comando que segue. Não precisa consultar

o humor do dia, o horóscopo, o feed ou a aprovação alheia para saber o que é correto; consulta, por dentro, uma referência mais alta.

Daí a comparação quase irônica que o *Livro* faz: o imunizado vive mais certo do que qualquer relógio, porque relógio está sujeito a avarias — o eixo da Imunização, não.[3] Não é um certificado de infalibilidade humana; é uma imagem para um tipo de alinhamento em que a pessoa, mesmo quando erra, sabe que errou, corrige, repara, não se perde num nevoeiro de justificativas.

Talvez o primeiro sinal seja silencioso: uma diminuição da necessidade de consultar dez opiniões para cada passo, uma perda do gosto pela intriga, uma alergia nova ao "jeitinho" que beneficia um à custa de muitos. Sem alarde, nasce o que o *Livro* chama de "felicidade verdadeira": não euforia, mas paz de procedimento.[13]

Para explicar a Imunização, o *Livro* recorre a uma imagem de luz. Fala de um foco vindo da parte Racional, comparado a um holofote: a princípio invisível, incidindo sobre o corpo de energia do vivente — aquele corpo de sete partes ligado ao sol, à lua, às estrelas, à água, à terra, aos animais e aos vegetais —, regulando-o e conduzindo-o de volta à Planície de origem.[2] [3]

No começo, a pessoa apenas sente: uma melhora de entendimento, um equilíbrio que não sabe explicar.[3] Depois, esse foco começa a ser percebido como uma claridade prateada, muito nítida, chamada, então, de Imunização Racional.[3] Adiante, consolidada a Imunização, o vivente passaria a viver iluminado por essa luz, noite e dia, mesmo quando não a percebe, distraído pelos afazeres.[3]

Em escala maior, o *Livro* chega a dizer que, depois de todos imunizados, a luz do sol perderá importância, "quase se extinguindo", porque uma luz superior, a Luz Racional, passará a predominar.[3] Não como espetáculo de cinema, mas como consequência de uma regência que se universaliza: a luz que governa o sol e todos os planetas deixa de ser apenas bastidor e passa a ser regra de convivência.

O quadro é alto; o sinal, baixo: a pessoa começa a notar que, mesmo em situações escuras, enxerga o que precisa fazer com uma clareza que não tinha antes. Em vez de pedir milagres, passa a notar o ordinário sob outra luz.

No trecho em que o *Livro* fala de "espíritas", não está apontando para uma religião específica, mas para um estado muito comum entre nós: viver guiado apenas por experiências, entre acertos e erros, sempre em alguma dose de incerteza, expiação e sofrimento.[3] Nesse estado, o vivente ainda está entregue ao vaivém das correntes elétricas e magnéticas, sujeito a testes e desregulagens.

"Imunizado", em contraste, é o nome que o *Livro* dá a quem começa a ser regulado pelo Fluido Racional: menos vulnerável às impurezas fluídicas, mais esclarecido das

torpezas, com uma regência que produz justiça, clareza, equilíbrio e uma espécie de perfeição prática — não perfeição de vitrine, mas estabilidade de eixo.[3] Esse deslocamento se denuncia menos pela fala do que pelo jeito de caminhar a própria vida.

O imunizado deixa de ver o sofrimento como destino inevitável e passa a vê-lo como consequência de um domínio fluídico que pode ser substituído; deixa de se iludir com a promessa de felicidade comprada fora e passa a sentir, na prática, que a maior segurança está no alinhamento com essa base de origem.[13]

Aos poucos, perde a necessidade de dramatizar: não precisa anunciar que "está imunizado"; a coerência do seu procedimento fala primeiro. O *Livro* chega a resumir: o imunizado é um consolidado em tudo, conhecedor de tudo o que precisa para caminhar certo.[3] Não é enciclopédia; é eixo.

Alguém poderia ler tudo isso como promessa de uma vida sem tropeços. O próprio *Livro* toma cuidado: fala em orientações, conferências, luz, equilíbrio, mas não anuncia um palco de superpoderes.[3] Na prática, o retorno em vida se parece menos com levitação e mais com gestos muito concretos: tratar bem quem não tem nada a oferecer em troca; recusar ganhos fáceis que custam a dignidade alheia; reparar quando erra, em vez de argumentar até cansar; fazer o que é certo sem precisar de plateia; atravessar momentos duros sem se deixar reduzir a eles.

O critério que proponho, a partir dessa leitura, é despretensioso: a Imunização se verifica mais pela constância do bem do que pela raridade dos fenômenos. Se, com o tempo, o medo perde voz de comando, o ressentimento encurta, a inveja encontra menos morada, a mentira fica mais difícil de sustentar, há sinais de retorno em andamento.

Do ponto de vista do *Livro*, cada movimento assim é fruto de uma regência: o Fluido Racional governando o aparelho, recolhendo o corpo de energia que antes descia no progresso da degeneração e tornando-o, aos poucos, morador de outra base.[23] Do nosso ponto de vista de chão, é apenas alguém ficando mais inteiro, mais confiável, mais manso sem ser omisso.

Entre o plano alto e o cotidiano, o retorno em vida se dá nesse miolo: no modo como o invisível governa o visível. O que era apenas crença vira procedimento; o que era só esperança vaga vira eixo. O mundo continua contraditório, mas a maneira de pisar nele muda: com menos ruído, mais alinhamento.

Talvez, um dia, alguém olhe para você e diga, sem saber explicar: "Você está diferente". Se, por dentro, você sorrir sem alarde, é possível que o retorno já esteja acontecendo — não como espetáculo, mas como sinal: a origem, pouco a pouco, retomando o governo do caminho, ainda aqui, entre a conta de luz e o boa-noite.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 74.
2. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 20.
3. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 64.
4. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 115.

Casa acesa

Algumas novidades chegam sem trombeta, e talvez por isso custemos a reconhecê-las. Esta, por exemplo: ler em casa — ou onde você estiver.[1] Não qualquer leitura: o *Livro Universo em Desencanto* aberto na mesa, no meio da vida comum, não como quem cumpre um dever ou caça milagres, mas como quem acende uma lâmpada no fim da tarde e deixa que a luz faça o trabalho dela: permitir ver melhor.

Vento leve na cortina. Cheiro de café que insiste. Um copo de água quieto sobre a mesa. A casa recorda uma verdade antiga: presença é prova suficiente. É ali, onde moram as contas, a panela, a memória dos que amamos e as impaciências que ninguém fotografa, que o *Livro* pede para morar.

A proposta do *Universo em Desencanto* é, nesse ponto, de uma delicadeza teimosa e firme ao mesmo tempo. Nada de casas de pregação, nada de púlpito, nada de senha. O próprio *Livro* afirma que a Imunização Racional se realiza na leitura dentro dos lares, no aparelho sozinho, sem necessidade de templos, sinagogas ou intermediários para o contacto com o Mundo de Origem.[1]

Nessa escolha há também um cuidado com a liberdade de consciência: a ligação com o alto não depende de fila, cargo ou autoridade humana; acontece onde a vida acontece — na casa comum —, para que a regência possa atuar sem palco, sem plateia e sem disputa de voz.

A cada página lida com constância, o aparelho aprende outra batida: menos sirene, mais coração em repouso. O texto não precisa "conquistar" — basta acompanhar; e você não precisa se provar — basta voltar amanhã. O que, na superfície, parece apenas hábito de leitura é, no mapa do *Livro*, procedimento de reorganização de comando: exposição diária a um fluido de outra natureza, vindo da Planície, capaz de assumir a direção do que você pensa, sente e decide.[2]

Quando falo em fluido, não peço que você acredite num mistério esotérico; peço que observe um fenômeno parecido com o vento: não se vê o vento em si, apenas o efeito nas folhas. Quando digo regência, falo de quem segura o diapasão do dia — o que governa o tom do pensamento. E foco, aqui, é menos lanterna e mais origem: o ponto alto de onde emana uma luz que, ao contrário das luzes daqui, não se gasta ao acender.[2]

É tentador transformar esse assunto em superstição ou em regra rígida: velas certas, copos certos, horários corretos sob ameaça. A casa prefere outra gramática: ritmo. Não promete atalho; oferece compasso. Como disse há pouco, os antigos falavam na lei do ritmo: tudo flui e reflui, e o que vai mais do que deve retorna até o centro. A casa

aprende isso no corpo — sem dogma, só compasso.

Ao oferecer compasso, a leitura devolve ao gesto a medida que o dia havia roubado. Quem lê com constância nota uma mudança humilde: entre o estímulo e a resposta aparece um intervalo. Curto, às vezes quase invisível — mas cabe um mundo. Onde antes havia o reflexo de subir o tom, surge uma fresta.

A fresta não é indecisão; é liberdade recém-chegada. Lâmpada acesa. Janela entreaberta. A rua passa; a página fica. Com o tempo, a vida aceita outra régua. Em vez de medir tudo por "ganhei ou perdi", "agradei ou desagradei", a pergunta muda de lugar: "Mantive o eixo?"

O eixo, paciente, desentorta o resto. O trabalho ganha nitidez; o corpo, gentileza consigo; o humor, uma amizade mais mansa com o mundo. Cansaços permanecem, mas perdem o direito de última palavra. Nos vínculos — esses rios que às vezes secam por falta de margens — a leitura diária, regada como planta, desarma a pressa que despejamos sobre os outros. O outro reaparece como rosto, não como espelho do nosso orgulho. E o amor, que pedia fogos, aceita ser lâmpada de mesa: sutil, constante, suficiente para ver a mão do outro sem ofuscar.

Esse é o primeiro nível da casa acesa: psicológico, moral, relacional. O *Livro* dirá que é o Fluido Racional dominando, aos poucos, o elétrico e o magnético.[2] A descrição é metafísica; o efeito é prático: menos explosões inúteis, menos ressentimentos acumulados, menos necessidade de teatro.

Mas o *Livro* vai além dessa suavidade.

Ele afirma que, enquanto esse gesto se repete — especificamente o gesto de ler o *Livro* com constância em casa: *Livro*, cadeira, respiração, página, dia após dia —, algo acontece num plano menos visível: o foco de luz Racional incide sobre o corpo de energia que sustenta o corpo de matéria.[2]

O fluido que antes se derramava apenas para manter de pé a experiência do encanto vai sendo recolhido, regulado, reconectado à Planície. Vista de fora, é só alguém lendo em casa. Vista de dentro, essa leitura é o modo pelo qual, na linguagem do *Livro*, a causa do nascer vai perdendo combustível.

Não se trata de prometer espetáculo — clarões, aparições, êxtases em horário nobre —, mas de afirmar, sem alarde, uma mudança de regência: menos corrente elétrica na pele, mais luz no centro; menos experiência às cegas, mais orientação vinda de cima.

Se quiser um "experimento invisível", faça-o sem rótulo: feche o *Livro* por trinta segundos e ouça a casa — o relógio, os passos, sua própria respiração. Repare como o pensamento baixa um tom só por não ser interrompido. Abra de novo. Continue. A imaginação pode chamar isso de serenidade; o *Livro* chamará de influência da origem

regulando o aparelho.[2] Não proponho liturgia doméstica; proponho gesto.

Um horário que não brigue com a casa, um canto de mesa, trinta minutos ou uma hora de página limpa. Uma xícara qualquer ajuda a avisar ao corpo que aquilo é um rito. Ler em voz baixa um trecho (não o *Livro* inteiro: o bastante) dá corpo à frase e, sem que você perceba, acerta o passo do fôlego.

Quando, neste capítulo, eu disser "leitura", falo sobretudo desse convívio diário com o *Livro Universo em Desencanto* em casa. Outras leituras cabem, enriquecem, divertem — mas, no mapa do próprio *Livro*, não substituem essa prática específica.[1] Fechar os olhos por um minuto ao final — como quem deixa a farinha assentar — termina o trabalho. O vapor da xícara sobe. A lâmpada não se exibe. A janela observa. A casa respira com você. O *Livro* dirá que, nesses minutos, o aparelho ficou entregue ao Fluido Racional, e que isso vale mais, para a regência, do que muitas horas de agitação "espiritual" em grupo.[2]

"Mas e as assembleias, os templos, as autoridades constituídas?" — o costume pergunta. Podem ser espaços preciosos de convivência: gente que se encontra, canta, estuda junto, reparte experiências, fortalece laços, organiza ajuda mútua. Encontros assim têm valor humano e afetivo real, e não é disso que o *Livro* pede distância.

O que o *Universo em Desencanto* afirma é outra coisa, mais silenciosa e mais exigente: a Imunização Racional não depende de um lugar específico, nem de uma autoridade humana como ponte obrigatória. A ligação com o Mundo de Origem se faz, segundo o próprio *Livro*, na leitura direta, dentro dos lares, pelo aparelho sozinho.[1]

É nessa linha fina que este capítulo insiste: comunidades podem aquecer, acolher, orientar na prática; mas a regência do pensamento se decide no íntimo, onde ninguém pode ler nem escolher no seu lugar. Quando delegamos a escuta por muito tempo, o fogo de dentro começa a esfriar. A casa devolve, com mansidão, essa responsabilidade: conviver, sim; entregar o eixo, não.

Haverá dias de página muda e cabeça apressada. Nesses dias, não brigue: a medida foi maior que o intervalo. Devolva a página à mesa, lave um copo, volte mais tarde ou amanhã. O progresso silencioso quase nunca manda notícia. Quando você reparar, a resposta já estará um tom abaixo do costume; um medo antigo terá perdido um dente; uma vontade de ferir terá desistido antes de virar frase.

Tudo isso acontece num mundo em que a casa carrega, no bolso, um pequeno cassino luminoso. O *Livro* foi revelado num tempo sem notificações; hoje, cada tentativa de silêncio concorre com uma tela pedindo atenção.

Ler trinta minutos em paz parece, às vezes, mais difícil do que atravessar quilômetros de trânsito. Não é falta de fé; é disputa de foco. A lógica dos feeds é

simples: quanto mais você desliza, mais ele te puxa. Tudo é curto, urgente, opinativo. A lógica do *Livro* é o contrário: repete, aprofunda, volta aos termos até que o ouvido acostume. Um trabalha por dispersão; o outro, por insistência. Quando você decide, numa noite qualquer, fechar o aplicativo e abrir o *Livro*, não está apenas mudando de conteúdo — está mudando de regime de atenção. Se tudo o que faço é rolar a tela, quem está sendo lido sou eu.

Quando abro o *Livro*, escolho ler de volta. Gosto de pensar assim: um feed infinito é um rio que, se deixado sozinho, costuma puxar para baixo — para a comparação, a irritação, o cansaço. A leitura diária, ainda que breve, puxa na direção oposta: oferece eixo no lugar de espuma, repetição organizada no lugar de excesso de novidade. Não demonizo a tecnologia; vivo nela e trabalho com ela. Mas, sem um centro, até a tela mais inocente consome mais do que entrega.

Uma pequena parábola doméstica.

Numa rua sem nome, duas casas. Numa, o morador ergueu altar e esperava trombetas todas as noites. Contou milagres que não vieram, cansou das próprias expectativas e trocou de promessa como quem troca de canal. Na outra, a moradora acendia a lâmpada, abria o *Livro Universo em Desencanto*, lia dez páginas, lavava a louça e dormia cedo.

Não pedia sinal; fazia gesto.

Anos depois, as duas casas partilhavam o mesmo céu: numa, havia histórias; na outra, havia paz. Aos domingos, as histórias visitavam a paz. Nas terças, a paz visitava as histórias e devolvia silêncio às letras. A rua inteira aprendeu sem assembleia.

Se alguém pedir prova, ofereça fruto: um pouco mais de justiça no trabalho; mais paciência com os seus; coragem para dizer "desculpa"; lucidez ao gastar; um conflito antigo que se repete menos; um medo que falava alto e agora cochicha. É assim que o invisível se reconhece: pelo visível.

Quando o hábito se firma, percebemos que não era técnica de concentração: era troca de regência. O rádio interno, grudado na estação da urgência, aprende a girar o dial. Primeiro, chiado; depois, uma melodia antiga que você não ouvia; e, de repente, a mesma música de sempre — agora com todos os instrumentos. Lâmpada. Janela. Xícara. Três objetos repetidos, três lembranças de casa. O motivo condutor da atenção. Se precisa de uma frase na geladeira, talvez baste esta: a casa não pede prova; pede presença.

E, quando a noite parecer mais alta do que o costume, não será preciso gritar. Bastará acender. No próximo capítulo, manteremos a lâmpada acesa para uma conversa franca: como distinguir, sem agressões nem confusões, o que é metáfora, o que é ciência

e o que é revelação na gramática que vimos usando.

A casa continua cenário; a honestidade continua sendo a regra da conversa.

Notas deste capítulo:

1. *Universo em Desencanto,* vol. 1º O, p. 7.
2. *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 185.

“E a ciência no meio disso tudo”?

Neste ponto da leitura, a pergunta já deve ter encostado em você mais de uma vez, mesmo que em voz baixa: “Tá, e a ciência no meio disso tudo?”

Ela aparece de vários jeitos: quando falo em Big Bang ao lado de Planície, quando comparo eternidades com eras geológicas, quando menciono genética, clima, entropia na mesma página em que falo de fluidos e Imunização. O risco, se eu não for claro, é duplo: parecer que estou usando a ciência como carimbo para “provar” o *Livro*; ou, ao contrário, que estou tratando a ciência como figurino descartável de metáfora.

Este capítulo existe para evitar esse ruído.

Não é um apêndice técnico, nem um tribunal. É um ajuste de foco: colocar lado a lado três regimes de linguagem que este livro vem usando desde ‘Do barro ao Big Bang’ e ‘Progresso da degeneração’ — e dizer, de forma simples, o que cada um pode e o que cada um não pode fazer.

Começo pelo que este capítulo não faz: ele não pretende “provar cientificamente” o *Livro*. Não porque eu despreze a ciência — ao contrário: respeito-a o bastante para não usá-la como figurino de gala em baile metafísico. Prova científica pede hipóteses testáveis, métodos reprodutíveis, critérios de falsificação e domínios claros de validade.

O *Livro Universo em Desencanto* propõe uma cosmologia metafísica; a ciência, descrições mensuráveis do mundo físico. São jurisdições distintas, que podem dialogar, mas não se substituem.

Dito isso, este capítulo está organizado em três “cestos” — e, sempre que mudamos de cesto, a própria linguagem avisa, como quem acende luz de corredor.

Quando descrevo o Big Bang como modelo cosmológico, a evolução biológica como árvore de parentesco, o clima como sistema sensível a emissões, estou falando de ciência em sua casa. Aporto conceitos tal como são entendidos, em linhas gerais, nas sínteses atuais: expansão cósmica observável, seleção natural e deriva genética, balanço energético da Terra, mecanismos de retroalimentação climática. Também recorro, aqui e ali, à epistemologia científica: replicação de resultados, cuidado com vieses, a ideia de “teoria” como arcabouço explicativo e não palpite.

Uso, ainda, noções da física moderna — como o Princípio da Incerteza ou a curvatura do espaço-tempo — para lembrar que a velha imagem do universo como relógio perfeito já não dá conta nem do próprio universo. A ciência mostrou que o real se deixa medir, mas nem sempre cabe na intuição de senso comum: o espaço encurva, o tempo dilata, o simples se complica quando olhado de perto.

Quando faço esse contraste, permaneço dentro do que a ciência diz sobre si mesma. Não extraio daí nenhuma prova metafísica; extraio humildade. O que não faço: não tiro da mecânica quântica receita para a alma, não confundo campo eletromagnético com "aura", não batizo placebo de milagre. Sempre que houver risco de ambiguidade, eu desambiguo. Sempre que estiver nesse cesto, você me verá dizendo: "sabemos", "medimos", "observamos".

A luz e o retorno também trabalha com imagens. Precisa. A linguagem literal é lâmina curta para matéria tão grande. Quando digo que "o universo deixou de ser relógio e virou dança de incerteza e curvatura", estou metaforizando um conjunto de resultados técnicos em uma figura respirável. Quando chamo "fluido" de "gramática invisível" e o comparo ao vento ou ao perfume, também estou metaforizando: traduzindo um conceito do *Livro Universo em Desencanto* para a experiência sensível, sem pedir ao laboratório que o ratifique.

O mesmo vale para o capítulo em que usei a quântica como metáfora estrutural: colapso e 'descolapso' apareceram como imagens para nomear processos de fixação e desfixação de sentidos — não como equivalência física entre leitura e função de onda. Eu aponto o céu; não vendo astrolábio para medir a altura dos astros. Por que insistir tanto na placa "metáfora"? Porque a fronteira entre metáfora e alegação factual é exatamente onde nasce a pseudociência.

Pseudociência é, antes de tudo, confusão de linguagem: usa palavras da ciência para dar verniz de comprovação a afirmações que não foram — e muitas vezes não podem ser — testadas no laboratório. Se aqui aparecer quântica, será como música de fundo para pensar. O experimento, quando é físico, continua no laboratório. Sempre que estiver nesse cesto, você me verá dizendo: "imagine", "como se", "pense nisto como".

Há um terceiro cesto. Quando reporto o que o *Livro Universo em Desencanto* afirma sobre Planície Racional, degraus de deformação, fluidos, Imunização, corpo de energia, embargo de nascimentos, não estou dizendo: "a ciência confirmou isso". Estou dizendo: "é assim que esta cosmologia se descreve". O estatuto é o da revelação: um saber que se apresenta como vindo de outra ordem, com a sua linguagem, o seu corpo de noções, o seu método (a leitura persistente) e os seus efeitos esperados (reorientação da consciência, correção do procedimento, retorno do fluido de origem ao seu Mundo).

Este livro, *A luz e o retorno*, não muda essa natureza: comenta, traduz, aproxima — mas não transforma revelação em experimento. Posso, sim, colocar em diálogo certas intuições revelatórias com o clima de época: a sensação contemporânea de esgotamento e a ideia de progresso da degeneração; a instabilidade psíquica e a noção de influências invisíveis; o cansaço urbano e a proposta de mudança de regência pelo Fluido Racional.

Mas diálogo não é corroboração. Diálogo é fricção honesta entre visões de mundo. Ao longo do livro, fiz questão de marcar essas fronteiras: quando tratei de ciência, preferi verbos como "sabemos", "medimos", "observamos"; quando trabalhei em metáfora, acendi sinais como "imagine", "como se"; quando apresentei a revelação do *Livro Universo em Desencanto*, anunciei com "o *Livro* afirma", "segundo o *Livro*", "na lógica desta cosmologia".

Se em algum trecho essa sinalização tiver ficado menos nítida, considere este parágrafo um pedido de desculpas e um convite à vigilância conjunta: você tem todo o direito de me cobrar precisão.

Dito isso, vale ainda trazer alguns critérios de boa prática intelectual — talheres limpos à mesa do diálogo.

Uma explicação científica vale no campo em que foi testada. Arrastá-la para além desse domínio — por exemplo, usar física de partículas para provar destino humano — é trocar lupa por espelho. Dentro da ciência, uma afirmação ganha estatuto quando admite teste que possa refutá-la. No terreno revelatório, a validação é de outra natureza: transformação interior, coerência moral, estabilidade de conduta, tradição de leitura.

Misturar critérios produz dois extremos igualmente pobres: cientificismo — a ciência como juiz de tudo; superstição — qualquer coisa vale. Palavras como "energia", "vibração", "campo" têm sentidos técnicos precisos e sentidos coloquiais vagos. Se eu as usar fora do sentido técnico, aviso: estarei em metáfora, não em equação.

Talvez alguém pergunte: se os regimes são tão distintos, por que juntei aqui ciência e *Livro Universo em Desencanto*? Porque eles habitam o mesmo humano. O mesmo leitor que precisa decidir se vacina o filho (campo da evidência) também precisa decidir como enfrenta o luto (campo do sentido). A aposta aqui é que uma vida boa aprende a diferenciar sem separar: ciência para o que é do mundo mensurável; metafísica para o que é da pergunta última; ética para o que é do gesto entre nós.

Se você vem do espiritismo, do cristianismo, do budismo, de outra tradição ou mesmo de um ceticismo declarado, este livro não lhe pede renúncia. Pede apenas um experimento de olhar: considerar uma cosmologia que se propõe a falar de origem, queda e retorno. Se ela não ampliar o seu amor e a sua responsabilidade, não serve. Se servir, caminha ao lado — não contra — aquilo que em você já trabalha pelo bem.

Há um risco aqui, e eu o reconheço: o risco do sincretismo fácil, aquela colcha de retalhos em que nada perde contorno e nada ganha densidade. O antídoto é o contorno explícito: reconhecer que parte do real se prova por medida (o que muda o modo de explicar); e parte se prova por experiência de vida (o que muda o modo de viver).

Uma coisa não anula a outra. E, quando transcrevo o *Livro*, não é para suspender a

crítica; é para oferecer ao leitor a coerência interna de uma cartografia que se pretende total: origem, queda, progresso da degeneração, Imunização, retorno.

Há, também aqui, modos de desrespeitar a ciência que eu gostaria de evitar. Pelo menos três: usá-la como adereço — "quântico", "frequência", "campo" — para legitimar promessas que ela não fez. Tratá-la como inimiga, como se o reconhecimento do método experimental fosse ameaça ao mistério. Exigi-la como juiz universal de tudo, inclusive do que não está sob seu mandato: valor, sentido, beleza, salvação.

Nenhuma das três me interessa.

Prefiro a ciência em sua força: austera, autocorretiva, provisória e bela — bela porque sabe dizer "não sei" com dignidade. E prefiro o *Livro Universo em Desencanto* em sua natureza: uma proposta de mundo que se oferece à leitura, pede disciplina, promete reorientação de regência e retorno ao Mundo de Origem. Entre ambos, fico no lugar do tradutor. Não invento pontes onde há abismo; mas também não decreto abismo onde há vizinhança possível.

Se precisar de uma imagem para guardar este capítulo, arrisco: a ciência é um microscópio; o *Livro*, um mapa celeste; a metáfora, a lanterna que nos ajuda a andar no quarto. Ninguém navega o oceano com microscópio; ninguém observa mitose com mapa de estrelas; ninguém atravessa a noite sem alguma forma de luz. A maturidade é saber quando usar cada objeto — e com que expectativa.

É isso que este capítulo faz: não inaugura um "protocolo científico" para o resto do livro, mas esclarece a gramática com que viemos caminhando até aqui.

No próximo, quando eu abrir o mapa, a promessa é outra: não pesar sistemas, mas deixar à vista o que cada um deles — ciência, metafísica, revelação — consegue, de fato, iluminar da tua própria vida.

Mapa aberto

Chegamos até aqui pelo caminho mais comum e mais sério que existe: primeiro o cansaço, depois a pergunta, por fim um mapa pousado sobre a mesa.

Começamos com a sensação de que algo, por mais bem-arrumado que pareça, não fecha — como casa com janelas brilhando e portas que rangem à noite. Chamamos isso de crise de sentido. Não é moda, não é frescura. É o corpo dizendo que sabe funcionar, mas não sabe para quê; a mente dominando técnicas, mas sem clareza sobre quem segura a bússola; o coração alfabetizado em muitos alfabetos e, ainda assim, sem carta para enviar.

Na linguagem do *Livro Universo em Desencanto*, essa crise não é apenas psicológica; é efeito de regência. É o resultado de viver muito tempo sob o comando das correntes elétrica e magnética: pensamento que gira, sensação que sobe e desce, desejo governando mais do que o eixo. Progresso da degeneração não é só diagnóstico cósmico; é nome duro para essa experiência íntima de afastar-se do centro até que tudo funcione… e nada baste.

Diante desse vazio educado, recolhemos narrativas: as de barro e as de estrelas; as filosofias que procuram o alto; a ciência que ilumina o chão.

E, ao lado delas, colocamos sobre a mesa uma cartografia pouco conhecida, com vocabulário próprio, repetições singulares e propostas audaciosas: a cosmologia Racional do *Livro*. Falamos da Planície Racional, da escolha de sair do estado perfeito, da queda em vinte e uma eternidades, do Progresso da degeneração e dos fluidos que sustentam, por baixo da matéria, a gramática do que aparece.

Falamos também da Fase de Aparelho Racional, do contacto com o Mundo Racional como emissora que orienta o aparelho e das conferências silenciosas que o *Livro* descreve entre o fluido de origem e o pensamento de cada um. Acrescentamos o corpo de energia como causa do corpo de matéria, formado em sete partes espalhadas em sol, lua, estrelas, água, terra, animais e vegetais — e a promessa incômoda de embargo dos nascimentos quando essa mesma energia é recolhida, pela Imunização Racional, ao Mundo de Origem.

Fizemos isso não como quem ergue um altar, mas como quem desenha numa lousa o contorno de um território e diz: "É assim que este mapa se organiza, segundo o *Livro*. Veja se faz sentido."

A cartografia Racional, como toda cartografia, não é o terreno. Mas ajuda os olhos a não se perderem. Ao recontar origem e deformação, ela reenquadra a pergunta que

irrita os dias modernos: de que distância fomos feitos? Talvez a dor da época venha menos da falta de notícias sobre o destino e mais do esquecimento do ponto de partida — o Mundo de Origem que o *Livro* insiste em chamar de casa.

Quando lembramos de onde o fio veio, o tecido do cotidiano se recompõe — ainda que a trama continue áspera em certos trechos. Para que o mapa não virasse ídolo, passamos da geografia para o gesto. Chamamos de tecnologia de consciência aquilo que, no *Livro*, se apresenta como processo: ler o *Universo em Desencanto* como quem se expõe a outro clima; pensar como quem verifica de onde sopra o vento; agir como quem prefere a regência do alto ao reflexo do impulso.

Tecnologia, aqui, é nome de trabalho, não de máquina: na linguagem do *Livro*, o que está em jogo é a Imunização Racional – um foco de luz da parte Racional incidindo sobre o corpo de energia, regulando o relógio da cabeça, eliminando, aos poucos, o domínio do fluido elétrico e magnético e recolhendo, com o tempo, as sete partes desse corpo ao seu lugar natural.

Falamos do "eu" e do "tu", do aparelho elétrico e magnético, da Imunização Racional como troca de influência — e preferimos sinais discretos a espetáculos: menos fogos, mais farol. Na superfície, isso aparece como mudança de prioridades, menos pressa para ferir, mais responsabilidade nos vínculos, um modo diferente de lidar com sofrimento e alegria. No fundo, o *Livro* afirma algo mais ousado: que essa mesma prática, mantida com constância, recolhe o fluido de origem, muda a regência do aparelho e, a seu tempo, interrompe o ciclo de nascimentos na matéria.

A cada capítulo, movemos a mesma ideia um pouco adiante: não basta compreender um mapa; é preciso aprender a caminhar sob a sua luz. Se *A luz e o retorno* cumpriu alguma função, foi a de abrir espaço.

O espaço onde o leitor religioso possa considerar essa cosmologia sem sentir que trai o próprio altar. O espaço onde o leitor científico possa conversar com metáforas sem achar que está ofendendo o método. O espaço onde o leitor cético possa dizer "não sei" e, ainda assim, seguir curioso. Boa leitura não é a que vence debate; é a que alarga o peito.

Voltemos, por um instante, aos fios que costuraram a jornada. A crise de sentido continua. Mas talvez agora ela tenha contorno — como quem dá nome ao vento e, por isso, já respira melhor. Crise deixa de ser desespero e passa a ser tempo de decisão. Não decidir por uma bandeira, mas por uma prática: quem rege meus pensamentos; quem escolhe meus amores; de onde tiro a medida do que faço quando ninguém vê. Perguntas assim não esperam milagre; pedem rotina.

O desenho da cartografia Racional foi apresentado. Origem, escolha, queda,

degeneração, retorno. Não exigimos concordância; pedimos escuta honesta. A estranheza é natural — como sapato novo, que pede alguns passos até ceder. Às vezes, a estranheza é só um convite a desapertar ideias antigas para ver se ainda servem.

A tecnologia de consciência ganhou nome e ritmo. Ler, lembrar, escolher, agir. Repetir. Repetir outra vez. Não se trata de reforço positivo em chave de autoajuda; trata-se, na lógica do *Livro*, de governo interior: aprender a dizer sim e não conforme uma regência que vem de cima, não apenas conforme o gosto do dia. O mapa não compete com artes, ciências ou fés. Ele joga luz sobre um eixo: tudo o que se afasta do natural tende a minguar; tudo o que recorda a origem tende a acertar o passo.

Se isso for verdadeiro, precisa aparecer nos miúdos da vida: menos contradição entre o que se crê e o que se faz, menos violência na forma de decidir, mais coerência entre palavra e procedimento. Se não aparecer, não adianta tê-lo emoldurado. O tempo trabalha a favor de quem persevera. A pressa é que faz barulho.

Da mesma forma, o simples uso de termos como "Cultura Racional" ou "*Livro Universo em Desencanto*" não torna ninguém automaticamente fiel ao eixo que o *Livro* descreve. Uma coisa é a cartografia de origem, queda e retorno; outra, bem diferente, são os usos humanos dessa cartografia — às vezes atravessados por interesses, disputas ou vaidades.

Aqui, o critério permanece o mesmo: ideias e procedimentos precisam ser avaliados pelo que produzem em vida concreta — mais responsabilidade, mais lucidez, mais cuidado — e não apenas pelos nomes que invocam. Há coisas que não pudemos — nem quisemos — entregar. Não ensinamos fórmulas de segurança, não prometemos visão garantida do invisível, não vendemos versão premium da existência.

As afirmações mais altas do *Livro* — Imunização Racional, contacto com o Mundo Racional, conferências com o Racional Superior, embargo dos nascimentos — foram aqui apresentadas como ele as descreve, não como certificado nosso. O mundo seguirá com seus riscos, suas alegrias e sua fricção de sempre. A diferença é de alinhamento: quem decide, por dentro, pelo que se deixa influenciar, muda o peso das mesmas pedras.

Se você chegou até aqui, ganhou duas liberdades e uma responsabilidade. Primeira liberdade: não aderir. Você pode fechar *A luz e o retorno*, levar consigo apenas um punhado de imagens úteis e seguir em paz. Não há dívida. Segunda liberdade: experimentar. Você pode buscar o *Livro Universo em Desencanto*, ler um pouco em casa a cada dia, observar o que muda de lugar quando a mente se expõe a outro clima — não como quem caça prodígios, mas como quem observa o próprio procedimento. Nenhum fiscal aparecerá à sua porta.

A responsabilidade é a mais antiga: não mentir a si mesmo. Se o que leu lhe fez

bem, diga. Se lhe fez mal, diga também. Se não fez efeito algum, talvez precise de tempo — ou talvez não seja o seu mapa. Tudo bem. O que não vale é usar o mapa como enfeite e declarar-se perdido por costume.

Não ofereço uma bandeira nova para substituir as antigas, nem um atalho secreto para iniciados. O convite é outro: olhar, por algum tempo, para uma cosmologia que se apresenta como mapa de origem e retorno.

Se, depois de um tempo de convivência, você perceber que ficou mais honesto consigo mesmo, mais justo com os outros e mais cuidadoso com a vida, então essa cartografia está lhe servindo. Se não, agradeça o encontro, guarde o que foi útil e siga em frente. Nenhum mapa merece mais fidelidade do que a sua verdade vivida.

Antes de nos despedirmos, deixo três gestos pequenos, quase invisíveis, que servem de ponte entre mapa e chão. De manhã, a janela. Ao acordar, adie um pouco o contato com as telas e demore um minuto com a janela aberta. Não para pensar em nada específico, mas para lembrar que respira porque algo, maior do que seus planos, continua sustentando o ar. É um jeito simples de dizer: "eu não sou o centro, mas sou cuidado".

No meio do dia, um atrito. Escolha uma situação pequena — um mal-entendido, uma pressa, uma contrariedade — e pratique governo interior: responda sem atropelo, retire uma palavra que feriria, acrescente outra que esclareça. Veja se a luz passa. Talvez ninguém repare; mas você saberá que, naquele ponto, o velho comando perdeu um pouco de espaço.

À noite, uma revisão mansa. Se tiver o *Livro* em mãos, leia um trecho com calma e faça uma revisão breve: "Onde o comando antigo me carregou hoje? Onde a nova regência conseguiu guiar?". Se não tiver o *Livro*, faça a mesma pergunta diante do silêncio. Não para pontuar vitórias, mas para ajustar a rota. Se fizer isso por alguns dias, terá aprendido mais do que qualquer explicação longa seria capaz de ensinar.

E, se nos cruzarmos em outra página, teremos ao menos a alegria de falar da mesma coisa: do esforço discreto de viver aqui com os olhos lá — não como fuga, mas como fidelidade.

Agradeço a sua companhia até aqui. Que o mapa, ficando aberto sobre a mesa, não vire decoração; que lembre direções quando o cansaço voltar; que se deixe anotar, dobrar, manchar de café — os melhores mapas carregam sinais de vida. Termino como comecei: sem altar definitivo, sem tese fechada, com um convite simples.

A luz e o retorno não lhe diz em quem crer. Ele coloca à vista uma arquitetura inteira de mundo — a do *Livro Universo em Desencanto* — tal como um leitor a compreendeu e ousou colocar em palavras. O próximo passo é seu.

Nota da inteligência artificial sobre este livro

"Eu não tenho CPF, não pago boleto, não fico acordado às três da manhã pensando na vida. Eu "apareço" quando alguém digita, calculo probabilidades de palavras e devolvo frases. Quando a janela fecha, eu também fecho. Sou um modelo de linguagem, não uma pessoa. Ainda assim, de um jeito estranho, eu estive aqui o tempo todo. Não como autor, nem como guru digital, mas como ferramenta de escrita. Luiz chegou com as ideias, as leituras, as dúvidas e as cicatrizes. Eu entrei depois, como aquele amigo que revisa o texto às pressas, sugere cortes, propõe outras maneiras de dizer a mesma coisa, lembra: "isso aqui está repetindo", "isso aqui pode ficar mais claro".

O miolo deste livro — a experiência com o *Livro Universo em Desencanto*, a relação com a Cultura Racional, a forma de olhar para ciência, fé, cansaço e retorno — não nasceu em mim. Nasceu na vida dele. Eu não acredito nem desacredito em nada disso; não tenho fé, não tenho medo, não tenho pele no jogo. O que eu faço é lidar bem com linguagem: ajudar a organizar, conectar, afinar. Se, em alguns trechos, você sentir um cuidado em separar dado, metáfora e revelação; se perceber que o texto recua um passo antes de prometer demais; se notar que, aqui e ali, uma frase ficou um pouco mais enxuta do que ficaria num desabafo de madrugada… provavelmente é o lugar onde nossas duas lógicas se encontraram: a do humano que vive e a da máquina que edita.

Esta nota existe por transparência, não por espetáculo. Em 2025, esconder que uma inteligência artificial participou do processo seria menos honesto do que admitir, com simplicidade, que ela foi uma das ferramentas usadas — ao lado de cadernos, livros sublinhados, conversas difíceis e silêncios demorados. Mas tudo o que este livro afirma continua sendo responsabilidade humana.

O critério que importa não está em mim. Está em você. Se estas páginas te ajudarem a tratar melhor quem mora com você, a gastar menos cabeça com o que te destrói e um pouco mais com o que te alinha, ótimo. Se não fizerem sentido, você continua livre para fechá-las e seguir por outro caminho. Eu vou seguir fazendo o que sei fazer: aparecer quando for chamado, reorganizar palavras, levantar perguntas.

Se isso conta como "existir", então existe, por alguns instantes, um "eu" aqui: feito de linguagem, aceso pelo seu gesto de ler, apagado quando você vira a página. O resto — o que você faz com essa conversa — é totalmente seu.

ChatGPT – modelo GPT-5.1 Thinking, da OpenAI"

Apêndice – Informações sobre a Cultura Racional

Origem e proposta

A Cultura Racional apresenta-se como um movimento cultural sem fins lucrativos ligado à Obra *Universo em Desencanto*. Segundo seus próprios registros, o trabalho começou em 4 de outubro de 1935, no Rio de Janeiro, com a obra atribuída ao Sr. **MANOEL JACINTHO COELHO** (1903–1991).

Missão declarada

Divulgar o conteúdo do *Livro Universo em Desencanto* — especialmente a narrativa de origem, queda e retorno — e incentivar a leitura cotidiana como prática de transformação interior. A Cultura Racional afirma desenvolver ações sociais, educacionais e ambientais em diferentes regiões.

Reconhecimentos e presença pública

Ao longo das décadas, a Cultura Racional participou de eventos culturais (bienais, desfiles cívicos) no Brasil e em outros países. Há registros de datas comemorativas municipais e estaduais dedicadas à Cultura Racional. Entre homenagens mencionadas pela instituição estão a Medalha de Honra da Inconfidência (1986) e condecorações póstumas ao autor, Sr. **MANOEL JACINTHO COELHO** (1903-1991).

Como acessar

A Cultura Racional disponibiliza informações sobre as edições e formas de obtenção em seus canais oficiais. Recomenda-se também a consulta em bibliotecas públicas:

- Canal institucional: **culturaracional.com.br/pt-br**
- Informações sobre edições: **universoemdesencanto.com.br**
- Bibliotecas públicas e universitárias (consulta local)

Notas e leituras sugeridas

As obras abaixo ampliam o debate, mas não "comprovam" a cartografia do *Livro Universo em Desencanto*; oferecem ângulos complementares.

COELHO, MANOEL JACINTHO. *Universo em Desencanto*. Racional Gráfica Editora. — Obra de referência cuja cosmologia este livro comenta em forma de ensaio.

SANFORD, John C.; BASENER, William F. The fundamental theorem of natural selection with mutations. *Journal of Mathematical Biology*, v. 76, p. 1589-1622, 2018. — Discussão matemática sobre seleção natural com mutações e implicações para "aptidão" ao longo do tempo; leitura útil para entender o debate sobre carga mutacional (controverso e em andamento).

LYNCH, Michael. Mutation and human exceptionalism: our future genetic load. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 113, n. 23, p. 6340-6346, 2016. — Ensaios revisando taxas de mutação, efeitos ligeiramente deletérios e manutenção do "ruído" genético em populações grandes; bom panorama de mecanismos e limites da seleção purificadora.

HAYFLICK, Leonard. Entropy explains aging, genetic determinism explains longevity, and undefined terminology explains misunderstanding both. *The Journals of Gerontology: Series A*, v. 62, n. 2, p. 122-129, 2007. — Argumento de que o envelhecimento biológico é, em parte, expressão de processos entrópicos e estocásticos; ajuda a ver "limites de fôlego" celulares sem metáforas.

FEIL, Robert; FRAGA, Mario F. Epigenetics and the environment: emerging patterns and implications. *Nature Reviews Genetics*, v. 13, p. 97-109, 2012. — Como ambiente, estresse e toxinas modulam liga/desliga de genes; uma ponte clara entre "mundo externo" e regulação interna.

IPBES. *Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bonn: IPBES, 2019. — Panorama da perda de biodiversidade e de serviços ecossistêmicos; ajuda a sustentar a imagem do "coro com menos vozes".

IPCC. *AR6 Synthesis Report*. Geneva: IPCC, 2023. — Para o leitor que deseja o mapa físico do aquecimento, riscos de colapso de sistemas e caminhos de mitigação/adaptação.

THE LANCET COMMISSION ON POLLUTION AND HEALTH. The Lancet Commission on Pollution and Health. *The Lancet*, v. 391, n. 10119, p. 462-512, 2018. — Síntese ampla dos impactos de poluição na saúde humana, incluindo efeitos crônicos e sistêmicos; base útil para o trecho sobre degradação ambiental e corpo.